



Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Centro de Educação e Humanidades
Instituto de Letras

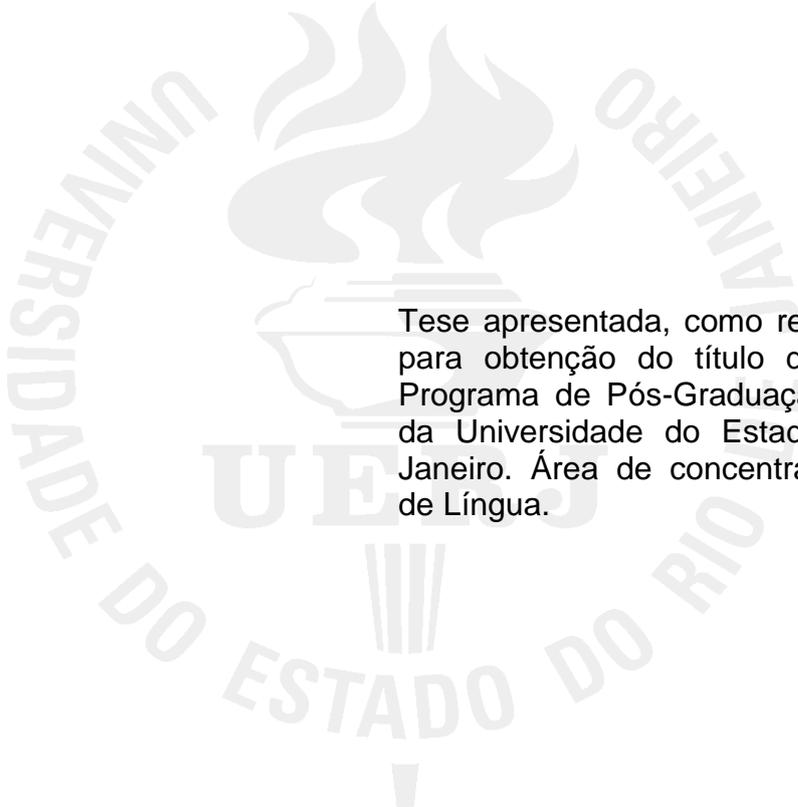
Felipe de Andrade Constancio

**Seja na sintaxe, seja no discurso: a correlação oracional em
interface**

Rio de Janeiro
2023

Felipe de Andrade Constancio

Seja na sintaxe, seja no discurso: a correlação oracional em interface



Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Estudos de Língua.

Orientador: Prof. Dr. André Nemi Conforte

Rio de Janeiro

2023

Felipe de Andrade Constancio

Seja na sintaxe, seja no discurso: a correlação oracional em interface

Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Estudos de Língua.

Aprovada em 24 de março de 2023.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. André Nemi Conforte (Orientador)
Instituto de Letras - UERJ

Prof. Dr. André Crim Valente
Instituto de Letras - UERJ

Prof. Dr. José Carlos Santos de Azeredo
Instituto de Letras - UERJ

Prof. Dr. Fernando Vieira Peixoto Filho
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof^a. Dra. Lúcia Deborah Ramos de Araujo
Colégio Pedro II

Rio de Janeiro

2023

DEDICATÓRIA

Ao Martins (meu pai), ao Marcelo (meu irmão) e à Neiva (minha irmã) – *in memoriam*. Eu sinto muita falta de vocês e eu sei que vocês estão sempre comigo.

AGRADECIMENTOS

Esta tese não teria sido concluída se eu não tivesse a orientação sempre atenta, carinhosa e constante do Prof. Dr. André Nemi Conforte. Muito obrigado por todos os ensinamentos nestes anos de convívio afetivo na UERJ.

Quero agradecer, também, aos professores que participaram da minha banca: Prof. Dr. André Crim Valente, Prof. Dr. José Carlos de Azeredo, Prof. Dr. Fernando Vieira Peixoto Filho e Prof^a. Dra. Lúcia Deborah Ramos de Araujo. Em algum momento da minha vida, quando eu mais precisei, tive a orientação segura e amiga de todos vocês.

Aos meus professores do curso de Doutorado na UERJ: Prof. Dr. Claudio Cezar Henriques, Prof^a. Dra. Darcília Marindir Pinto Simões, Prof^a. Dra. Magda Bahia Schlee, Prof^a. Dra. Maria Teresa Tedesco e Prof^a. Dra. Tânia Gastão Saliés. MUITÍSSIMO obrigado por todos os puxões de orelha necessários à minha formação.

Este trabalho deve muito aos meus pais, a Lucirlene e o Martins. Vocês me deram muito amor e carinho. Sei que os dois passaram por muitas dificuldades ao longo da vida, mas não deixaram de transmitir valores afetivos a mim e aos meus irmãos.

Muito obrigado ao Fábio (meu irmão), ao Roberto (meu irmão), ao Thiago (meu sobrinho), à Sophia (minha sobrinha) e ao Pietro (meu sobrinho). O tio ama vocês do tamanho do universo.

Agradeço ao amor da minha vida, o Diogo Wosny. Sem você a minha existência era um vazio. Você me faz feliz, dá sentido à minha vida e me faz querer ser melhor todo dia.

Não poderia deixar de agradecer a todos os meus alunos de Ensino Fundamental (meus pequenos) e os meus alunos de Ensino Médio (meus aborrecidos). Sem vocês eu não teria condições de ensinar e de amar Língua Portuguesa ao longo desses anos.

Muito obrigado ao Carlos Gustavo Pereira, à Carla Nobrega, ao Luciano Marques, à Lucile Oliveira, à Pilar Paschoal e à Taís Arantes. Vocês são amigos de verdade e estão comigo em todas as loucuras que invento. São professores que me enchem de orgulho.

O vosso desejo é conservar, no meio da federação política, a unidade literária. Tal obra exige, não só a compreensão pública, mas ainda e principalmente a vossa constância.

Machado de Assis (Discurso de posse da ABL, em 20 de julho de 1897)

A correlação é um expediente retórico, de rendimento enfático no discurso (...).

José Carlos de Azeredo

RESUMO

CONSTANCIO, Felipe de Andrade. *Seja na sintaxe, seja no discurso: a correlação oracional em interface*. 2023. 201f. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

O binômio texto/gramática é abordado, neste trabalho, de modo a oportunizar o debate em torno das categorias da gramática, necessárias à configuração de processos de textualidade e de usos linguísticos. Uma dessas categorias da gramática, do âmbito do período composto – as orações correlatas –, recebe enfoque aqui justamente por não figurar na lista de processos de articulação de orações da Nomenclatura Gramatical Brasileira (OITICICA, 1962, p. 20). No entanto, essa categoria oracional não é tratada aqui pelo mero viés descritivo, desgarrado de um projeto maior de figuração dessas unidades e suas respectivas ocorrências e registros textuais em língua portuguesa; pelo contrário, estudos em torno do complexo oracional (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014, p. 428-555) têm demonstrado que o estatuto das orações paratáticas e hipotáticas serve a propósitos mais pretensivos, quais sejam: i) assinalar que a organização dos textos e, por consequência, da textualidade vale-se dos processos paratáticos e hipotáticos no que se pode chamar de escolhas linguísticas; ii) reconhecer que, no âmbito da arquitetura textual, falante e escritor, dentre as várias opções possíveis na estrutura da língua, recorrem à estrutura que mais assume peso textual. No caso da correlação sintática, pode-se, por meio de sua ocorrência, mapear seu uso no gênero *discurso de posse* da Academia Brasileira de Letras, o que sugere pontuar alguns tópicos para discussão, a saber: a estrutura potencial do gênero *discurso de posse* (HASAN, 1989, 52-109) permite-nos assumir que há um investimento, por parte de quem escreve/profere, de processos complexos na organização correlacional de orações; o gênero discurso de posse, analisado por meio do contexto de situação, traz no seu bojo argumentativo um expediente retórico comum em cerimônias e eventos formais.

Palavras-chave: Sintaxe. Discurso. Parataxe. Hipotaxe. Correlação.

ABSTRACT

CONSTANCIO, Felipe de Andrade. *Whether it is in syntax, or in discourse: the clause correlation in interface*. 2023. 201f. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

The binomial text/grammar is addressed in this work in order to provide opportunities for the debate around the categories of grammar, since they are necessary for the configuration of processes of textuality and linguistic uses. One of these grammatical categories, within the scope of the compound sentence – the correlated clauses – receives focus here precisely because it does not appear in the list of clause articulation processes of the Brazilian Grammatical Nomenclature (OITICICA, 1962, p. 20). However, this clause category is not treated here by a mere descriptive perspective, which is known for putting the linguistics unit aside from a deep project of analysis and from their respective occurrences in textual genres in Portuguese. In opposition, the studies related to the clause building (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014, p. 428-555) demonstrate that the categories of paratactic and hypotactic clauses can be used for ambitious purposes, such as: i) pointing out that the text's organization and, consequently, paratactic and hypotactic processes make use from textuality, what can be called linguistic choices. ii) Recognizing that, within the scope of textual architecture, the speaker and the writer, among the various possible options in language structure, resort to the structure that has the greatest textual impact. In the case of syntactic correlation, it is possible, through its occurrence, to map its use in the inaugural speech genre of the Brazilian Academy of Letters, which enable this research to highlight some topics for discussion, namely: the potential structure of the inaugural speech genre (HASAN, 1989, 52-109) allows us to assume that there is a choice, on the part of the person who writes/utters, for using complex processes in the correlational organization of sentences; the inaugural speech genre, analyzed through the context of the situation, brings in its argumentative core, a common rhetorical device in ceremonies and formal events.

Keywords: Syntax. Speech. Parataxis. Hypotaxis. Correlation.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Nível hierárquico da oração.....	85
Figura 2 - Representação lógica da parataxe.....	91
Figura 3 - Representação lógica da hipotaxe.....	91
Figura 4 – Exemplo de complexo oracional (parataxe).....	93
Figura 5 – Exemplo de complexo oracional (hipotaxe).....	95

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Proposta da NGB.....	29
Tabela 2 - Período tenso.....	50
Tabela 3 – Variáveis do contexto de situação.....	79
Tabela 4 – Organização das orações complexas.....	92
Tabela 5 – Delimitação temporal do <i>corpus</i>	97
Tabela 6 - Primeira decomposição dos dados.....	100
Tabela 7 - Segunda decomposição dos dados.....	101
Tabela 8 - Variáveis do contexto de situação do gênero discurso de posse da ABL.....	111
Tabela 9 - EPG do gênero discurso de posse da ABL.....	114

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	13
1	CORRELAÇÃO SINTÁTICA E ARTICULAÇÃO DE ORAÇÕES.....	20
1.1	Bastidores da NGB.....	20
1.2	Coordenação, subordinação, justaposição e correlação.....	22
1.3	Correlação sintática na gramaticografia portuguesa.....	26
1.4	Correlação sintática na coordenação e na subordinação.....	28
2	CORRELAÇÃO SINTÁTICA E ESTRUTURALISMO.....	30
2.1	Discurso anticorrelação.....	30
2.2	Discurso pró-correlação.....	32
2.3	Período composto e orações correlatas na gramática contemporânea.....	34
2.4	Tipos de orações correlatas.....	38
3	CORRELAÇÃO SINTÁTICA NA COMÉDIA, NA POÉTICA E NA ESTILÍSTICA.....	40
3.1	Correlação sintática na comédia.....	40
3.2	Correlação sintática na poética.....	42
3.3	Correlação sintática na estilística.....	44
3.3.1	<u>Correlação e período tenso</u>	47
3.3.2	<u>Prótase e apódose</u>	49
4	CORRELAÇÃO SINTÁTICA E FUNCIONALISMO LINGUÍSTICO....	52
4.1	Abordagem funcionalista da linguagem.....	52
4.2	Correntes funcionalistas.....	56
4.3	Sintaxe funcional.....	61
4.4	Tratamento da correlação sintática no funcionalismo.....	66

5	CORRELAÇÃO SINTÁTICA SOB A ÓTICA DA GRAMÁTICA SISTÊMICO-FUNCIONAL (GSF).....	71
5.1	Linguagem, língua, gramática e texto na perspectiva da GSF.....	71
5.2	Contexto de cultura e contexto de situação.....	75
5.3	Metafunções da linguagem.....	80
5.4	Tratamento da oração na GSF.....	85
5.5	Complexo oracional.....	90
5.5.1	<u>Parataxe.....</u>	93
5.5.2	<u>Hipotaxe.....</u>	94
6	METODOLOGIA.....	96
6.1	Configuração do <i>corpus</i>.....	96
6.2	Coleta dos dados.....	98
6.2.1	<u>Dados de natureza quantitativa.....</u>	98
6.2.2	<u>Dados de natureza qualitativa.....</u>	99
6.3	Decomposição dos dados.....	100
6.4	Interpretação dos dados.....	102
7	CORRELAÇÃO SINTÁTICA NOS DISCURSOS DE POSSE DA ABL.....	105
7.1	Discurso de posse da ABL e contexto de cultura.....	105
7.2	Discurso de posse da ABL e contexto de situação.....	108
7.3	Estrutura Potencial do Gênero (EPG) discurso de posse da ABL.....	112
7.4	Correlatas complexas no discurso de posse da ABL.....	116
7.4.1	<u>Correlatas aditivas.....</u>	116
7.4.2	<u>Correlatas alternativas.....</u>	118

7.4.3	<u>Correlatas comparativas</u>	120
7.4.4	<u>Correlatas consecutivas</u>	123
7.4.5	<u>Correlatas complexas inesperadas</u>	125
7.5	Correlatas simples no discurso de posse da ABL	126
	CONCLUSÃO	130
	REFERÊNCIAS	133
	APÊNDICE A – Corpus 1	140
	APÊNDICE B – Corpus 2	185

INTRODUÇÃO

Depois de mais de meio século de existência, a Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB), criada em 11 de maio de 1959, ainda enseja muitas discussões em torno de seus alegados acertos, erros e lacunas terminológicos e conceituais. Releituras da NGB têm demonstrado, ao longo da história dos estudos linguísticos e filológicos, que muitas categorias gramaticais poderiam/deveriam receber o devido acolhimento descritivo e classificatório, e é por essa razão que o documento é frequentemente revisitado e rediscutido.

No âmbito da abordagem do período composto, após a publicação da portaria da NGB (HENRIQUES, 2009, p. 129), foram contemplados os processos de articulação de orações chamados de coordenação e subordinação, e a proposta de inclusão de outros processos, como a justaposição e a correlação, ficou restrita à abordagem de autores que optaram por não se cingir à nomenclatura aprovada. O embate entre correntes que ora defendem a correlação sintática como um processo produtivo de articulação de orações e que ora não a reconhecem é retomado aqui, pela via do antagonismo de autores como Oiticica (1962) e Câmara Jr. (1972), entre outros.

Já na segunda metade do século XX, Oiticica (1962) torna-se um entusiasta da correlação sintática e passa a defendê-la por meio do argumento de que as orações correlatas fundam um estatuto bastante particular de organização dos períodos. No outro extremo, Câmara Jr. (1972) não reconhece essa particularidade da correlação a ponto de incluí-la nos processos de coordenação e subordinação. Neste trabalho, o posicionamento adotado é o de que a correlação, de fato, constitui um estatuto oracional com suas peculiaridades já consolidadas em termos de organização do período composto. O percurso teórico adotado para a consolidação desse reconhecimento da correlação, como estatuto oracional particular, perpassa as correntes estruturalista e funcionalista, sendo esta última a responsável por boa parte da defesa que se faz em torno da correlação sintática.

Dessa forma, recorre-se ao arcabouço teórico da Gramática Sistêmico-Funcional (GSF), uma corrente dos estudos funcionalistas fundada pelo linguista britânico Michael Alexander Kirkwood Halliday em meados do século XX

(HALLIDAY, 1976; 2014). *Grosso modo*, a GSF¹ entende a língua como uma rede de sistemas interligados – por isso a noção sistêmica – e, ao mesmo tempo, a contempla por meio dos significados inerentes às estruturas gramaticais – por isso a noção funcional (CABRAL; FUZER, 2014).

Não é gratuita a escolha da GSF para boa parte da fundamentação teórica adotada nesta pesquisa. De fato, essa linha teórica funcionalista concebe a linguagem por meio de suas metafunções, a saber: a metafunção ideacional (representação do mundo por meio da linguagem), a metafunção interpessoal (troca de experiências por meio da linguagem) e a metafunção textual (organização da linguagem em textos concretos) (HALLIDAY, 1976, p. 134-160). Trata-se, portanto, de uma teoria que concebe o texto como organização habilitadora das experiências humanas no mundo da linguagem.

Por isso, a GSF oferece um aparato consistente no tratamento da correlação sintática. Para dar conta da manifestação desse tipo de estrutura sintática em um gênero discursivo concreto, recorre-se aqui aos discursos de posse da Academia Brasileira de Letras (ABL), um gênero que é essencialmente planejado na escrita e posteriormente proferido em sessão solene da ABL. Vale ressaltar que, conforme sugere Bonfim (2004, p. 33-34), os discursos de posse configuram-se como um gênero do discurso em que se pode elencar uma série de atos de linguagem (agradecer, mencionar problemas, advertir, manifestar satisfação, expor crenças e comprometer-se perante o público). Como se vê, este trabalho parte do princípio de que as orações correlatas ocorrem, assim como outras estruturas, nos discursos de posse como um recurso produtivo e retórico.

Dessa forma, algumas estruturas retóricas – uso acentuado de expressões superlativas, de pronomes de tratamento mais formais, de expressões latinas etc.) – ancoram as condições de produção dos discursos de posse e são, por assim dizer, recursos que participam da previsibilidade organizacional desse tipo de proferimento público, seja ele político, seja ele solene.

Para lidar especificamente com a interface observada entre um tipo de estrutura sintática de conexão de orações (as orações correlatas) e um gênero²

¹ Embora haja, em farto referencial teórico, a nomenclatura Linguística Sistêmico-Funcional, opta-se, neste trabalho, pela designação Gramática Sistêmico-Funcional.

² Neste trabalho, opta-se pela designação “gênero” para lidar com os discursos de posse da ABL. Embora alguns autores prefiram se referir a um “subgênero”, a escolha da terminologia “gênero” oferece alguma estabilidade no tratamento dos discursos de posse, como se verá à frente.

textual ultramonitorado³ (o discurso de posse), uma pergunta que orienta esta pesquisa se faz necessária, a saber: o gênero discurso de posse da ABL manifesta prototipicamente, em sua construção, estruturas sintáticas de maior peso lógico-semântico, como as estruturas correlativas, para, de fato, emoldurar uma situação comunicativa em que a força retórica se faz necessária? Esta pergunta, como se vê, deve ser respondida por meio de objetivos circunscritos a essa interface.

Como objetivo geral, esta pesquisa busca mapear e descrever, com o aparato da GSF, estruturas correlatas que manifestam conteúdos lógico-semânticos que conferem maior peso textual à organização dos discursos de posse da ABL. Como objetivos específicos, busca-se: a) descrever as orações correlatas por meio da conjunção de teorias que partem de estudos da tradição gramatical e da gramática dita funcional; b) descrever as orações correlatas a partir do construto teórico da GSF, de modo a caracterizar esse tipo de estrutura materializada em texto; c) caracterizar o gênero discurso de posse como um gênero ultramonitorado, planejado no *continuum* escrita-fala; d) oferecer aos estudos funcionalistas uma contribuição acerca da noção de que unidades da gramática constituem usos reais da linguagem.

Além da introdução e da conclusão, o trabalho é organizado em torno de sete capítulos. Como se poderá observar, parte-se de uma análise acerca de como a tradição gramatical enxerga os processos de conexão de orações para, paulatinamente, chegar ao modo como o funcionalismo linguístico, em suas distintas versões, enxerga o mesmo processo. Esse percurso não é adotado arbitrariamente, uma vez que o estatuto da correlação sintática, embora receba pouco investimento descritivo, foi revisitado por distintas correntes nos estudos gramaticais.

Para a reconstrução da abordagem histórica em torno da correlação sintática, o primeiro capítulo retoma abordagens anteriores e posteriores ao projeto da NGB, para sinalizar opções teóricas de compêndios e de manuais de análise sintática difundidos no século XX com o objetivo de instaurar um quadro descritivo em que não havia clareza em relação ao processo de articulação de orações (cada autor parecia ter a sua própria descrição), uma vez que coordenação e subordinação eram vistas como processos oracionais únicos na esfera do período composto.

³ O conceito de gênero ultramonitorado será retomado mais à frente, quando o *corpus* de análise for detalhado. Por ora, vale acrescentar que o conceito de ultramonitoramento aqui tem a ver com o planejamento envolto à produção dos discursos de posse.

São revisitados, nesta parte, autores como Góis (1947), Pereira (1938; 1949), Almeida (1951), Lima (1956), Ali (1964; 1965), Melo (1954), Bechara (1976), Luft (1978), Cunha (1979), entre outros, para a configuração dos bastidores da NGB, em que havia posições divergentes em torno do período composto. Dessa forma, é possível perceber o embate de ideias que foi esse período da história da gramaticografia brasileira, sobretudo no que tange à pouca relevância que obteve a correlação sintática na descrição de determinados autores.

No segundo capítulo, revisita-se o estruturalismo para se extraírem as oposições dicotômicas que deixaram marcas descritivas consideráveis no cenário descritivo brasileiro. Embora não se possa afirmar taxativamente que a divisão do período composto em coordenação e em subordinação tenha sido herdada diretamente do estruturalismo saussuriano, é inegável certa permanência das ideias estruturalistas do século XX na gramaticografia brasileira, frequentemente retomadas em manuais e gramáticas. No embate de ideias como as de Oiticica (1947; 1962) e Câmara Jr. (1972), é possível observar o confronto sobre a relevância das orações correlatas no quadro descritivo mencionado.

O terceiro capítulo deste trabalho é dedicado aos estudos retóricos, argumentativos e estilísticos envoltos à expressão da correlação sintática. Retomam-se os trabalhos pioneiros de autores brasileiros sobre as orações correlatas, sendo consideradas, *grosso modo*, a partir de um viés estilístico, já que os trabalhos resgatados assumem marcas da chamada crítica textual e, particularmente, debruçam-se sobre textos literários.

Situam-se nesta esfera os trabalhos de Garcia (2010), voltado ao estudo estilístico da correlação na perspectiva da chamada tensão estilístico-argumentativa observada nesse tipo de estatuto gramatical; de Chediak (1971), inclinado ao estudo dos conectores da correlação na poética camoniana; e, finalmente, de Pauliukonis (1989), que se debruçou sobre a comédia clássica para investigar como a correlação sintática assume um peso argumentativo relevante.

No quarto capítulo, iniciam-se as bases teóricas propriamente fundantes da investigação que se opera neste trabalho sobre a correlação sintática: são trazidas à tona as contribuições dos estudos funcionalistas mais recentes, que trouxeram maior clareza em relação à relevância do estatuto gramatical e funcional das chamadas orações correlatas. Dessa forma, tornam-se relevantes os trabalhos pioneiros de Pezatti (1999) – com um estudo consistente sobre a correlação no âmbito do texto

falado; MÓDULO (2004), que estudou os processos de gramaticalização de conjunções correlativas; ROSÁRIO (2018), cuja investigação circunscreveu-se ao âmbito das chamadas construções correlatas.

A pesquisa ora proposta parte desses estudos, justamente pelo fato de serem pioneiros no âmbito do funcionalismo linguístico, mas pretende oferecer um contributo à área, de modo a utilizar uma promissora ferramenta teórica – a Gramática Sistêmico-Funcional – para, de fato, reconfigurar os estudos em torno da correlação sintática sob um viés em que o texto/discurso passa a ser base em que se opera uma descrição das unidades de uso da linguagem.

Seguindo esse viés teórico, o quinto capítulo debruça-se especificamente na vertente da GSF, para traçar um panorama a respeito de como as unidades da língua e, conseqüentemente, os textos são concebidos no seio desta corrente dos estudos funcionalistas. Além de caracterizar a linguagem por intermédio da esfera sociosemiótica (HALLIDAY; HASAN, 1989), a GSF oferece a oportunidade de conceber a linguagem na esfera das suas metafunções, a saber: a linguagem estrutura a experiência do falante com o mundo real (metafunção ideacional); a linguagem serve para manter relações sociais (metafunção interpessoal); a linguagem capacita o usuário da língua a construir textos (metafunção textual) (HALLIDAY, 1976).

Além de oferecer uma sólida compreensão sobre o fenômeno da linguagem, a GSF também oferece uma relevante contribuição ao entendimento do complexo oracional (HALLIDAY, 2014). No quinto capítulo, há um apanhado acerca das principais peculiaridades do chamado complexo oracional⁴, na perspectiva de Halliday (2014). Nesse capítulo, encontra-se a discussão sobre as diferenças perceptíveis entre as designações *período composto* (terminologia adotada pela NGB) e *complexo oracional* (terminologia adotada pela teoria de corrente britânica). Como se verá, há uma diferença primordial entre essas designações, uma vez que o entendimento de complexo oracional está, sem sombra de dúvida, relacionado à organização da mensagem (ou seja, o complexo oracional habilita a organização de textos na GSF). É nesta teoria que estão alocadas as noções basilares de *parataxe* e *hipotaxe*, recorrentemente mencionadas neste trabalho.

⁴ De acordo com a teoria da GSF, “complexo oracional” equivale a “clause complex”, conforme os pressupostos de Halliday e Matthiessen (2014).

No sexto capítulo, encontra-se o percurso metodológico adotado para o empreendimento desta pesquisa. De imediato, é importante salientar que o escopo teórico e a análise do *corpus* – o gênero *discurso de posse da ABL* – assumem direcionamento de base qualitativa, ao passo que a coleta e a organização dos dados assumem direcionamento quantitativo. Pode-se dizer que, na maior parte da pesquisa, os dados quantitativos oferecem apenas subsídios para um melhor entendimento de como as estruturas correlativas são frequentes e recorrentes no gênero em análise. Vale mencionar que a pesquisa é orientada pelo viés qualitativo, em sua configuração geral.

Por fim, no sétimo capítulo, encontra-se a caracterização do gênero *discurso de posse*. Por se tratar de um gênero que assume forte teor retórico-argumentativo, recorrer-se-á a autores como Souza (1999) e Fiorin (2014), para resgatar a relevância da retórica como práxis do planejamento e, conseqüentemente, do proferimento dos discursos de posse (trata-se de um gênero preparado para uma audiência solene).

Autores como Bonfim (2004) e Silva (2011) foram pioneiros no tratamento do gênero *discurso de posse*. Com trabalhos essencialmente voltados à análise do domínio político, resgataram discursos de posse dos presidentes do Supremo Tribunal Federal e da República, o que sinaliza, no atual estado da arte, a ausência de trabalhos destinados à análise de discursos de posse da Academia Brasileira de Letras (ABL). Os discursos de posse desta instituição são organizados, como se verá, de modo distinto dos discursos políticos.

No seio da teoria sistêmica, recorrer-se-á à Estrutura Potencial do Gênero (HASAN, 1989) para a configuração do contexto de situação envolto à produção do gênero discurso de posse. O trabalho de Constancio e Schlee (2021) retomou os pressupostos da estrutura potencial dos discursos de posse da ABL e sinalizou que, neste gênero, há variáveis que devem ser consideradas para a previsibilidade do seu formato enquanto gênero, a saber: variável *campo* (os discursos de posse são elaborados para agradecer a uma comunidade; para mencionar uma história pessoal etc.); variável *relações* (os discursos de posse se dirigem a um público específico: confrades, familiares e convidados); variável *modo* (nos discursos de posse, o texto é preparado na modalidade escrita e, depois, é proferido na modalidade oral).

A produção escrita dos discursos de posse, como se vê adiante, envolve o domínio do nível de linguagem ultramonitorado⁵. Dessa forma, os discursos de posse assumem a seguinte peculiaridade: não são produzidos como boa parte dos gêneros que, primeiramente, são produzidos oralmente e, em seguida, assumem, na modalidade escrita, um formato e uma funcionalidade. Os discursos de posse são planejados e assumem um expediente retórico propício a estruturas da língua que são mais complexas, como as orações correlatas (cognitivamente, esse estatuto oracional “exige” um maior grau de monitoramento da língua, tanto na fala como na escrita).

É importante salientar que a transposição de uma teoria baseada e descrita na língua inglesa requer adaptações em relação à sua aplicação ao português. Embora essa transposição passe por certas adequações e renúncias descritivas, a GSF oferece subsídios consistentes – especialmente no que se refere a uma abordagem do contexto aplicada à arquitetura da gramática - para um melhor entendimento de como se estruturam e funcionam as orações correlatas em uso.

⁵ Autores como Faraco e Vieira (2020, p. 34) mencionam a “consciência sintática” do usuário da língua diante de estruturas relacionadas à escrita formal.

1 CORRELAÇÃO SINTÁTICA E ARTICULAÇÃO DE ORAÇÕES

O presente capítulo revisita os bastidores da NGB para resgatar a descrição do período composto. Nesta breve incursão da história do pensamento linguístico em torno do período composto, fica evidente o enfoque que recebem as orações coordenadas e subordinadas.

Seguindo uma vertente pautada nas categorias dicotômicas da tradição gramatical em grande medida conduzida pelo estruturalismo, a NGB elege a coordenação e a subordinação como processos únicos de articulação de orações. A justaposição e a correlação, tratadas por poucos autores e manuais de análise sintática, tornaram-se objeto de pouca investigação no cenário descritivo da tradição gramatical.

1.1 Bastidores da NGB

O ensino da análise sintática, fomentado pela chamada análise lógica, cuja herança advém da produção das chamadas gramáticas filosóficas (UCHÔA, 2010, p. 21-27), tornou-se hegemônico no cenário brasileiro entre o final do século XIX e durante todo o século XX. Os professores de língua portuguesa (e até mesmo profissionais que não se situavam na área) sentiam-se compelidos a adotar sua própria nomenclatura particular para lidar com a nova prática de ensinar português – analisar sintaticamente orações e períodos que eram modelos de boa escrita e que, portanto, eram coletados de autores e de suas respectivas coletâneas.

O linguista brasileiro Joaquim Mattoso Câmara Jr. (1972, p. 56) afirmava que esse cenário de proliferação de nomenclaturas e de produção em massa de manuais e gramáticas de português criava um problema para o tratamento de questões concernentes ao ensino e, por consequência, não trazia segurança em termos de solidez descritiva. A partir da portaria que instituiu a NGB, em 1959, os manuais e as gramáticas passaram a adotar uma lista de termos cuja ampla divulgação (iniciada inclusive pelo Ministério de Educação e Cultura) alcançou o espaço da escola e das universidades.

Acerca do cenário em que se delineava a NGB, assim se posiciona Câmara Jr. (1972, p. 56):

Da minha parte, tenho a dizer de início que considero a nova Nomenclatura Gramatical um excelente passo para combater o arbítrio e a fantasia individual em matéria de nomenclatura. No séc. XIX, dizia-se que todo professor de filosofia alemão se achava obrigado a criar um sistema filosófico seu. A Alemanha é a terra da Filosofia; no Brasil, que é a terra da Gramática, todo professor de português se acha obrigado a criar uma nomenclatura gramatical sua.

Retomando este processo de gramatização, em que uma língua ganha instrumentos – dicionários e gramáticas – para o seu ensino e difusão, Orlandi (2013, p. 17) defende a hipótese de que, mesmo na tentativa de padronizar o ensino de gramática e de sua decorrente nomenclatura, houve o monopólio por parte de algumas instituições de ensino acerca do que se devia ensinar nas aulas de Português no imaginário da sociedade brasileira. Esse monopólio, segundo a autora (2013, p. 17), foi constituído pelas famosas escolas de ensino básico (Colégio Culto à Ciência, em Campinas, Colégio Pedro II, no Rio de Janeiro, Liceu Cuiabano, em Mato Grosso etc.) que, à época, assumiram a tarefa de tornar homogêneo o ensino dos conteúdos gramaticais.

Embora a iniciativa de padronização tenha recebido fomento de instituições modelares no ensino de língua, cabe mencionar que essa homogeneização criou lacunas, seja no tratamento das unidades da gramática, seja no processo da classificação dessas unidades. De acordo com Orlandi (2013, p. 215), “a gramática torna-se assim o lugar de visibilidade desse saber legítimo que pertence à sociedade brasileira como um todo”, o que, de certa maneira, passa a questionar abordagens de determinados autores a respeito do ensino da análise sintática, de modo a torná-lo homogêneo nas obras produzidas a partir de 1959.

Por meio da portaria da NGB, o estudo do período passa a ser concebido na dicotomia período simples *versus* período composto. No âmbito do chamado período composto, a lista da NGB, pensada e elaborada por gramáticos e filólogos como Antenor Nascentes, Carlos Henrique da Rocha Lima e Celso Ferreira da Cunha (HENRIQUES, 2009, p. 16-17), entre outros, contemplou, para fins descritivos da tradição gramatical, apenas as orações coordenadas e subordinadas.

Tentativas isoladas, como a de Oiticica (1947), que reconheciam a necessidade de inclusão dos períodos compostos por justaposição e por correlação, não tiveram espaço na proposta da NGB. Depois de mais de meio século, autores e especialistas reivindicam, por intermédio de abordagens distintas dos estudos linguísticos, tratamentos descritivos consistentes para a defesa de que a justaposição e a correlação são processos de articulação de orações no âmbito do período composto.

1.2 Coordenação, subordinação, justaposição e correlação

Na metade do século XX, Oiticica (1962, p. 15) foi um dos primeiros filólogos a notar a necessidade de descrição do período composto por este viés:

Os autores, antes do *Manual de Análise*, reconheciam apenas duas estruturas para o período composto: *coordenação e subordinação*. Eu estatuí quatro: *coordenação, subordinação, correlação e justaposição*.

(...)

Para classificar os períodos compostos temos de observar-lhes a estrutura e reconhecer os tipos reais deparáveis.

Outros filólogos e gramáticos, valendo-se da herança dicotômica de correntes formalistas, optaram pela oposição entre coordenação e subordinação. A despeito de todas as diferenças notáveis no processo de articulação das orações ditas correlatas – objeto de análise da próxima unidade –, optaram pela diluição dos casos de correlação no interior dos períodos formados por orações coordenadas e subordinadas.

Gramáticos, como Góis (1947, p. 15), valendo-se da noção de que a “análise lógica é a decomposição do período em orações, e das orações em relações”, pontuam a ocorrência de apenas dois tipos de encadeamento oracional – a coordenação e a subordinação. Segundo Góis (1947, p. 27-28): “oração coordenada é a que vem *ligada*, ou *juxtaposta (sic)* à oração principal, ou a outra coordenada” e “oração subordinada é a que vem *regida de conectivo subordinativo*, isto é, de ‘conjunção de 2ª classe’, ou de ‘pronomes relativos’”.

Góis (1947, p. 45) chega a mencionar um tipo específico de “conjunções de 2ª classe” – as conjunções “correlativas” – e utiliza exemplos, como “Creso era *tão* rico *que* ignorava o valor de seus tesouros”, mas não exclui o exemplo do círculo das orações subordinadas.

Pereira (1938; 1949), nas sucessivas reedições de sua obra *Gramática expositiva – cursos superior e elementar*, assim busca diferenciar subordinação e coordenação (PEREIRA, 1938, p. 277):

PROPOSIÇÃO COMPLEXA é a que contém duas ou mais proposições simples, tendo uma delas o sentido principal modificado pela outra ou outras, que a ela se prendem por partículas subordinativas, que são – *adjetivo, pronome e advérbios conjuntivos e conjunções subordinativas*, bem como pelo *verbo no modo infinitivo puro ou preposicional*.

(...)

PROPOSIÇÃO COMPOSTA é a que contém duas ou mais proposições simples ou complexas COORDENADAS, que, quanto ao CONECTIVO, são SINDÉTICAS ou ASSINDÉTICAS e JUXTAPOSTAS.

Além de não fixar com clareza as diferenças nocionais entre “proposição complexa” e “proposição composta”, o autor ainda cria uma terceira categoria oracional para explicar a formação do período composto por coordenação (PEREIRA, 1949, p. 142): “proposição independente é a que forma por si sentido completo, devendo ter o seu verbo no *indicativo, condicional ou imperativo*”. Ainda na obra *Gramática expositiva: curso elementar*, Pereira (1949, p. 144) define que “proposição subordinada é a que depende de outra, que é a sua SUBORDINANTE e cujo sentido completa”. O autor não faz alusão às peculiaridades sintáticas das orações correlatas.

Seguindo a tradição gramatical latina, Almeida (1951, p. 410-411) opta, igualmente, por classificar orações coordenadas e subordinadas como orações independentes e dependentes: “proposição independente, também chamada absoluta, é a que forma, por si, sentido completo ou independente” e “proposição subordinada, dependente ou secundária é a que (...) modifica o sentido de outra de que depende”. Como se vê, Almeida (1951) separa o período composto em apenas dois tipos, sem fazer menção à existência de particularidades de possíveis orações organizadas por intermédio de correlação sintática.

O posicionamento de Lima (1956, p. 51), no entanto, foge à regra dos manuais de análise sintática anteriores. Com uma visão mais contemporânea sobre o processo de articulação de orações, menciona o autor: (1956, p. 51): “(...)

apresenta o período quatro estruturas típicas. São os processos sintáticos: coordenação; subordinação; correlação; justaposição”.

Lima (1956, p. 51) diz que “há coordenação sempre que se sucedem elementos da mesma função”; já no período composto por subordinação, o autor (1956, p. 55) considera que “as orações estão, entre si, em condições diferentes, não têm a mesma função”. Como se observa, o tratamento do autor em relação à coordenação e à subordinação abandona, em certa medida, os fatores semânticos – dependência e independência – no estudo do período.

Sobre a correlação sintática, assim se posiciona Lima (1956, p. 66):

Neste processo sintático, de características absolutamente próprias, não há independência das orações componentes do período, como na coordenação; nem subdependência, como na subordinação. Existe, ao revés, par dependência.

Considerando ainda na constituição do período a justaposição, Lima (1956, p. 69) afirma que, nesse processo sintático de articulação, “as orações são independentes quanto à forma, porém profundamente entrelaçadas pelo sentido”. A visão que o gramático apresenta em relação à correlação e à justaposição é, para a época, uma abordagem moderna em termos de descrição linguística do período composto. Vale dizer que esse olhar pioneiro é anterior à NGB e, por isso, situa o estudo do período composto numa ótica sintática pouco comum na construção do imaginário da tradição gramatical em que a obra de Lima (1956) foi escrita.

Em relação ao mesmo parâmetro classificatório instaurado pela NGB, Ali (1964, p. 130) reconhece apenas dois tipos de “oração composta”. O filólogo defende que a “combinação coordenativa” caracteriza-se pela formação de uma “oração inicial” seguida de “orações seguintes” e defende, ainda, que a “combinação subordinativa” é formada por meio das relações “de uma oração principal” seguida de outras orações “secundárias ou subordinadas”. Em outra obra, Ali (1965, 272-273) faz menção aos termos “parataxe” e “hipotaxe” para se referir, respectivamente, aos processos de coordenação e subordinação, mas não menciona particularidades das orações complexas correlatas.

Adotando uma postura teórica mais autônoma, Melo (1954, p. 121), além de adotar os processos de coordenação e de subordinação, faz alusão ao processo da correlação sintática (para o gramático, trata-se de um processo de intensificação

oracional), sobre o qual usa a seguinte definição: “correlação é um processo mais complexo em que há, de certo modo, interdependência” (MELO, 1954, p. 121). Com essa definição, anterior ao projeto da NGB, o gramático torna-se um dos poucos a defender um estatuto próprio no ideário descritivo dos manuais de análise sintática, muito difundidos no processo da gramatização brasileira antecedente à NGB.

Bechara (1976, p. 106) reconhece a proposta de Oiticica (1962), mas adota um percurso descritivo paralelo à NGB, em que só há dois tipos de organização do período composto: por meio da independência sintática (período composto por coordenação) e por meio da dependência sintática (período composto por subordinação). Bechara (1976, p. 106) assim pontua: “(...) sinto não adotar a lição do mestre por julgar que *coordenação* e *subordinação* (...) não estão no mesmo plano da *correlação* e *justaposição*”. Embora a tentativa de justificar a exclusão dos processos de correlação e justaposição seja notória, ela, em si, prova, nas palavras do gramático, que os processos são distintos.

Na gramática de Luft (1978, p. 145), há clara alusão à escolha da NGB: “como se vê, a *NGB* restringe-se aos dois tipos clássicos de estruturação do período: *coordenação* / *subordinação*”. O autor traz, de modo enfático, a defesa de que a portaria operou um recorte essencial à organização do período composto, leia-se: “os elaboradores da *NGB* fizeram bem pronunciando-se por essa bipartição clássica, não considerando processos especiais a correlação e justaposição”. O autor, em sua breve análise do período composto, rechaça todas as distinções evidentes em torno das orações correlatas e justapostas.

Por fim, Cunha (1979, p. 551-552) opta por uma descrição do período composto que atenda ao critério da “autonomia gramatical”: as orações “que são autônomas” são chamadas de coordenadas, já “as orações sem autonomia gramatical” são reconhecidas, segundo o autor, como orações subordinadas. No âmbito da descrição das orações subordinadas adverbiais, Cunha (1979, p. 565) sugere que “os elementos que expressam a proporção podem estar correlacionados” e usa o exemplo “*Quanto mais* descia, *tanto mais* se tranquilizava”, sem, no entanto, reconhecê-lo como período composto organizado por intermédio da correlação sintática.

Como se pode observar, os manuais e as gramáticas elaborados no período anterior e posterior à portaria da NGB adotam, em sua grande maioria, apenas as orações coordenadas e subordinadas para efeitos de articulação das partes do

período. Indubitavelmente, esse recorte é encontrado, como um parâmetro, na tradição descritiva da análise sintática.

Estudos recentes, como o de Dias e Rodrigues (2010, p. 25), consideram que “a justaposição seria, assim, na abordagem funcionalista, uma forma de articulação de cláusulas”. Assim como a justaposição, a correlação sintática, diferentemente da abordagem operada no século XX, passou a ser objeto de estudo de diferentes correntes linguísticas contemporâneas.

1.3 Correlação sintática na gramaticografia portuguesa

Motivados por questões gramaticais e ideológicas, alguns filólogos demonstraram, ainda no século XX, que a correlação sintática deveria constituir um estatuto gramatical à parte. Nessa linha, encontram-se as ponderações de Oiticica (1947, p. 246), o primeiro filólogo a organizar um estudo⁶ sistemático sobre o estatuto da correlação sintática:

Insisto, pois, na necessidade de considerar-se a correlação processo de composição do período diferente da coordenação e da subordinação. Só assim podemos, com segurança, habilitar o aluno a reconhecer as correlações latentes, comuníssimas nos clássicos, e impedir que erre na classificação, dando-as como uma das três subordinadas.

Segundo Valente (1998, p. 51), também são precursores os trabalhos de Melo (1954) e de Lima (1956). Ambos colocam em xeque a necessidade de considerar as orações correlatas como um estatuto particular na esfera da organização do período composto. Esses trabalhos têm em comum o fato de serem pioneiros, em termos de descrição das orações correlatas, o que, sem sombra de dúvida, assegura a noção de que motivaram muitos outros estudos linguísticos a partir da primeira metade do século XX.

Procurando desfazer as limitações impostas pela NGB e adotando a noção de que “o sistema linguístico põe à disposição do falante diferentes arranjos sintáticos para a expressão de relações semânticas, lógicas e argumentativas” (CARONE,

⁶ Trata-se da obra *Teoria da correlação*, que foi publicada em 1952, e é frequentemente revisitada nos estudos estruturalistas e funcionalistas. Neste trabalho, é utilizada, para fins de citação, a segunda edição, de 1962.

2006, p. 77), os filólogos defensores do processo da correlação não só sinalizaram as sutilezas estruturais dessas orações, como também defenderam que, por meio de estruturas correlatas, é possível a “expressão do pensamento”, conforme sugere Melo (1967, p. 288):

Excluir a correlação como processo sintático, capitulando-a na subordinação certamente não é ater-se à nomenclatura, mas impor doutrina, para alguns certa, para outros duvidosa, para tais outros, como eu, errônea. Já disse, neste mesmo livro, que a coordenação, a subordinação e a correlação constituem processos diferentes e irreduzíveis de expressão do pensamento (...).

Os estudos pioneiros em torno da correlação fomentaram, durante décadas, outros estudos relacionados à estilística, à argumentação, à retórica e ao funcionamento de determinados usos linguísticos em dado recorte sincrônico. A partir dos manuais de análise sintática anteriores e posteriores à NGB, pode-se resgatar uma série de questionamentos que, por ora, figuram na agenda de gramáticas contemporâneas do português.

Tratando a correlação como “uma categoria fundamental para a descrição das estruturas linguísticas” (RODRIGUES, 2014, p. 232), linguistas e gramáticos abriram concessões ao estudo do período composto e incluíram, no interior da abordagem do período composto, a correlação sintática. Desde o início dos 2000, houve a produção de gramáticas (a maioria delas em território brasileiro) em que a correlação figura como procedimento válido para a estruturação das orações do período composto.

Autores portugueses, como Mateus (2003) e Raposo (2013), reconhecem certas peculiaridades de estruturas paralelas (aquelas que apresentam igualdade entre termos coordenados) e de estruturas adverbiais que adquirem caráter coesivo marcado (sobretudo as estruturas adverbiais comparativas). No entanto, não se pode dizer que tais autores sejam adeptos da criação de um estatuto oracional à parte, como é o caso da correlação sintática.

Como se verá a seguir, as gramáticas produzidas nesse período (a partir dos anos 2000), sejam elas dedicadas ao estudo da escrita, sejam elas entusiastas da descrição da língua falada, corroboram a noção de que as orações correlatas foram negligenciadas no estruturalismo linguístico e que, portanto, oferecem contribuições pertinentes no tratamento de correntes funcionalistas. Dessa forma, o funcionalismo

linguístico resgatou os estudos acerca da correlação para tratá-los sob diferentes perspectivas (argumentativas, expressivas, retóricas etc.).

As gramáticas contemporâneas do português revisitam a correlação sintática para reparar uma carência notada no projeto da NGB. Nesse sentido, em vez de trazerem um discurso de insatisfação em relação à nomenclatura, realizam uma descrição mais atenta às potencialidades de organização do período composto, em que fatores relativos à organização cognitiva e, por conseguinte, à organização de textos, recebem abordagens funcionais. A diferença notada na adoção desse percurso descritivo parte, portanto, da NGB para o resgate dos bastidores da descrição linguística do período composto, sem se ater apenas a fatores dicotômicos (cujos princípios estruturalistas permitiram o enfoque apenas na coordenação e na subordinação). A discussão em torno das peculiaridades das gramáticas pró-correlação encontra-se no segundo capítulo deste trabalho.

1.4 Correlação sintática na coordenação e na subordinação

De acordo com a NGB, enquadram-se, no âmbito da coordenação, as orações coordenadas sindéticas aditivas e alternativas, e figuram, no âmbito da subordinação, as orações subordinadas adverbiais comparativas, consecutivas e proporcionais. No entanto, essas orações, conforme se preconiza no cenário dos estudos gramaticais, assumem traços estruturais significativos das orações correlatas, de acordo com suas peculiaridades de junção.

Tabela 1 - Proposta da NGB

Período composto	Oração	Junção
coordenação	oração coordenada sindética aditiva	não só... mas também... nem... nem...
	oração coordenada sindética alternativa	ou... ou... ora...ora... quer...quer... seja...seja...
subordinação	oração subordinada adverbial comparativa	mais... do que... menos...do que... tanto...quanto...
	oração subordinada adverbial consecutiva	tanto... que... tão... que...
	oração subordinada adverbial proporcional	quanto mais... mais...

Fonte: O autor, 2023.

Como se pode observar, os mecanismos de junção, conhecidos como “correlatas conjuncionais do português” (MÓDOLO, 2016, p. 195-200), revelam particularidades, a saber: a) pares de conectores que podem figurar em orações distintas; b) conectores “espelhados” organizados em paralelismo sintático; c) conectores atuando em membros oracionais distintos com fator semântico de intensificação.

Os mecanismos de junção, *grosso modo*, atuam como articuladores oracionais e, ao mesmo tempo, assumem valores semânticos no interior de construções específicas da gramática. A sistematização desses mecanismos no âmbito da correlação sintática pode ser operada em paralelo às contribuições da NGB e dos estudos funcionalistas recentes.

Neste trabalho, o enfoque nas peculiaridades desses mecanismos de junção⁷ assume relevância na medida em que eles não só contribuem para um redirecionamento da organização do período composto, mas também proporcionam análises em nível textual (as estruturas gramaticais organizam textos).

⁷ Vale salientar que a tradição gramatical reconhece essas estruturas como conjunções ou locuções conjuntivas.

2 CORRELAÇÃO SINTÁTICA E ESTRUTURALISMO

Saussure (1995, p. 95), já no início do século passado, pregava que “a língua constitui um sistema de valores puros”, organizados por meio de dualidades – as faces do signo. As dualidades de que trata o linguista suíço tornaram-se mais conhecidas nos estudos linguísticos como dicotomias (*langue* e *parole*; significante e significado; sincronia e diacronia; sintagma e paradigma). A herança dicotômica saussuriana, durante o século XX, foi adotada na matriz descritiva das unidades gramaticais do português. Ao que tudo indica, essa herança permite um entendimento acerca do percurso teórico adotado pela NGB na escolha da coordenação e da subordinação, vistas como processos únicos na organização do período composto.

Neste capítulo, cotejam-se discursos favoráveis e desfavoráveis à inclusão da correlação sintática como processo válido e potencial na articulação de orações. Além desse cotejo, o capítulo busca sinalizar a relevância das gramáticas contemporâneas do português, produzidas a partir dos anos 2000, na concepção de que a correlação deve constituir uma seção à parte nos estudos da organização do período, o que pontua a contramão da premissa estruturalista de que as unidades da língua devem ser tratadas por meio de oposições.

2.1 Discurso anticorrelação

Câmara Jr. (1972, p. 64-65), motivado pela tradição dos estudos estruturalistas, sobretudo os de vertente norte-americana (já que seus estudos foram motivados especialmente pelos pressupostos teóricos de Leonard Bloomfield), comenta o direcionamento adotado pela NGB:

Quero aqui apenas focalizar dois pontos em que acho que a comissão da Nomenclatura prestou um grande serviço ao estudo e ao ensino da língua materna entre nós em questão de análise sintática: a supressão dos conceitos de “correlação” e “justaposição” como estruturas frasais paralelas à coordenação e à subordinação.

Adotando o conceito dicotômico para a apreensão das unidades da língua, o linguista brasileiro assim se pronuncia:

A eliminação dos conceitos de “justaposição” e “correlação”, na nova Nomenclatura oficial, foi, por tudo isso, a meu ver uma medida das mais salutares. O retorno à dicotomia coordenação-subordinação (ou parataxe-hipotaxe) reata uma tradição gramatical que se apoia na verdadeira natureza da expressão linguística (...) (CÂMARA JR., 1972, p. 69).

Outros linguistas, como Nascentes (*apud* LUFT, 1978, p. 145), também rechaçam veementemente a inclusão da correlação na NGB: “a correlação, recentemente inventada, não passa de uma coordenação simétrica ou de uma subordinação (...)”. Esse tipo de discurso, portanto, foi endossado por quem constituía a comissão da NGB, o que confirma a baixa adesão a um tratamento mais específico sobre as orações correlatas.

Na década de 1980, período relevante para a produção de obras didáticas do português, houve, de modo geral, uma certa reivindicação teórica por parte de alguns linguistas que não entendiam a correlação como um processo sintático à parte. Morais (1981, p. 208) pontua, por exemplo, que são “inaceitáveis as ideias de interdependência e reciprocidade” conferidas às chamadas construções correlatas. O autor prefere defender que só há dois processos de conexão de orações, quais sejam: a coordenação e a subordinação.

Para Neves (1997, p. 39-40), os modelos formalistas – o estruturalismo e o gerativismo – concebem o estudo das unidades da língua de modo descontextualizado, sem considerar os usos ou os registros linguísticos em que essas unidades estão imersas. Para essas correntes formalistas, há, portanto, oposições que se situam em cada nível de análise linguística (fonema, sílaba, palavra, sintagma, oração e período) de modo que os níveis dialogam pouco, sugerindo uma falsa autonomia e a consideração de que existem oposições no interior de cada nível linguístico.

A autora traz, no âmbito das considerações sobre o estruturalismo, a noção de que “a análise da forma linguística parece ser primária” (NEVES, 1997, p. 39). Essa constatação acerca do ideário estruturalista dialoga com a exclusão da correlação do cenário classificatório da NGB, uma vez que fatores como independência e dependência sintáticas vigoraram no projeto da nomenclatura, o

que resultou, como legado do período composto, apenas em considerações sobre as orações que se enquadravam nesse ideário formal.

Correntes funcionalistas, mais preocupadas com a descrição das unidades linguísticas em âmbito contextual, surgiram (também no século XX) para iniciar estudos mais comprometidos com os significados das unidades da gramática (NEVES, 1997, p. 41) e com suas possíveis implicações semânticas, pragmáticas e estilísticas.

Localizam-se, na esfera funcionalista, os estudos empreendidos em torno da correlação sintática. Motivados pela baixa adesão da correlação no projeto da NGB, esses estudos têm como ferramenta essencial o fator contextual de imersão das unidades da língua, sem o qual o estudo da forma restringe-se apenas a elementos de natureza interna aos sistemas linguísticos. A correlação, como se verá, é dotada de itens de natureza gramatical – os conectores – e assume funções textuais bastante peculiares.

2.2 Discurso pró-correlação

Com o avanço dos estudos linguísticos, correntes teóricas que tratam o texto como categoria fundante investiram paulatinamente na premissa de que as unidades da língua podem operar no extrato textual, conferindo-lhe processos de significação e de sistematização das categorias da gramática.

Partindo dessa premissa, Oiticica (1947, p. 245-246) já defendia o estudo da correlação sintática aplicado à análise de textos da tradição literária:

Sendo tidas, em geral, como casos especiais da subordinação, cousa inadmissível, pouco se tem ocupado as gramáticas e os *Métodos* com as correlações, dificultando imensamente o estudo da análise, sobretudo de Camões, onde os períodos correlatos se sucedem.

Dessa forma, o investimento da tradição gramatical na análise de textos clássicos e literários, de modo geral, contribuiu para que houvesse maior difusão de iniciativas, ainda que isoladas, mais atentas à esfera de organização do período

composto, sem perder de vista a relevância da correlação e da justaposição como processos válidos de organização do período.

Não se pode deixar de mencionar o papel que esses estudos (de análise sintática em textos literários) tiveram para a difusão da chamada norma-padrão. Com o avanço da prática de análise de textos, muitos manuais de análise sintática foram produzidos no século XX, com o objetivo justamente de dar visibilidade ao projeto da NGB. Vieira (2018, p. 10) chama esse processo de “paradigma tradicional de gramatização”, cujos efeitos descritivos são perceptíveis na produção de gramáticas e manuais do século XX⁸.

Oiticica (1947), de acordo com os estudos pioneiros, é o primeiro filólogo a lançar luz sobre o fenômeno da estrutura correlata em paralelo com as práticas de análise textual, muito comuns em antologias produzidas por gramáticos e por críticos devotados aos comentários estilísticos e gramaticais em textos da tradição. No terceiro capítulo deste trabalho são retomados os estudos de prática de análise textual na esfera da correlação sintática.

A correlação sintática recebeu investimento de pesquisadores interessados em abordagens estilísticas do texto e, mais recentemente, tem recebido atenção de linguistas que se debruçam, por exemplo, em torno de questões epistemológicas atuais. Castilho (2002, p. 144), em estudo seminal sobre a língua falada, assim se posiciona:

Um raciocínio menos rígido admitirá a existência de categorias intermediárias, que se dispõem no intervalo das categorias prototípicas. Por outro lado, os processos correlativos (...) são recorrentes, vale dizer, gramaticalizados.

(...) as correlativas podem ser vistas emblematicamente como uma sorte de sintaxe dialógica, em que ambas as sentenças atuam como turnos emparelhados.

Diferentemente da tradição gramatical, que se debruça, de modo geral, sobre os textos escritos de fonte literária, o autor é um dos primeiros a se dedicar à abordagem das orações correlatas em território pouco explorado – a língua falada. Por meio de exemplos retirados de gravações (inquéritos) da língua falada, Castilho (2002) sinaliza que, embora sejam estruturas complexas à organização cognitiva, o

⁸ A discussão, portanto, é ampla. Linguistas e filólogos, de modo geral, costumam retomar este período para o debate em torno da chamada configuração da norma-padrão nacional.

falante domina e usa orações correlatas em suas práticas dialógicas de organização da linguagem.

O trabalho de Castilho (2002), seguindo uma esteira de outras investigações, circunscreve-se aos domínios de outras produções – as gramáticas contemporâneas do português, que, desde os anos 2000, têm investido em análise descritiva da língua nos moldes opostos da gramática de base estruturalista. Linguistas, motivados por estudos de viés funcionalista, dedicam-se à análise das categorias gramaticais relacionadas a critérios discursivos e funcionais variados.

Essas gramáticas tornaram-se um marco divisor no que se refere ao rompimento com perspectivas estruturalistas que enxergavam as unidades da gramática desgarradas do seu contexto social de produção. Nesse sentido, a abordagem das orações correlatas alcançou um patamar em que se pode notar uma maior preocupação com questões voltadas para o universo motivacional/icônico no uso dessas estruturas imersas em textos (falados ou escritos). A seguir, retomam-se algumas dessas gramáticas contemporâneas para a observação de como são tratadas as estruturas correlatas por intermédio dessa perspectiva teórica.

2.3 Período composto e orações correlatas na gramática contemporânea

Conforme adverte Leite (2014, p. 133), as gramáticas do século XXI orientam-se por meio de projetos “de descontinuidade e continuidade”. Trata-se de obras que ora adotam a terminologia da NGB, ora apoiam-se em correntes linguísticas contemporâneas.

Seis dessas gramáticas corroboram projetos de descontinuidade em relação à NGB. Em linhas gerais, nessas obras a correlação sintática recebe investimento descritivo endossado por distintas correntes (gerativismo, cognitivismo, sócio-funcionalismo, análise do discurso). A seguir, são abordadas as principais contribuições dessas gramáticas acerca da correlação sintática.

Neves (2011, p. 742) assim trata as orações correlatas aditivas:

Um tipo diferente de **construções aditivas** são as **correlativas**, do tipo de **NÃO SÓ... MAS TAMBÉM, NÃO SÓ... COMO TAMBÉM**, como se vê nos enunciados:

*Pesquisador infatigável, estudava **NÃO SÓ** o organismo humano, **MAS TAMBÉM** o animal.
As mulheres também retornavam quase correndo, **NÃO SÓ** pelo frio **COMO TAMBÉM**⁹ pelo peso dos potes.*

A autora abre uma seção no capítulo referente às junções para tratar especificamente do caso das orações correlatas aditivas. A análise desse tipo de junção é detalhada por exemplos e, inclusive, a autora menciona a relevância das construções “nem... nem” de modo a criar um subtipo de categoria correlata – “correlação aditiva negativa” (NEVES, 2011, p. 752).

Em outra obra seminal, Neves (2018a, p. 843-845) lança luz sobre as construções correlatas alternativas: “a CONJUNÇÃO COORDENATIVA *ou* marca disjunção, com alternância entre o elemento COORDENADO no qual ela ocorre e o elemento anterior”. A autora utiliza o exemplo “**Ou** se tem chuva e não se tem sol/ **ou** se tem sol e não se tem chuva!” para sinalizar o fator semântico de exclusão relativo aos membros oracionais desmembrados pelo “ou” (a teorização gramatical, pautada pela lógica formal, tem chamado esse tipo de articulação de “disjunção”, o que sinaliza um traço sintático no mínimo curioso: os conectores nem sempre ligam orações).

A obra de Neves (2018a) também lança luz sobre os tipos específicos de orações correlatas comparativas e consecutivas. Utilizando exemplos da língua escrita, a autora aborda os períodos organizados pela correlação e ratifica a noção de que esse tipo de construção é comumente utilizado em textos literários e midiáticos de modo geral.

Azeredo (2021, p. 388) endossa a relevância da correlação como um “expediente” para a organização de textos argumentativos:

*A união sintática de dois sintagmas ou de duas orações pode ainda ser expressa por um par de palavras ou locuções que separadamente assinalam cada um dos termos conectados. É o que se passa com a construção **tanto eu quanto ele**, comparada a ‘eu e ele’. Trata-se da **correlação**¹⁰, processo usual na linguagem da argumentação, utilizado para dar idêntico realce às unidades conectadas.*

Embora conceba a tese de que “a correlação é um expediente retórico, de rendimento enfático no discurso, e não um processo sintático distinto da coordenação e da subordinação” (AZEREDO, 2021, p. 388), o autor tece

⁹ Os grifos são da autora.

¹⁰ Os grifos são do autor.

contribuições para o entendimento de que as estruturas correlativas são comuns ao período simples (elas manifestam-se entre sintagmas) e ao período composto (elas conectam orações). Na tradição gramatical, essa representatividade da correlação não é mencionada, o que sugere o pioneirismo da obra de Azeredo (2021) no tratamento das estruturas em vários níveis de análise.

Outra contribuição de Azeredo (2021) está na esfera da abordagem discursiva do fenômeno gramatical, a saber: o fator argumentativo envolto ao uso das orações correlatas. Neste trabalho, há um enfoque no fator argumentativo notado nesse tipo de estrutura (os estudos argumentativos aplicados à correlação localizam-se detidamente na seção de tratamento do *corpus* – os discursos de posse da Academia Brasileira de Letras).

Castilho (2012a, p. 384-390) inaugura uma seção em sua obra – “Estatuto da correlação” – para lidar com as orações correlatas e seus fatores – lexicais, semânticos, discursivos e gramaticais (perspectiva “multissistêmica” no trato das unidades da língua).

Para Castilho (2012a, p. 387),

não é adequado tratar as aditivas e as alternativas exclusivamente como coordenadas, nem as comparativas e as consecutivas como subordinadas adverbiais. Elas são diferentes (i) discursivamente, pois põem em relevo dois atos de fala; (ii) semanticamente, pois combinam diferentes categorias; e (iii) gramaticalmente, pois são interligadas por meio de conjunções complexas.

Para o linguista, os fatores discursivos, semânticos e gramaticais apontam traços prototípicos da correlação sintática cujas especificidades são distintas da coordenação e da subordinação. Desse modo, o tratamento da correlação avança em termos de escopo e de abordagem, deixa de dar visibilidade apenas à estrutura em si e passa ao enfoque de fatores relacionados ao ideário contextual da ocorrência da estrutura.

Além de pontuar os fatores extralinguísticos no uso das orações correlatas, Castilho (2012a, p. 388) traz a seguinte contribuição: “abundantes na língua escrita, as correlatas têm uma presença discreta na língua falada”. Embora o texto escrito seja o portador prototípico de veiculação de estruturas correlativas, não se pode deixar de mencionar, conforme sugere o autor, que a correlação, enquanto estrutura complexa, ocorre no texto falado. Ainda que seja uma estrutura decorrente de graus

variados de monitoramento sintático, o falante tende a usá-la em situações de maior tensão argumentativa, como pontua o autor.

Com o avanço das pesquisas sócio-funcionalistas, muitos linguistas passaram a utilizar, como fonte de pesquisa, inquéritos (transcrições) de língua falada. Sem sombra de dúvida, esses inquéritos ajudaram na (re)descoberta de níveis de análise gramatical em que as unidades da língua passaram a ser concebidas por intermédio do processamento de dados (as ocorrências criam uma espécie de recorrência de estruturas simples ou complexas, no caso do português).

A correlação sintática, observada pelo viés do processamento linguístico de grandes fontes de dados, passou a receber enfoque nos últimos anos. Nesse sentido, o enfoque da linguística na língua falada propiciou o estudo desse tipo de estrutura complexa, o que motivou o surgimento de pesquisas variadas, tanto em torno da fala quanto em torno da escrita. As gramáticas do século XXI tornaram possível um debate mais consistente em torno da correlação.

Bagno (2011, p. 886) defende que

as conjunções correlativas ocorrem sempre em dupla, precisamente porque introduzem sentenças que estão em interdependência, a meio caminho entre a coordenação e a subordinação. Podem introduzir elementos de caráter nominal tanto quanto de caráter verbal (...).

A abordagem de Bagno (2011) adota a hipotaxe adverbial no entendimento de que as orações correlatas situam-se num *continuum* evolutivo (“a meio caminho entre a coordenação e a subordinação”). Segundo o autor, as orações correlatas assumem marcas de conexão oracional motivadas por processos complexos de gramaticalização de conjunções, que, ao longo da história do português, assumiram mais traços gramaticais, de modo a gerar uma lista considerável de itens que se tornaram pares (não só... mas também; nem... nem etc.).

A hipotaxe adverbial, conforme sugere o autor (2011, p. 886), “é um processo sintático que, para se concretizar, forçou a gramaticalização (ressemantização e recategorização) de palavras das mais variadas classes gramaticais. Os pares de conectivos correlativos, em sua maioria, passaram por processos de gramaticalização até se estabilizarem e assumirem valores semânticos (adição, exclusão, comparação e consecutividade).

No cenário da descrição gramatical portuguesa, a obra coletiva de Raposo (2013, p. 1993-1994) menciona o caráter estático das chamadas orações correlatas

comparativas (“Os meninos comeram *mais doces do que* as meninas.”). De acordo com o autor, essas construções tendem, por sofrerem processos de gramaticalização, a assumir posições mais estáticas no interior da frase portuguesa. Diferentemente de outras estruturas adverbiais, cuja movimentação sintagmática é mais comum, as correlatas comparativas tendem a se fixar na tensão oracional do período complexo.

Os fatores semânticos e discursivos assumem relevância descritiva para o tratamento das orações correlatas nas gramáticas do século XXI. Na contramão dos estudos estruturalistas, essas gramáticas adotaram um discurso, *lato sensu*, de base essencialmente funcional, em que as construções dialogam com especificidades do âmbito do significado das formas da língua. No quarto capítulo deste trabalho, maior enfoque é dado aos estudos funcionalistas circunscritos à correlação.

2.4 Tipos de orações correlatas

Módolo (2016, p. 191-202) é um dos primeiros linguistas a sistematizar os processos de junção das orações correlatas. Conforme estudo do autor, as orações correlatas podem ser de quatro tipos, a depender da junção operada por conectivos gramaticalizados, a saber:

A) oração correlata aditiva: não só... mas, não só... senão, não só... porém, não só... como, não só... também, não somente... mas, não somente... senão, não somente... porém, não somente... como, não só... mas também, não só... mais ainda, não só... mas até, não só... senão também, não só... senão ainda, não só... senão que, não só... porém também, não só... porém sim, não só... que também, não somente... mas também, não somente... mas até, não somente... senão também, não somente... senão ainda, não somente... senão que, não somente... porém também, não somente... como também;

B) oração correlata alternativa: já... já, nem...nem¹¹, ora...ora, ou...ou, quer...quer, seja...seja;

¹¹ Módolo (2016) opta por alocar o par “nem... nem” entre as orações correlatas alternativas, mas outros autores consideram-no como par correlativo aditivo. A escolha por uma denominação, nesse

C) oração correlata comparativa: tanto... quanto, tão... quanto, mais... que, mais... do que, menos... que, menos... do que, assim como... assim;

D) oração correlata consecutiva: tanto... que, tanta... que, tão... que, tal... que, tamanho... que, de tal arte... que, de tal sorte... que;

E) oração correlata proporcional: quanto mais... mais¹².

O autor sugere mais um tipo de oração correlata de base hipotética. Por meio do par “se... *então*”, Módolo (2016, p. 200) vale-se do exemplo “Se não vinha da Itália, *então* de onde vinha?” para sinalizar um caso típico de ocorrência dessa estrutura em português.

No oitavo capítulo, retoma-se a tipologia dos processos de junção correlativa. Cabe salientar que, antes da rigidez no tratamento dessas formas de conexão oracional, o percurso adotado será o da contribuição dessas formas para fatores de monitoramento em discursos de posse, como gênero que se vale essencialmente de marcas argumentativas e retóricas recorrentes.

caso, parece estar mais restrita aos casos de valores semânticos – exclusão (alternativa) e inclusão (aditiva).

¹² Módolo (2016, p. 200) menciona que esse tipo de oração correlata é o que menos recebe investimento descritivo e, portanto, não é encontrado nos manuais e gramáticas com certa frequência.

3 CORRELAÇÃO SINTÁTICA NA COMÉDIA, NA POÉTICA E NA ESTILÍSTICA

Os gêneros literários – épico, dramático e lírico – oferecem a linguistas e a estudiosos de Literatura muitos fatos para a compreensão das manifestações linguísticas e ideológicas como marcas fundamentais de determinados autores. Na história do pensamento linguístico, esses estudos caracterizam-se por se constituírem em torno da crítica textual e, em muitos casos, constituem-se como verdadeiros estudos filológicos.

Neste capítulo, são analisados alguns dos primeiros trabalhos que noticiaram a manifestação da correlação sintática em textos da tradição clássica, a saber: a comédia e a lírica. Ainda neste capítulo, há menção às contribuições da estilística para o tratamento da correlação, vista por meio de suas peculiaridades argumentativas e retóricas.

3.1 Correlação sintática na comédia

Pauliukonis (1989), em trabalho pioneiro, foi uma das primeiras autoras a se debruçar sobre as marcas semântico-argumentativas da correlação sintática no gênero literário comédia. Valendo-se dos pressupostos teóricos da semântica da enunciação – de linha francesa –, a autora chegou à conclusão de que o estudo das estruturas correlatas tem muito a oferecer quando atrelado a uma análise que considere o texto, nesse caso o clássico, e sua esfera argumentativa:

O objeto de estudo deste trabalho é a estrutura correlata da comparação, analisada em um texto teatral do século XVI: Comédia Eufrosina, de Jorge Ferreira de Vasconcelos.

A pesquisa procura descrever como a estrutura comparativa, formada pela correlação sintática de dois elementos, presentes ou implícitos no enunciado, transforma-se em eficaz recurso semântico-argumentativo num momento de interação linguística.

Por argumentação entende-se o esforço dispendido pelo emissor quando conduz o receptor a uma determinada conclusão (PAULIUKONIS, 1989, p. 12).

A autora analisa as estruturas correlatas da comparação em um texto clássico para defender a noção de que determinadas estruturas complexas e recursos

sintáticos da língua estão à disposição para análise argumentativa da linguagem. Nesse sentido, torna-se pioneiro este estudo que busca revisitar o texto clássico – a comédia – para dele extrair marcas linguísticas operadas como verdadeiros marcadores argumentativos no âmbito da enunciação.

Da Comédia Eufrosina, a autora extrai estruturas correlatas comparativas tais como: “mais... que” (comparativo de superioridade), “melhor... que” e “pior... que” (comparativo sintético), além de oferecer o estudo do conector “como” e sua respectiva morfossintaxe textual, em que geralmente a segunda oração tem a forma verbal elidida (“contempram como o pastor Indimião contemprou”), nesse caso o verbo “contemprou” é recuperado a partir do primeiro membro da comparação (PAULIUKONIS, 1989, p. 101).

Ao eleger as estruturas correlativas de comparação, a autora não abandona os estudos de gramática tradicional, nos quais são priorizados geralmente estudos de gradação em morfemas e em orações subordinadas adverbiais comparativas. Além de utilizar a tradição gramatical em seu trabalho, a linguista vale-se dos empreendimentos enunciativos em torno da retórica para um tratamento mais relevante da correlação comparativa:

Essa mudança de enfoque em relação à análise tradicional permite retirar a estrutura comparativa dos esquemas formais estruturalistas e conceber o enunciado como um conjunto coeso de “marcas linguísticas” previstas na língua e escolhidas pelos interlocutores com um objetivo eminentemente retórico.

A concepção das correntes enunciativas do discurso é abarcada pela autora, que não só utiliza os pressupostos da semântica da enunciação, mas também inclui, na abordagem da correlação comparativa, os investimentos em torno da retórica, concebida por Plantin (2008, p. 9) como “a arte de bem falar”. Sem sombra de dúvida, a adição do componente retórico aos estudos sobre a correlação tem muito a oferecer aos analistas do discurso (seja ele manifestado em texto clássico, seja ele manifestado em textos de mídia, por exemplo), já que a correlação é defendida como um expediente retórico por muitos autores, entre eles Azeredo (2021, p. 388).

Vogt (2009) dedicou-se igualmente ao estudo das estruturas correlativas comparativas em perspectiva enunciativa. Em seu estudo também pioneiro, o autor vale-se de estruturas como “tão... quanto” e analisa enunciados nos quais, por meio de sua defesa de que enunciar é argumentar, mostra a convergência de fatores

sintáticos, semânticos e pragmáticos envolvidos no uso de estruturas comparativas. Assim como Pauliukonis (1989), Vogt (2009, p. 243) busca, na teoria semântica argumentativa, a convergência de abordagens para o tratamento da comparação:

Neste sentido, uma teoria semântica argumentativa é uma concepção da linguagem em que as distinções tradicionais e estanques entre sintaxe, semântica e pragmática revelam, no reverso de sua objetividade, o artificialismo de sua construção.

Ao tratarem a correlação sintática pelo viés da semântica da enunciação, Pauliukonis (1989) e Vogt (2009) investem numa abordagem em que se privilegiam os sentidos envolvidos no uso da correlação. Nessa vertente, importam os estudos da lógica e os estudos enunciativos necessários à configuração de um tratamento argumentativo envolvido nas manifestações linguísticas.

3.2 Correlação sintática na poética

Chediak (1971) dedicou-se ao estudo da correlação sintática na lírica de Luís Vaz de Camões. Com sua tese pioneira sobre essa estrutura oracional na poética renascentista de Camões, introduziu as bases teóricas do que se tem convencionalmente chamado crítica textual.

O avanço das teorias relacionadas ao texto nas décadas de 1970 e 1980 propiciou o surgimento de trabalhos de crítica textual. Muitos linguistas e analistas de discurso debruçaram-se em torno de peculiaridades (e aqui estão localizados os trabalhos relacionados à estilística) de ficcionistas e de poetas, sobretudo da tradição literária. Nesse período, foram muito comuns os empreendimentos acadêmicos – dissertações e teses – em torno desses autores da tradição.

Dessa forma, muitos estudos filológicos surgiram atrelados aos estudos diacrônicos e sincrônicos, em voga na Linguística. Na esteira desses estudos, sistematizaram-se estruturas morfossintáticas recorrentes em textos atrelados a escolas literárias e a autores da tradição e do modernismo, o que fez com que muitos linguistas tivessem papel importante na convergência de estudos relacionados à Literatura e à Linguística.

Com a sua tese de doutoramento, Chediak (1971, p. 6) delimita a correlação sintática como um recurso textual recorrente na lírica camoniana:

Vários aspectos da linguagem de Camões estão a pedir estudos monográficos. A correlação sintática foi o de nossa preferência. A matéria tem dado margem a debates, por vezes acalorados, entre gramáticos e filólogos. Uns a têm como processo independente; outros distribuem os elementos que a constituem entre a coordenação e a subordinação; outros há, ainda, que a consideram meio termo entre a parataxe e a hipotaxe.

Sem adotar uma postura incisiva frente a essas correntes teóricas antagônicas, Chediak (1971) busca uma análise sintático-estilística das estruturas correlatas. O autor investe na descrição das estruturas correlativas aditivas, comparativas e consecutivas e, sem desconsiderar a relevância dos pares correlativos disjuntivos, sistematiza as ocorrências dos pares conjuntivos na poética camoniana.

Para sinalizar as estruturas correlatas aditivas (“não só... mas”, “não só... senão”, “não só... mas também”, dentre outras), Chediak (1971, p. 4) apresenta exemplos até mesmo da épica camoniana (“vencerey não so estes aduersarios:/ Mas quantos a meu Rei foram contrários”), o que confirma a recorrência da correlação sintática como um recurso estilístico em Camões.

A respeito das estruturas correlatas comparativas e consecutivas, o autor lança mão de extensa descrição de itens léxico-semânticos necessários ao conteúdo da igualdade em Língua Portuguesa. Após trazer as noções de paralelismo (isonomia de construções) e de organização de constituintes, Chediak (1971) oferece uma série de exemplos que comprovam o uso expressivo de estruturas comparativas na lírica renascentista.

Em trabalho minucioso, Chediak (1971, p. 14 – 99) elenca pares correlatos de igualdade (“assim... como”, “tal... qual”, dentre outros), superioridade (“mais... que”, “maior... que”, dentre outros) e inferioridade (“menos... que”) na lírica camoniana e, desse modo, faz um estudo minucioso da comparação como recurso estilístico recorrente no autor de *Os Lusíadas*. De igual modo, as estruturas de consecutividade (“de tal arte... que”, “de tal sorte... que”) são recorrentes e descritas pelo autor.

Como se pode depreender, os estudos iniciais em torno da correlação sintática investiram nas peculiaridades de autores da tradição literária. De modo

geral, os trabalhos de Pauliukonis (1989) e Chediak (1971) circunscrevem-se em torno de marcas ora discursivas ora estilísticas em gêneros literários – a comédia e a lírica – da tradição. Como a estilística parece figurar e direcionar, por meio de suas mais variadas vertentes, esses estudos, no próximo tópico há uma breve incursão a respeito de suas contribuições ao estudo da correlação.

3.3 Correlação sintática na estilística

Em um importante capítulo acerca dos limites da estilística, Monteiro (1991, p. 9) chega à conclusão de que “um dos mais sérios obstáculos à delimitação do campo de estudos da estilística é exatamente o da diversidade de acepções que o termo estilo apresenta”.

Desse modo, estilo pode ser representado por uma série de peculiaridades, a saber: o estilo de um escritor, o estilo técnico de uma determinada escrita ou até mesmo as marcas linguísticas depreensíveis de um determinado discurso que o configuram como um discurso particular. Esta última peculiaridade é a que interessa a este trabalho, justamente pelo fato de contemplar as marcas linguísticas necessárias à expressividade de determinado gênero textual.

Os estudos estilísticos aplicados à organização das orações e dos períodos oferecem contributos relevantes às marcas recorrentes em determinados gêneros textuais, além de oferecer recursos à análise de marcas expressivas de determinados autores. A estilística da frase e do parágrafo tem sido objeto de estudo de inúmeros linguistas, que se valem basicamente de estruturas oracionais (tais como a coordenação e a subordinação) para sistematizar marcas expressivas de determinados registros de língua.

A correlação sintática está abarcada nesses estudos, uma vez que sua incidência em gêneros textuais diversos (comédia, poema, discurso de posse, dentre outros) tende a configurar o que Garcia (2010) chama de período tenso, o que, em linhas gerais, pode ser compreendido como uma manifestação linguística monitorada, em que o autor lança mão de determinado recurso com pretensões expressivas, argumentativas e retóricas.

Em outro importante capítulo sobre as escolhas estilísticas, Monteiro (1991, p. 50) faz uma relevante intervenção acerca dos “períodos longos” e dos “períodos curtos”. Além de sinalizar as implicaturas que a combinação dos períodos sugere para a configuração de determinado estilo, o autor aponta determinados fatores para a opção por determinado modo de organização dos períodos e dos parágrafos num dado texto:

Fatores lógicos, psicológicos ou mesmo fisiológicos intervêm no correlacionamento e na extensão dos períodos e parágrafos. Além desses fatores, os traços definidores de um estilo de época fazem que os textos sofram variações nesse ponto. Um discurso barroco, por exemplo, se caracteriza pela assimetria, vale dizer, os enunciados se dispõem num esquema contrastivo: períodos longos x períodos curtos.

Assim como o caráter assimétrico de determinada estrutura oracional pode configurar um estilo, o caráter simétrico pode conferir-lhe certo traço expressivo. A correlação sintática, entendida por esse viés, assume um traço de simetria de estruturas (nem... nem..., seja... seja, ora... ora) que potencializam a tensão discursiva entre orações, períodos e parágrafos.

A simetria sintática evidenciada por estruturas correlatas geralmente é tratada como um caso de paralelismo. Muitos Autores, entre eles Garcia (2010) e Conforte (2018), entendem o paralelismo como um “equilíbrio da frase”, em que sintagmas, orações e períodos são organizados para manter determinado efeito expressivo ou determinado fluxo de consciência textual. Por ora, o entendimento adotado neste trabalho é o de que o paralelismo sintático manifestado em orações correlatas tende a criar uma certa tensão discursiva na produção de textos orais e escritos (sendo o texto escrito, pelo fato de ser mais monitorado, a produção discursiva prototípica para a ocorrência de estruturas desse tipo).

A tensão discursiva criada por estruturas de correlação oracional sem sombra de dúvida esbarra no teor argumentativo gerado pela incidência de tais elementos em diferentes gêneros textuais. O princípio da argumentação, evidenciado por Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996, p. 20), prevê que uma determinada produção discursiva torna-se argumentativa pelo fato de prender a atenção de determinado público.

De acordo com tal princípio, pode-se inferir que é preciso ter o que dizer/escrever para manter a atenção do ouvinte/leitor no processo de produção de

determinado gênero textual. As operações argumentativas, nesse sentido, (per)passam (pel)a noção consciente de que é por meio das estruturas linguísticas que a argumentação pode ser construída. Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996, p. 20) assim se posicionam:

Para que uma argumentação se desenvolva, é preciso, de fato, que aqueles a quem ela se destina lhe prestem alguma atenção. A maior parte das formas de publicidade e de propaganda se preocupa, acima de tudo, em prender o interesse de um público indiferente, condição indispensável para o andamento de qualquer argumentação.

Além desse princípio argumentativo – manter o auditório interessado no que se diz/escreve –, há que se considerar a arte retórica no processo de criação de textos que se pretendem argumentativos. Nesse sentido, a correlação sintática é compreendida como um recurso sintático-discursivo com forte teor argumentativo e retórico, pelo fato de ser ancorada em períodos que revelam maior tensão discursiva em sua construção.

Em outra obra seminal, Perelman (1997, p. 70) defende que “a retórica, em nosso sentido da palavra, difere da lógica pelo fato de se ocupar não com a verdade abstrata, categórica ou hipotética, mas com a adesão”. Entende-se por adesão, dessa forma, a anuência de determinado público (o autor chama de “auditório”) diante de determinado discurso produzido com pretensões argumentativas. Sem sombra de dúvida, esse raciocínio tende, mais uma vez, a corroborar a tese de que um discurso produzido sem os recursos disponíveis na língua para fortalecê-lo argumentativamente pode não alcançar a anuência de um público.

A seguir, expõem-se os conceitos de “período tenso” e “período frouxo”, extraídos da obra de Garcia (2010). A correlação sintática é estudada na estilística como a manifestação do chamado “período tenso”, pelo fato de mobilizar, no âmbito do período, estruturas de tensão argumentativa e retórica, o que mostra sua eficácia textual na organização do raciocínio que se pretende argumentativo em suas condições de produção.

É oportuno dizer que a manifestação da correlação sintática em textos clássicos – comédia e lírica – permite o entendimento de que a força expressiva em gêneros literários não perde o teor argumentativo e retórico pretendido pelos autores da tradição. Entendendo que a argumentação *lato sensu* prevê a adesão de públicos

variados, os gêneros textuais, sejam eles literários, sejam eles não literários, manifestam conteúdos igualmente argumentativos em sua produção/recepção.

A correlação sintática, como recurso estilístico necessário à argumentação e à retórica, produz efeitos expressivos nos textos em que é veiculada. Sua estrutura pode ser entendida como um recurso à construção do chamado período tenso (prototipicamente monitorado com pretensões argumentativas).

3.3.1 Correlação e período tenso

Nas suas incursões sobre a construção do estilo e da crítica textual, Garcia (2010, p. 71 – 74) reconhece dois tipos de período, a saber: o “período tenso” e o “período frouxo”. Valendo-se de um exemplo extraído de jornal e de sua possível reescritura, assim se posiciona o autor frente a esses dois tipos de construção:

Embora seja reconhecido o que aqui se classifica de extraordinária coragem e firmeza do Governo (...), a experiência passada dos fracassados programas anti-inflacionários e a falta de continuidade no combate à inflação pesam como fatores negativos. (O Globo, 8 mar. 1963)
 A experiência passada dos fracassados programas anti-inflacionários e a falta de continuidade no combate à inflação pesam como fatores negativos, embora seja reconhecido o que aqui se classifica de extraordinária coragem e firmeza do Governo (...)(GARCIA, 2010, p. 72)

O primeiro trecho é construído por meio de uma oração concessiva seguida de uma oração principal. A oração iniciada por “embora” tende a criar mais expectativa no leitor já que o prepara para o final do período, o que caracteriza, por conseguinte, um “período tenso”. Desse modo, o leitor tem a experiência de acesso a uma informação, que é um adendo – “embora seja reconhecido (...)” – para, em seguida, chegar ao final do trecho no qual se encontra a conclusão do raciocínio (a oração principal).

No trecho reescrito, o leitor percorre um caminho inverso: a informação mais relevante encontra-se topicalizada no início do período (“A experiência passada...”) e, por isso, chega ao final do período sem a expectativa encontrada no primeiro modo de organização do texto. Nesse segundo trecho, há o que Garcia (2010) chama de “período frouxo”. Como se pode perceber, há um processo de leitura

distinto implicado em construções dessa natureza, uma vez que a topicalização (deslocamento de construções sintáticas para o início do período) pode acarretar mudanças na organização do fluxo de informações.

Garcia (2010, p. 72-73) defende que há a “correlação em sentido lato”, na qual dois membros oracionais (“se chover, não sairei”) articulados criam o período tenso por meio da subordinação (o primeiro termo é “condicionante” e o segundo termo é “condicionado”). Quando trata da correlação *stricto sensu*, o autor menciona a particularidade dessa tensão entre conectores específicos:

Até mesmo na coordenação há correlação, como a que se obtém com os pares conectivos *não só* (não somente, não apenas)... *mas também* (também, senão que, como também: *não só planejou a obra mas também a executou com perícia* (GARCIA, 2010, p. 72).

Ao considerar a correlação sintática como um processo de organização oracional monitorado, e, por conseguinte marcado, Garcia (2010) traz contribuição relevante ao tratamento dessas estruturas em Língua Portuguesa. Vale ressaltar que, talvez, este seja o primeiro tratamento, de natureza textual, atribuído a estruturas oracionais dessa ordem. O autor, portanto, não se limita ao posicionamento desgastado, ora de situar a correlação entre orações coordenadas e subordinadas, ora de reconhecer o seu caráter estrutural diferenciado, já que se trata de um desmembramento de itens conjuntivos.

O entendimento de que a correlação sintática assume traços prosódicos peculiares (ascendência na pronúncia do primeiro termo e declínio na do segundo) renovou o âmbito da crítica textual e da estilística, na medida em que a defesa do chamado “período tenso” abriu novos horizontes aos estudos argumentativos e retóricos. No capítulo “Correlação sintática e discursos de posse da ABL”, localizado na parte final deste trabalho, volta-se à questão do “período tenso” para a configuração das orações correlatas manifestadas nesse gênero textual.

A inegável contribuição de Garcia (2010) para os estudos pioneiros acerca do paralelismo sintático e da articulação do período tenso é retomada por Conforte (2018, p. 38 – 39), que enxerga na correlação sintática marcas entoacionais fortemente atreladas à subordinação. O autor defende que o período tenso, por meio de seu “alto grau de travamento sintático”, tende a ser construído de acordo com os moldes do período subordinado. Vista por esse prisma, a correlação de orações assume um caráter hipotático, no qual os membros oracionais estão

sintagmaticamente organizados para criar a tensão entoacional de que fala o autor. Essa tensão é ratificada no âmbito do “período tenso”:

Creemos que um dos fatores responsáveis por essa dificuldade de se classificar a correlação como processo independente reside no seu caráter híbrido, ora visto como paratático, ora como hipotático. Senão vejamos: depõe a favor da hipotaxe o fato de toda estrutura correlata, por seu alto grau de travamento sintático, ser formada, do ponto de vista entoacional, como uma frase a que chamamos de *período tenso* (oposto ao *período lasso* ou *frouxo*, típico da coordenação) (...). (CONFORTE, 2018, p. 38)

Adotando a terminologia de Câmara Jr. (1981)¹³, Garcia (2010) e Conforte (2018) fazem alusão aos termos “prótase” e “apódose” para se referirem aos membros oracionais correlatos e seus possíveis efeitos linguístico-expressivos no processo de articulação do período tenso.

3.3.2 Prótase e apódose

Garcia (2010, p. 72 – 73) vale-se da estrutura de alguns provérbios (“De hora em hora, Deus melhora”; “De noite, todos os gatos são pardos”) e estruturas correlatas (“Não só planejou a obra mas também a executou com perícia”) para sugerir marcas entoacionais a que chama de “prótase” (estrutura condicionante) e “apódose” (estrutura condicionada).

Em sua obra, o autor se refere à “prótase” como uma espécie de expectativa que se cria com o pronunciamento da primeira estrutura, respectivamente “De hora em hora...”, “De noite...” e “Não só planejou a obra...”. A “apódose” corresponde, na visão do autor, ao desfecho propiciado pelo segundo membro das construções – “... Deus melhora”, “... todos os gatos são pardos” e “... mas também a executou com perícia”.

Segundo o autor, há uma espécie de ênfase conferida a esses tipos de estrutura cujo efeito expressivo é notado pelo leitor/ouvinte. A noção de suspense, aqui, precisa ser vista por meio de uma dupla expressividade: primeiramente, o ritmo conferido a essas estruturas decorre do caráter ascendente do primeiro membro e

¹³ É conhecida, no meio descritivo, a definição de Câmara Jr. (1981, p. 87) acerca da correlação sintática: “Construção sintática de duas partes relacionadas entre si, de tal sorte que a enunciação de uma, dita PRÓTASE, prepara a enunciação de outra, dita APÓDOSE”.

do declive do segundo membro; em segundo plano, pode-se depreender a expectativa criada no leitor/ouvinte, que espera um “desfecho” da estrutura correlativa do período tenso.

Segundo Garcia (2010, p. 73):

A ênfase, mesmo nesse tipo de frases curtas – ou principalmente nelas –, decorre do “suspense” que as caracteriza: enunciada a primeira parte, o leitor ou ouvinte fica em expectativa até o desfecho, quando só então se completa o pensamento.

O caráter entoacional e rítmico pode ser representado na Tabela 2, em que, à esquerda, as estruturas sugerem prótase e, à direita, apódose.

Tabela 2 - Período tenso

	Prótase	Apódose
Provérbio	<i>De hora em hora,</i>	<i>Deus melhora.</i>
Período	<i>Não só planejou a obra</i>	<i>mas também a executou com perícia.</i>

Fonte: O autor, 2023.

Desse modo, Garcia (2010, p. 73) tece a seguinte contribuição: “a prótase e a apódose aparecem com mais frequência no estilo oratório assim como na argumentação de um modo geral”. Além de ocorrerem com certa frequência nesse tipo de estilo, cabe salientar que, no que tange à correlação oracional especificamente, os fatores expectativa (prótase) e desfecho (apódose) parecem orientar o contorno prosódico dos membros oracionais separados pelas conjunções correlativas (“não só... mas também...”).

De modo geral, pode-se dizer que a correlação sintática ganhou, nos estudos estilísticos e textuais, um tratamento orientado pela via de sua decorrente expressividade, seja no texto literário, seja fora dele. Os empreendimentos teóricos de Garcia (2010), sobre a noção de paralelismo sintático e período tenso, renovaram o âmbito descritivo do período composto.

Embora não se possa considerar, categoricamente, essa proposta de tratamento da correlação sintática por meio da vertente linguística funcionalista, sem sombra de dúvida, muito se deve a ela, pelo fato de inaugurar uma abordagem textual desse tipo de fenômeno oracional. A seguir, recorre-se às contribuições do funcionalismo linguístico, que, em oposição às correntes formalistas da primeira metade do século XX, adota uma postura menos ortodoxa em relação à separação da gramática e do texto.

4 CORRELAÇÃO SINTÁTICA E FUNCIONALISMO LINGUÍSTICO

O funcionalismo linguístico, de modo geral, configura-se como uma corrente dos estudos da linguagem que, em oposição ao polo formalista, enxerga motivações e pressões dos usos linguísticos implicadas na estrutura gramatical das línguas naturais. Na visão funcionalista, a estrutura gramatical recebe interferências dos usuários de uma língua, que afetam, com suas experiências de linguagem, as formas gramaticais dessa língua.

Neste capítulo, são abordados e desdobrados os seguintes eixos: oposição entre os polos formalistas e funcionalistas dos estudos linguísticos; exposição das principais correntes funcionalistas do século XX; aspectos da sintaxe funcional atrelados às motivações de uso da linguagem; abordagem da correlação sintática pela ótica funcional.

4.1 Abordagem funcionalista da linguagem

Segundo Neves (1997, p. 1-3), existem muitas correntes teóricas de filiação declaradamente funcionalista. Todas essas correntes, de um modo geral, reivindicam um tratamento distinto do que ocorre nas correntes formalistas (o estruturalismo norte-americano e o estruturalismo europeu), cujas doutrinas pregam a autonomia do sistema linguístico, isolando-o das práticas sociais de uso da linguagem.

Nas palavras de Neves (1997, p. 39),

na verdade, pode-se distinguir dois polos de atenção opostos no pensamento linguístico, o *funcionalismo*, no qual a função das formas linguísticas parece desempenhar um papel predominante, e o *formalismo*, no qual a análise da forma linguística parece ser primária, enquanto os interesses funcionais são apenas secundários.

Opondo o paradigma formal ao paradigma funcional, a autora elenca uma série de peculiaridades das vertentes formalistas e funcionalistas em consideração à linguagem e à gramática das línguas naturais. Algumas dessas peculiaridades dizem

respeito: ao estudo sistemático das formas e das funções dos elementos linguísticos; aos aspectos comunicativos, em que numa vertente as formas são abstratas e, na outra, são vistos aspectos da interação verbal; ao fato de que a sintaxe é autônoma (teorias formalistas) e deveria estar atrelada à semântica e à pragmática (teorias funcionalistas).

Nesse sentido, o estudo sistemático das formas da língua é visto no formalismo, sobretudo no gerativismo linguístico, desgarrado das manifestações particulares do uso da língua, o que põe em evidência a estrutura – a oração – como inata ao usuário que pode operar sequências infinitas a partir de formas finitas. Em contrapartida, as correntes funcionalistas veem esse mesmo sistema como uma estrutura sensível às pressões de uso, já que as estruturas oracionais não são inerentes aos usuários, mas sim motivadas.

Desse modo, no que tange aos aspectos comunicativos, no formalismo consideram-se falantes/usuários ideais, na medida em que as formas abstratas da língua são compartilhadas igualmente entre todos os usuários do sistema. No funcionalismo, de modo particular, o interesse dos aspectos comunicativos relaciona-se à interação verbal, na qual a experiência (extra)linguística de cada participante torna-se relevante para conferir significado às categorias de língua.

De modo particular, a sintaxe é tratada pelos formalistas como um dispositivo que habilita o falante a produzir as estruturas gramaticais em convívio com outro falante. Para os funcionalistas, a sintaxe não pode ser isolada da semântica e da pragmática, uma vez que os enunciados produzidos em uma determinada língua são efetivamente compreendidos por meio dos significados das suas unidades e dos contextos em que são produzidos.

Castilho (2012b, p. 20) assim se posiciona em relação aos pressupostos funcionalistas:

O funcionalismo contextualiza a língua na situação social em que se dá a interação verbal, cujas representações estruturais são então estudadas. Para captar a “situação social”, diferentes metodologias são propostas, com grande ênfase na Teoria da Variação. O funcionalismo tem em comum eleger ora o discurso, ora a semântica como componentes centrais de uma língua, indagando continuamente como a língua funciona nesses ambientes.

Para muitos funcionalistas, as interseções possíveis entre teorias de tratamento do texto e do discurso e correntes funcionalistas devem-se, sobretudo,

ao investimento que os estudos funcionalistas empreenderam durante século XX em relação às teorias de contexto e de uso da linguagem. Sendo assim, o funcionalismo assumiu traços de outras correntes teóricas (Linguística Textual, Linguística da Enunciação, Linguística Cognitiva, Sociolinguística etc.) em perspectiva menos enrijecida quanto ao uso das formas linguísticas.

Neves (2018b, p. 12) define, portanto, essa vertente teórica:

Os termos **FUNCIONALISMO/Gramática FUNCIONAL**: definição de *uma teoria da organização gramatical das línguas naturais que procura integrar-se em uma teoria global da interação social*, propondo que as relações entre as unidades e as funções das unidades têm prioridade sobre seus limites e sua posição, e por aí entendendo a gramática como suscetível às pressões do uso, com a tarefa central de correlacionar forma e significado no plano discursivo-textual.

A correlação forma-significado (entendida por muitos funcionalistas como correlação entre forma e função) precisa ser abordada, portanto, por meio de seu caráter epistemológico. O funcionalismo, por esse viés, assume que a língua (forma) não deve ser tratada de modo a rechaçar os significados (função) veiculados pelas estruturas linguísticas. Nesse sentido, cabe ressaltar que as interseções operadas pelo funcionalismo com outras correntes foram possíveis pelo fato de que, independentemente da filiação teórica, a demanda é a simbiose forma-função.

Kenedy e Martelotta (2015, p. 11-20), não deixam de mencionar a importância dos estudos “pós-saussurianos da Europa no século XX”, segundo os quais teriam forte influência das ideias de Saussure sobre as concepções de língua como sistema¹⁴. A partir das investigações de Saussure, outros linguistas passaram a investir, portanto, nas investigações em torno do sistema linguístico em confronto com os usos efetivos da linguagem em interação social.

Para Neves (2013, p. 13), que enxerga a aproximação entre texto e gramática como a essência da visão funcionalista, “a premissa central é que, numa visão da língua em uso, a avaliação deve ser tentada no domínio discursivo”. Dessa forma, as unidades da gramática assumem significados quando são mobilizadas por textos orais e escritos e, sendo assim, ativam processos específicos de trocas verbais em textos reais e concretos (os chamados gêneros textuais).

¹⁴ Segundo os autores, o termo “sistema” – preconizado por Saussure – teria dado lugar, mais recentemente, ao termo “estrutura”. Parece ser um consenso o fato de os termos se referirem a “língua” nos estudos da linguagem.

O domínio discursivo, por assim dizer, mobiliza forma e função e oferece a concretude das interações sociais por meio de gêneros textuais (molduras comunicativas) que ativam significados na relação falante/ouvinte ou escritor/leitor. Sem sombra de dúvida, as investigações funcionalistas permitiram, na passagem do século XX ao XXI, avanços significativos no que concerne ao papel do domínio discursivo para o tratamento das formas gramaticais atreladas aos processos comunicativos.

Os aspectos comunicativos e interativos, abordados no formalismo como traços sugestivos para as irregularidades da língua, devem ser tratados, por conseguinte, a partir de sua possível articulação com as regras sociais de uso da linguagem, como defende Pezatti (2011, p. 168):

O enfoque da linguagem como um instrumento de interação social tem por objetivo revelar a instrumentalidade da linguagem em termos de situações sociais. Segundo Dik (1989), a interação verbal é uma forma de atividade cooperativa estruturada, em torno de regras sociais, normas ou convenções. As regras propriamente linguísticas devem ser consideradas instrumentais em relação aos objetivos comunicativos da interação verbal.

A acusação, advinda das especulações formalistas, de que as investigações funcionalistas lidam com fenômenos movediços (texto e discurso, por exemplo), em princípio pouco passíveis de sistematização descritiva, não se sustenta. Ao contrário, no exame das irregularidades da língua pode-se depreender fatos regulares, que sinalizam, por meio de recorrências, formas em constante processo de mutação cujas funções mostram-se maleáveis e propícias à análise linguística. O funcionalismo linguístico, ao preconizar a relação entre forma e função, assume a árdua tarefa de lidar com aspectos movediços da linguagem em uso.

Ao se adotar a corrente teórica funcionalista neste trabalho, adota-se a concepção de que a língua não deve ser entendida como um sistema enrijecido. Antes disso, as categorias de língua e, sobretudo, as categorias da sintaxe, são entendidas aqui por meio de suas marcas formais e funcionais, cujas manifestações implicam, antes de mais nada, uma aproximação entre texto e gramática para uma melhor abordagem dos fatos da língua.

A seguir, expõem-se brevemente as principais correntes funcionalistas da linguagem. Como se verá, há muitas aproximações e divergências entre os pressupostos norte-americanos e europeus no que concerne ao tratamento das unidades

da língua observadas em relação à sua função. As divergências tendem a criar certa polarização entre os modelos funcionalistas, mas todos os modelos parecem defender que a língua precisa ser vista por meio do seu traço comunicativo/interativo.

4.2 Correntes funcionalistas

Segundo Trask (2015, p. 120), “são muitas as abordagens funcionalistas já propostas, e elas são frequentemente diferentes entre si”. Dentre essas abordagens, algumas destacam-se pela solidez teórica, a saber: o modelo funcionalista norte-americano; o modelo holandês da gramática discursivo-funcional; e o modelo inglês da gramática sistêmico-funcional.

O modelo funcionalista norte-americano caracteriza-se por uma abordagem da gramática sem autonomia em relação aos contextos de produção da linguagem. Segundo Neves (2018b, p. 136), as gramáticas são entendidas, nesse modelo, como “sistemas adaptáveis”, em que as “pressões externas” dos usos da linguagem são capazes de interferir no modo como uma língua se estrutura. Nessa vertente, há um forte componente social de uso da linguagem relacionado à estrutura das unidades da língua.

Está no centro, evidentemente, como expressão dessa relação intrincada, a seguinte proposição do autor (Du Bois, 2003): “As gramáticas codificam melhor aquilo que os falantes fazem mais”. Afirma-se, pois, a existência de padrões gramaticais que têm correlatos nos padrões discursivos, ficando postulada uma teoria que relaciona documentadamente gramática e discurso.

De acordo com essa proposta funcional, a gramática e o discurso interagem de modo a agir em todos os níveis estruturais da língua (sobretudo, na morfossintaxe) e em todos os contextos de uso da língua. Sendo assim, fica evidente que essa teoria funcional assume o fato de que a interação humana é um traço que opera uma mudança na concepção de sistema, a saber: os sistemas são sensíveis às pressões de uso da linguagem.

Nessa proposta, fica evidente a contribuição de Givón (2012, p. 49), que segue o raciocínio defendido por outros teóricos da corrente funcionalista norte-americana. Defendendo que a língua é um instrumento de comunicação, assim pontua o autor (GIVÓN, 2012, p. 49):

Se a língua é um instrumento de comunicação, então é bizarro tentar entender sua estrutura sem referência ao contexto comunicativo e à função comunicativa. Portanto, restrições gramaticais, regras de sintaxe, transformações estilísticas e coisas assim não estão lá “porque elas são pré-instaladas no código genético do organismo”.

Na tentativa de encontrar processos de motivação (como a experiência com a linguagem pode afetar a estrutura linguística), os adeptos dessa teoria funcional passaram a investigar fenômenos dos contextos sociais (faixa etária, escolaridade, distúrbios de linguagem etc.) para a compreensão de como esses fatores extralinguísticos implicam a organização das estruturas gramaticais de falantes reais em processos de interação linguística.

O investimento nas teorias acerca do contexto de comunicação, de modo geral, passou a ser uma premissa nos trabalhos de linha funcional americana. Talvez estejam nessa linha de investigação os primeiros trabalhos voltados para a investigação da estrutura gramatical atrelada ao contexto de uso da linguagem, uma vez que muitos linguistas adeptos desse tipo de estudo enveredaram, na segunda metade do século XX, por pesquisas que dessem conta de estudos etnográficos e contextualizados.

Kenedy e Martelotta (2015, p. 16-17) defendem que as pesquisas de base funcionalista ganharam força nos Estados Unidos, por volta da década de 1970, pelo fato de alguns linguistas (Sandra Thompson, Paul Hopper e Talmy Givón) investirem numa abordagem da linguística baseada no uso, em que o contexto linguístico e outros fatores extralinguísticos interferem sobremaneira no tratamento da gramática, entendida nesse caso como um sistema adaptável.

Mais tarde, outros trabalhos de natureza contextual seguiram o rumo das investigações linguísticas e contribuíram para que as abordagens em torno de gramática e discurso fossem levadas à frente por muitos linguistas. O componente contextual assumiu relevância, nesse sentido, para a caracterização da gramática das línguas naturais, o que fez com as gramáticas passassem a ser vistas como

organismos vivos¹⁵, diferentemente dos moldes formalistas, que as concebiam por serem estruturas autônomas. O funcionalismo norte-americano tem muitos adeptos espalhados por centros de pesquisa por todo mundo (inclusive no Brasil, em que muitos linguistas têm investido na chamada linguística funcional baseada no uso).

Uma outra vertente dos estudos funcionalistas é a holandesa, em que dois modelos – a Gramática Funcional (GF) e a Gramática Discursivo-Funcional (GDF) – ganham destaque. Conforme explicita Neves (2018b, p. 85),

a Gramática funcional é para Dik – tal como para o Funcionalismo, no geral – uma teoria de componentes integrados, e, como aponta Auwera (1989, citando Dik, 1978), ela inclui a pragmática desde os seus primeiros trabalhos.

Neste modelo, ainda segundo Neves (2018b, p. 85), “a linguagem é concebida como aquele componente da competência comunicativa do homem”, e é por meio das expressões linguísticas que se estabelecem as relações comunicativas. Como se pode perceber, mais uma vez, o aspecto interativo da linguagem está atrelado a uma perspectiva funcionalista.

Nesse viés, os níveis linguísticos (sintático, morfológico e fonológico) são ativados pela experiência pragmática do falante de uma língua natural, que, por meio de sua experiência de mundo, mobiliza regras pragmáticas (portanto, construídas em interação) para produzir mensagens linguisticamente aceitas por outros membros de uma comunidade linguística. Vê-se que o recurso pragmático da interação torna-se relevante neste modelo teórico.

Na GF, o foco não se concentra no produto linguístico da interação humana – a produção de frases. Por essa teoria, entende-se que o foco está no processamento de informações que um falante disponibiliza para se comunicar com outro falante, cujas experiências pragmáticas com a linguagem também são acionadas no momento da comunicação. Nesse sentido, é importante mencionar que a atenção deslocada do produto para a produção de sentidos parece direcionar os aspectos mais centrais dessa abordagem.

Seguindo o mesmo princípio, a Gramática Discursivo-Funcional acrescenta o componente do discurso para o seu tratamento em relação aos aspectos interativos

¹⁵ Essa concepção remonta, em parte, ao século XIX, no qual se acreditava, por meio do Naturalismo, que as línguas eram organismos.

da linguagem. De acordo com Pezatti (2012, p. 107), a GDF não se configura como um desmembramento da Análise do discurso, mas, ao tratar do fenômeno do discurso, essa teoria busca entender como os enunciados são produzidos em contextos de uso da linguagem bem delimitados. Desse modo, a inserção do arcabouço discursivo em uma teoria de base funcionalista tem a seguinte dimensão, conforme salienta Pezatti (2012, p. 107):

(...) embora procure entender a estrutura dos enunciados em seu contexto discursivo, essa teoria não tem a pretensão de oferecer uma descrição completa do contexto discursivo como um todo e nem é de modo algum um modelo de Análise do Discurso. No entanto, uma importante característica da GDF é considerar muito seriamente o fato de que os enunciados são produzidos e entendidos no contexto, já que assume que a interação do falante não surge em um *vacuum*, mas sim em um multifacetado contexto comunicativo.

De acordo com Hengeveld e Mackenzie (2012, p. 49), “a GDF vê o usuário da língua como tendo conhecimento tanto das unidades funcionais e formais da língua como das maneiras pelas quais essas unidades podem ser combinadas”, o que a situa entre modelos formalistas (de concepção da estruturação linguística) e funcionalistas (de concepção da interação linguística).

Por esse modelo teórico, entende-se que a estrutura morfossintática das línguas naturais sofre acomodações que estão implicadas por fatores discursivos (preferência pela posição das palavras na frase; preferência pelo realce dado a alguma palavra na cadeia da fala etc.). Há um forte fator motivacional – portanto, icônico – na configuração da GDF. Desse modo, trata-se de uma teoria que faz, como a GF, aproximações entre a sintaxe e a pragmática.

Ainda de acordo com Hengeveld e Mackenzie (2012, p. 48), “A GDF é uma teoria estrutural-funcional (...) porque enfoca a correlação entre a função e a estrutura moldadas, respectivamente, como formulação e codificação”. Dessa forma, a “formulação” é concebida como o processamento da informação no momento da interação, e a “codificação” é entendida como o produto do processamento informacional, em que as unidades da língua oferecem sustentação ao que é discursivamente organizado.

A GDF tem muitos adeptos espalhados por centros de pesquisa em todo o mundo. No Brasil, Pezatti (2012) é uma entusiasta desse modelo teórico que concebe o discurso e o contexto comunicativo como fatores preponderantes para a

organização da interação. Em linhas gerais, a GDF sustenta que a interação deve ser mediada por aspectos formais e funcionais, já que o fluxo comunicativo assume o discurso como componente essencial, em que fatores pragmáticos são arrolados para a estruturação linguística.

O modelo sistêmico-funcional (também chamado de Linguística Sistêmica ou Gramática Sistêmico-Funcional) agrega análise estrutural e análise dos contextos sociais de produção de linguagem, conforme explica Trask (2015, p. 120):

A LS se interessa essencialmente por examinar a estrutura de uma unidade linguística ampla – um texto ou um discurso – e procura integrar uma grande quantidade de informações estruturais com informações de outro tipo (por exemplo, sociais), com a expectativa de construir uma representação coerente daquilo que os falantes estão fazendo.

Como se verá no capítulo 5, esse modelo teórico investe em dois tipos de contexto – o contexto de situação e o contexto de cultura – para fazer previsibilidades das intenções comunicativas dos falantes ao produzirem determinado texto em dada condição de produção. Conforme as especificações desse modelo teórico funcionalista, existem a metafunção ideacional (que organiza as experiências do mundo da linguagem), a metafunção interpessoal (que prevê aspectos da interação por meio da linguagem) e a metafunção textual (que habilita a interação em textos/mensagens concretos).

O mentor da Gramática Sistêmico-Funcional, o linguista britânico Michael Halliday (1976, p. 136), defende que “a linguagem serve para a manifestação de ‘conteúdo’, isto é, da experiência que o falante tem do mundo real, inclusive do mundo interior de sua própria consciência”. Nesse sentido, sua teoria de que a linguagem é mediada pelo contexto situacional e pelo contexto cultural passou a ser compreendida pelos seus adeptos como uma teoria sistêmica (que enxerga a língua a partir de seus níveis estruturais) e funcional (porque abriga os usos da linguagem em seu bojo epistemológico).

As três correntes ora apresentadas não esgotam as abordagens funcionalistas e suas respectivas ramificações teóricas. É comum acordo entre os especialistas da vertente funcionalista da linguagem que nenhuma abordagem de caráter funcional anula o foco da investigação nessa vertente: a concepção de que a língua é moldada por aspectos da prática interativa. A sintaxe, na ótica do funcionalismo linguístico, é vista por meio de seu caráter motivacional, em que

fatores extralinguísticos atuam sobremaneira para que as unidades sintáticas (sintagmas, orações e períodos) assumam alguma estabilidade. Na próxima seção, são expostos alguns dos investimentos dos estudos funcionalistas no âmbito da sintaxe.

4.3 Sintaxe funcional

Em texto seminal da década de 1950, Chomsky (2015, p. 23) defendia “que a gramática é autônoma e independente do significado”. Graças ao avanço dos estudos funcionalistas, a partir da década de 1970, os pressupostos teóricos da chamada sintaxe gerativa¹⁶ passaram a ser questionados por linguistas que viam a necessidade da interface entre a sintaxe, a semântica e a pragmática.

No curso das investigações linguísticas, essa interface passou a ser abrigada no âmbito da sintaxe funcional, uma vertente da gramática que, basicamente, abriga motivações (de contexto e de uso) nos processos complexos de formulação das estruturas sintagmáticas e oracionais das línguas naturais. O escopo da sintaxe de linha funcionalista oferece ferramentas consistentes em relação à compreensão da estruturação gramatical. Rosário (2015, p. 145) assim a caracteriza:

Em linhas gerais, a Sintaxe Funcional distingue-se de outras linhas por considerar a língua como um instrumento de interação social. Como tal, a língua torna-se um objeto não autônomo, maleável, sujeito às pressões oriundas das diversas situações comunicativas, que ajudam a determinar sua estrutura gramatical.

Reconhecendo a falta de autonomia da gramática diante das pressões de uso da linguagem, muitos linguistas assumiram desdobramentos descritivos nessa linha de investigação. Alguns desses desdobramentos investigativos receberam investimentos na passagem do século XX ao XXI, a saber: muitos linguistas passaram a se debruçar em torno do processo da gramaticalização; outros passaram a investigar a formação de construções sintáticas motivadas; e houve,

¹⁶ De acordo com Kenedy (2015, p. 11), “a Sintaxe Gerativa é uma das mais influentes abordagens a respeito da gramática das línguas humanas”. Trata-se de uma vertente dos estudos linguísticos formulada por Noam Chomsky na década de 1950.

também, pesquisas em torno da interface entre sintaxe de viés funcionalista e abordagens cognitivas.

A gramaticalização talvez seja o processo mais investigado por linguistas de orientação funcional. Os primeiros estudos funcionalistas, por assim dizer, foram norteados (inclusive no Brasil) pelos trabalhos de mapeamento de unidades da língua que se tornaram estruturalmente mais gramaticais.

De acordo com Meillet (2020, p. 85), a gramaticalização é um “procedimento” que “consiste na passagem de uma palavra autônoma ao papel de elemento gramatical”. O autor assim distingue analogia e gramaticalização (MEILLET, 2020, p. 87):

Enquanto a analogia pode renovar o detalhe das formas, mas deixa no mais das vezes intacto o plano de conjunto do sistema existente, a “gramaticalização” de certas palavras cria formas novas, introduz categorias que não tinham expressão linguística e transforma o conjunto do sistema.

Embora não se possa afirmar que essa distinção feita por Meillet (2020) relacione a gramaticalização à abordagem de cunho funcionalista, muitos dos trabalhos desenvolvidos na perspectiva funcional, por meio desse pressuposto de que novas formas gramaticais emergem a todo tempo, endossam a noção da mutação e da variabilidade dessas formas.

Esses trabalhos foram inicialmente pensados para dar conta da categoria das preposições e das conjunções. Sem sombra de dúvida, esses elementos conectores receberam investimento potencial dos estudos acerca da gramaticalização, pelo fato de se mostrarem, tanto diacrônica quanto sincronicamente, vulneráveis às pressões de uso. As conjunções, como comprova a abordagem funcionalista da gramática, passaram a categorias mais gramaticais, o que implica dizer que assumiram novas funções e novos significados no interior das orações.

Um exemplo claro de gramaticalização é o que pode ser notado no caso da conjunção “que”. A frequência de determinados usos fez com que esse item conector passasse a assumir formas – porque, visto que, ainda que, dentre outras – e a adquirir traços semânticos (causa e concessão) no processo complexo de articulação de orações em português.

No Brasil, por volta da década de 1990, os estudos em torno da gramaticalização ganharam força. Votre, Martelotta e Cezario (1996, p. 46) aproximam os dois processos de produção de novos significados emergentes – a

gramaticalização e a discursivização. Para os autores, o uso de determinadas formas discursivas pode condicionar o aparecimento de formas gramaticais com novas funções:

Gramaticalização é um termo que tem sido usado com vários sentidos. Interessa-nos o sentido em que designa um processo unidirecional segundo o qual itens lexicais e construções sintáticas, em determinados contextos, passam a assumir funções gramaticais e, uma vez gramaticalizados, continuam a desenvolver novas funções gramaticais. Um processo em cujo final o elemento linguístico tende a se tornar mais regular e mais previsível, pois sai do nível da criatividade eventual do discurso para penetrar nas restrições da gramática.

No caso das conjunções correlativas, pode-se dizer que muitos pares são formados a partir do princípio da gramaticalização. Um dos casos mais evidentes é o do conector “mas”, que na construção “não só... mas também” tende a se gramaticalizar com valor semântico aditivo (e não com valor adversativo, como prototipicamente preconiza o seu uso isolado nas orações do português).

Assim como nas investigações sobre gramaticalização, há um investimento dos linguistas de linha funcional acerca das construções sintáticas em processo de mudança. Traugott e Trousdale (2021, p. 40) definem “uma construção como um pareamento forma-significado” e avançam na discussão sobre os processos de mudança inerentes à sintaxe das línguas naturais.

Nesse sentido, a sintaxe funcional assumiu, nos últimos anos, interfaces produtivas no tratamento de unidades categoriais em constante processo de deslizamento de significados. A assunção de teorias refinadas de variação e de mudança associada ao quadro funcional das categorias da sintaxe (sem deixar de fora a morfossintaxe) operou uma verdadeira guinada nas incursões sobre a forma e o significado das estruturas sintáticas.

Em português, a partir de *corpora* de língua escrita e falada, linguistas brasileiros têm lançado um olhar investigativo sobre processos de articulação de orações. A coordenação e a subordinação estão entre os processos construcionais tratados por meio da abordagem de forma pareada à função, o que, de modo geral, explica os significados emergentes dos processos de articulação de orações com vistas aos sentidos que determinados elementos conectores assumem em contextos específicos de uso.

Braga e Paiva (2019, p. 194 – 195), em estudo sobre a evolução dos usos de conectores causais, mostram que a conjunção “como” assumiu traços semânticos desde que entrou no quadro dos conectores da subordinação. Conforme sugerem as autoras, a frequência de uso desse item gramatical foi um dos fatores para que ele assumisse valores semânticos distintos da comparação e passasse a operar como item gramaticalizado com valor causal. Braga e Paiva (2019, p. 195) assim se manifestam acerca da incidência do “como” e de outros conectores causais em cartas:

Por outro lado, destaca-se a incidência um pouco mais relevante do conectivo *como*, derivado do advérbio latino *quomodo* e, ao que tudo indica, polifuncional desde a sua entrada no português. A frequência de uso desse conector aumenta regularmente ao longo dos quatro séculos, alcançando seu pico no século XX.

Evidentemente, a distribuição bastante diferenciada dos conectores causais ao longo do tempo pode ser um reflexo de características inerentes aos subgêneros que integram a amostra de cartas.

A mudança observada pelas autoras, acerca da polifuncionalidade do “como”, pode ser entendida nas abordagens construcionais da língua como uma contribuição de caráter sincrônico – o que envolve variação e mudança – e como uma contribuição de valor funcional – já que o conector “como” assume valor semântico de causalidade nas cartas analisadas.

De acordo com Módolo (2004, p. 67), o conector “como” assume valor semântico aditivo ao compor par correlativo (“não só... como” e “não somente... como também”). Dessa forma, pode-se depreender que, no processo construcional, as conjunções podem se tornar itens mais gramaticalizados (no caso do “como” que pode ser comparativo, causal e aditivo) e, desse modo, podem compor processos de articulação oracional mapeados em determinados usos, a depender do seu contexto de emprego e de sua funcionalidade discursiva.

A sintaxe de vertente funcional vem conjugando esforços, sobretudo no século XXI, para que outras linhas de investigação possam contribuir com seu escopo teórico para uma abordagem mais proveitosa das categorias sintáticas. É oportuno mencionar que a linha de abordagem da linguística cognitiva deu direcionamento às pesquisas em sintaxe funcional nos últimos anos.

Entendendo que a sintaxe, assim como a gramática de modo geral, não tem autonomia frente aos contextos de uso da língua, a vertente cognitivo-funcional

concebe as categorias sintáticas atreladas aos significados decorrentes das experiências do usuário no processo de comunicação. Dessa forma, o usuário é motivado a escolher uma determinada forma gramatical porque seleciona do seu arcabouço de vivência na/pela linguagem aquela forma que melhor representa o seu pensamento em dado momento de comunicação.

Sobre a interveniência dos usos na gramática, expõe Bybee (2016, p. 317):

Na medida em que as condições sob as quais a língua é usada são semelhantes entre as culturas, a substância e a forma da gramática também serão semelhantes; na medida em que essas condições diferem, as línguas podem ter gramáticas de diferentes tipos. Assim, podemos esperar encontrar diferenças na tipologia relacionadas, de alguma maneira, a diferenças no contexto cultural.

A heterogeneidade estrutural da gramática é, portanto, uma premissa da sintaxe de cunho funcionalista. Diferentemente da abordagem da sintaxe gerativa, que prevê um usuário e uma estrutura linguística homogêneos, no tratamento funcionalista da sintaxe, prevê-se a complexidade das categorias morfológicas da gramática e, ao mesmo tempo, prevê-se certa regularidade e incidência de formas estruturais da língua na manifestação linguística do usuário.

Sendo assim, a agenda dos estudos em sintaxe funcional comporta determinadas demandas, quais sejam: a abordagem da estrutura linguística deve estar atrelada aos contextos em que a estrutura se manifesta; categorias da gramática tendem a se tornar mais gramaticais – gramaticalização – e assumir significados evidenciados pelos usos da língua; o processamento da gramática é implicado por fatores cognitivos, uma vez que o usuário dispõe de estruturas motivadas para cada situação/contexto de corporificação das ideias.

No caso da estrutura da correlação sintática, ainda são incipientes os trabalhos que lidam com a sua abordagem na perspectiva da sintaxe funcional. No atual estado da arte, o que foi feito ainda tem forte relação com os estudos acerca do processo da gramaticalização e das estruturas construcionais. Pouco se sabe a respeito de uma abordagem da correlação que privilegie contextos de situação e contextos de cultura e pouco se sabe, também, sobre as motivações que levam o usuário da língua a optar pelo uso de orações correlatas em detrimento de estruturas de coordenação e de subordinação.

No capítulo 5, exploram-se os pressupostos teóricos da gramática sistêmico-funcional, vertente que sinaliza a relevância das escolhas gramaticais no processo de comunicação verbal. A seguir, expõem-se alguns investimentos da sintaxe de viés funcional no estudo da correlação sintática, como processo de estruturação oracional motivado tanto na fala como na escrita.

4.4 Tratamento da correlação sintática no funcionalismo

As pesquisas em torno da língua falada propiciaram, no decorrer da década de 1990, o surgimento de trabalhos voltados para a sistematização das unidades da língua captadas da fala. Os linguistas que participaram desse empreendimento afirmavam que a fala, assim como a escrita, é passível de sistematização e ordenação das unidades da língua.

Camacho (1999, p. 361) é um dos primeiros linguistas a tratar do fenômeno da focalização na correlação sintática:

Não é obra do acaso essa apropriação pragmática de uma função não ambígua do uso de *nem... nem*, principalmente em construções marcadamente focalizadoras (...). Parece que a repetição estrutural de *nem* (...) constitui mesmo um mecanismo de focalização, empregado, nesse caso, para desambiguar o escopo da negação, que deixa de incidir sobre o verbo para incidir sobre o sujeito:

- a. *O Romário e o Bebeto não vão jogar contra a Argentina.*
- a. *Nem o Romário nem o Bebeto vão jogar contra a Argentina.*

Por meio da análise do *corpus* de língua falada, Camacho (1999) mostra que os conectores “nem... nem”, além de realçarem o sujeito composto da construção em “b”, deslocam o foco do predicador “jogar”, que antes recebia a modificação da partícula negativa em “a”. Desse modo, a correlação sintática pode afetar o escopo de incidência dos conectores e, conseqüentemente, pode alterar o foco dos constituintes oracionais.

Ao que tudo indica, o fenômeno da focalização dos sujeitos compostos em forma de correlação incide basicamente sobre o valor semântico da adição. Além disso, esse tipo de construção (*Nem o Romário nem o Bebeto vão jogar contra a Argentina.*) pode desdobrar a negação em dois membros enquanto a negação operada por “não” afeta uma única vez o predicado. Na fala, esse tipo de recurso – o

desdobramento do sujeito, por exemplo – permite que os interlocutores sejam mais específicos quanto à comunicação de um fato, a saber: nenhum dos dois jogadores vai jogar.

Sobre as formas de conexão das orações correlatas disjuntivas ou alternativas, Pezatti (1999, p. 413 – 414) assim se manifesta:

Das conjunções disjuntivas latinas, o português só conserva, do ponto de vista do significante, a geral *aut*, tendo a outra desaparecido por completo. Dado o valor disjuntivo ‘exclusivo’ de *aut*, tudo parece indicar que, em princípio, o *ou* (< *aut*) português foi considerado pelas gramáticas como dotado de um valor equivalente ao de seu étimo latino, isto é, fundamentalmente ‘exclusivo’. Mais tarde, sem dúvida, as gramáticas corrigiram seu valor, atribuindo à partícula *ou* tanto o sentido específico como o ‘inclusivo’, pertencente a *vel*.

Por isso, passou-se a considerar que o português não dispunha de duas marcas diferentes para indicar relações de exclusão e inclusão e que estavam ambas representadas pela conjunção *ou*, cabendo ao contexto a responsabilidade de determinar se se trata de um ou outro sentido.

(...)

*é um controle muito natural **ou você não tem filhos ou vai ser é castrado***

(...)

*não tem **importância que a gente chama de análise ou chama de interpretação** o importante é que o processo se realize (...).*

De acordo com a autora, no primeiro caso, marcado por “ou... ou”, há um nítido caso de disjunção por exclusão, em que se pode depreender um processo de escolha (ter filho *versus* ser castrado); no segundo período, em que só há uma ocorrência de “ou”, fica evidente o processo da disjunção por inclusão.

Como se pode perceber, a disjunção recebeu investimento de linguistas que se ocuparam da língua falada para a sistematização de processos de exclusão e de inclusão em português. A contribuição de Pezatti (1999) à descrição de orações inclusivas é de suma importância, já que a inclusão transita entre valores semânticos de alternância (escolha) e de adição (concomitância).

Trabalhos como este figuram entre os mais recentes acerca da correlação sintática. A escolha de *corpora* de língua falada¹⁷, antes de se configurar como um empecilho à sistematização das regularidades da língua, oferece uma oportunidade de se mapearem na fala as estratégias de reformulação do raciocínio, as marcas de retificação de conteúdos gramaticais para a manifestação do pensamento e a ênfase em estruturas sintáticas para a recuperação de sentidos esvaziados, entre outros recursos.

¹⁷ Conforme os pressupostos de Castilho (2019), o Projeto Nurc (Norma Urbana Culta) é um dos mais consolidados acerca da organização de *corpora* de língua falada.

Na gramática da fala, a correlação sintática assume relevância na medida em que constitui recurso monitorado da linguagem. Dessa forma, trata-se de um recurso promissor de focalização distribuído pelos constituintes da oração e, portanto, presta-se à organização do raciocínio monitorado pelo falante no momento da comunicação.

Poucas são as pesquisas que consideram a correlação sintática como recurso prototípico da língua escrita. Rosário (2018, p. 91-92) foi um dos primeiros linguistas a se ocupar desse fenômeno sintático na escrita:

A correlação apresenta-se mormente no discurso formal, como uma importante estratégia retórica direcionada à arte do convencimento. Os contextos linguísticos em que a correlação se apresenta com mais intensidade referem-se justamente a sequências argumentativas e expositivas. Essa, pois, foi a motivação para a seleção de discursos políticos de deputados, já que acreditamos encontrar nesse gênero textual, argumentativo por natureza, um maior número de ocorrências do fenômeno sob análise.

Ao considerar o discurso político como um gênero em que se manifestam a correlação e, por consequência, a argumentatividade, Rosário (2018) inscreve-se, por meio de seu aporte teórico, em uma tradição na qual a escrita assume uma primazia em relação à língua falada. De fato, o discurso político, por ser planejado em sua essência, assume um certo grau de estabilidade das formas gramaticais proferidas.

Rosário (2018, p. 111) investigou o fenômeno sintático das orações correlatas aditivas, como as que são marcadas pelos pares “não só... mas também”, e chegou à conclusão de que existem microconstruções (“não apenas... mas”, “não só... como também”, “não somente... mas como”, para citar alguns casos) mapeáveis no discurso político. De acordo com o autor, a esquematização desse tipo de construção oferece a oportunidade de se entender de modo mais efetivo como a adição é revelada em português.

A pesquisa de Rosário (2018) busca a interface entre os pressupostos teóricos da linguística funcional baseada no uso – declaradamente viesada pela corrente norte-americana – e os pressupostos da linguística cognitiva, em que o modelo da gramática de construções (do pareamento forma e função) é retomado com frequência para descrever as microconstruções aditivas suscitadas pelo autor ao longo do seu trabalho.

O funcionalismo, em suas diversas formulações teóricas, assume o compromisso de considerar aspectos da interação comunicativa no seu bojo teórico. Como se pode perceber, ao longo dessa breve exposição sobre os direcionamentos das pesquisas de linha funcional, observa-se que muitas são as contribuições dessas pesquisas em relação a determinados tópicos de descrição gramatical, eis algumas: o processo complexo da gramaticalização tem dado explicações fundamentadas à constituição de conectores; as concepções de variação e de mudança linguística propiciam um melhor entendimento das categorias gramaticais analisadas em contexto; as estruturas complexas da língua – como a estrutura correlata – são mais bem compreendidas por meio da interface forma-função.

Como se pode notar, as pesquisas no âmbito do funcionalismo linguístico, seja considerando a língua falada, seja considerando a língua escrita, têm um percurso já consolidado em relação às estruturas de correlação. O funcionalismo, desse modo, oferece subsídios para que formas da língua sejam estudadas em paralelo aos seus respectivos significados. Nesse sentido, o funcionalismo e suas variadas vertentes têm oferecido ferramentas para que a estrutura gramatical das línguas naturais seja descrita de modo a considerar manifestações reais da linguagem, e isso inclui manifestações da fala.

Pode-se considerar que, no século XXI, o funcionalismo tem assumido uma interface promissora com os estudos de cognição. Trabalhos desenvolvidos com o intuito de sinalizar que a gramática está relacionada à corporificação da mente e à experiência/vivência de linguagem dos interlocutores têm sido muito comuns nos centros de pesquisa por todo o Brasil. Os pressupostos teóricos da linguística cognitiva aplicados às teorias funcionais sugerem que não existe uma língua *a priori*, na qual o usuário da língua é passivo frente às formas da gramática. Na verdade, o usuário está imerso em contextos de linguagem, e são esses contextos que tendem a moldar as formas da gramática que são colocadas à disposição em interação linguística.

Um ramo específico do funcionalismo, a gramática sistêmico-funcional (GSF), tem o compromisso de aliar o estudo da forma gramatical aos contextos (de situação e de cultura) em que a linguagem é empregada. Os contextos, para a GSF, assumem relevância na medida em que propiciam escolhas de níveis gramaticais cujo papel é ancorar o modo como o usuário seleciona, dentre as muitas opções existentes, formas gramaticais que passam a ser textos reais. Nos próximos

capítulos, dedica-se especial atenção aos pressupostos teóricos dessa corrente funcionalista.

5 CORRELAÇÃO SINTÁTICA SOB A ÓTICA DA GRAMÁTICA SISTÊMICO-FUNCIONAL (GSF)

Na ótica da GSF, a gramática deixa de ser concebida como mera estrutura (eixo sintagmático) e passa a ser ancorada no conceito de sistema (eixo paradigmático). Dessa forma, o usuário da língua vale-se de opções/escolhas disponíveis na língua para veicular significados em contextos nos quais as formas da língua passam a corporificar gêneros textuais concretos.

Nesta seção, configuram-se os pressupostos teóricos da GSF de acordo com os seguintes parâmetros: concepção de linguagem, língua e gramática; distinção entre os contextos de cultura e de situação; abordagem das metafunções da linguagem; tratamento da oração sob a perspectiva da GSF; organização do complexo oracional.

A escolha desta abordagem funcionalista, como já foi dito, dialoga com a concepção de que a gramática, antes de ser uma estrutura não maleável e rígida, é um sistema de opções por meio do qual o usuário seleciona as formas para significar suas concepções acerca da realidade que o constrói enquanto ser semioticamente capacitado para se comunicar.

5.1 Linguagem, língua, gramática e texto na perspectiva da GSF

O linguista britânico Michael Alexander Kirkwood Halliday fundou, na segunda metade do século XX, as bases epistemológicas da Gramática Sistemico-Funcional. Assumindo os ideais teóricos de seu orientador, o linguista John Firth, Halliday passou a investigar categorias léxico-gramaticais em funcionamento e, de modo geral, propiciou uma guinada no processo de concepção acerca de linguagem, língua, gramática e texto (CABRAL; FUZER, 2014, p. 17).

Na GSF, a designação “sistêmica” advém da distinção em relação ao termo “estrutura”. Para Halliday e outros entusiastas dessa escola funcionalista, a noção de sistema relaciona-se diretamente com a noção de paradigma, na medida em que

sistema representa opções/escolhas disponíveis ao usuário da língua, que encontra, no sistema, um leque de possibilidades para representar o mundo da linguagem.

De acordo com Menéndez (2017, p. 18):

El nombre de sistêmica deriva del término sistema en el sentido técnico en el que lo utilizaba justamente Firth: el sistema es La representación teórica de las relaciones paradigmáticas en contraste con La estructura, que representa las relaciones sintagmáticas.

Ainda que não seja consensual a distinção entre sistema e estrutura, é necessário que se inscreva a teoria de Halliday e, por consequência, da escola de Londres “dentro de uma semiótica social” (MENÉNDEZ, 2017, p. 18), na qual o sistema assume processos de significado. Nesse escopo teórico, a linguagem assume traços sóciossemióticos uma vez que seu estudo implica a circunscrição em processos de significados que são construídos em registros reais de linguagem.

Dessa forma, na GSF, a linguagem passa a ser dotada de seu domínio básico: servir, a partir de sua instrumentalidade, à comunicação. Para Halliday, “el lenguaje es inherentemente instrumental” (MENÉNDEZ, 2017, p. 21), o que significa dizer que o homem é um ser dotado de linguagem, e que, portanto, a ordem biológica, a ordem histórica e, essencialmente, a ordem cultural dotam-no da capacidade de se comunicar em uma comunidade com outros homens dotados dessa mesma capacidade.

A introdução do componente cultural nessa concepção de linguagem pode ser entendida como uma dívida de Halliday com as contribuições dos primeiros estudos empreendidos por Firth em torno dos fatos culturais que moldam a linguagem. Sem sombra de dúvida, o formalismo linguístico – sobretudo o gerativismo – desassociou a linguagem de seus fatores culturais.

Sendo assim, essa concepção de estudos considera que a inscrição social da linguagem é fundamental para o entendimento de que se pode estudar a língua em contexto situado cultural e socialmente. Na base da concepção hallidayana sobre a linguagem, compreende-se que os significados emergem em contextos que moldam a experiência humana em textos (ou em registros, como prefere chamar o próprio Halliday). Dessa forma, o componente semântico está contemplado nessa abordagem justamente pelo fato de ela priorizar os significados.

Conforme aborda Menéndez (2017, p. 19), na concepção da GSF, “la lengua es el estudio del significado”. O significado potencializa e corporifica a noção de

língua já que a representação do mundo da linguagem é dotada de sentido, o que diz muito sobre a forma como o ser humano experiencia esse mundo e, desse modo, dá sentido a ele por meio de uma “nomenclatura” – a própria língua (MENÉNDEZ, 2017, p. 21).

Se a língua pode ser considerada como um rótulo (nomear entidades do mundo da linguagem) na teoria da GSF, a gramática é o sistema que permite essa nomeação por meio de “opções”:

Si entendemos que el lenguaje (fundamentalmente la gramática) es un sistema de opciones, la estructura es la realización efectiva de algunas de esas opciones. Esa estructura aparece como una sintagmática, aparece en forma de texto (verbal), es decir, el conjunto de opciones potenciales se convierte en un conjunto de opciones realizadas (MENÉNDEZ, 2017, p. 23).

O tratamento da gramática como um “sistema de opções” (MENÉNDEZ, 2017, p. 22) está no cerne dos pressupostos teóricos da GSF, de modo a estabelecer uma conexão com o eixo paradigmático da linguagem. De modo geral, o paradigma permite ao usuário elencar uma dada categoria em detrimento de outra (escolher entre substantivo e verbo para narrar algo; escolher entre coordenação e subordinação para argumentar em relação a algum dado contexto etc.). A consideração de que a gramática configura-se como um sistema de opções é relevante na medida em que o usuário tem à disposição elementos do sistema para usar em registros específicos.

O conceito de gramática, nesta teoria, não é desgarrado do conceito de texto já que, para a GSF, a gramática permite descrever e organizar estratos da língua necessários à configuração de textos. Sendo assim, a organização de textos diz respeito, sobretudo, à escolha das categorias que vão habilitá-lo enquanto texto. Para Halliday (1976, p. 136), “o sistema de opções utilizáveis é a ‘gramática’ da linguagem, e o falante, ou o escritor, seleciona dentro deste sistema”.

Embora não haja uma clara distinção teórica a respeito de registro e de texto na GSF, fica evidente, por meio dos seus pressupostos teóricos, que a gramática é entendida como a âncora do texto, uma vez que oferece categorias paradigmáticas para estruturar textos e dar sentido ao que se fala ou ao que se escreve em contextos concretos de interação.

A seleção, a organização e a sequenciação das palavras na cadeia discursiva precisam ser tratadas como potenciais formas de caracterização da gramática de

uma determinada língua. Em última instância, essa caracterização da gramática serve a um propósito mais refinado, a saber: construir textos que estarão adequados/apropriados para figurar em situações reais de uso da linguagem.

Cabral e Fuzer (2014, p. 25) assim conceptualizam a gramática, conforme os parâmetros da teorização hallidayana:

Nesse sentido, a gramática é o ponto de partida para explorar a organização da semântica, e uma abordagem sistêmico-funcional permite-nos investigar como a experiência é construída em termos semânticos e como essa experiência se manifesta nos diferentes estratos da língua. Nessa perspectiva, o conhecimento da gramática permite-nos analisar e descrever os modos como as palavras são selecionadas, organizadas e sequenciadas em forma de texto para produzir significados (...).

Ainda segundo Cabral e Fuzer (2014, p. 21), a GSF conceptualiza a gramática por meio do sistema da “léxico-gramática”, o que, nos dizeres das autoras, pode ser entendido como um “sistema de fraseado”, composto de “estruturas gramaticais e itens lexicais”. Desse modo, a teoria é sistêmica (porque concebe a língua por meio de paradigmas), é lexical (porque depreende escolhas dos usuários da língua) e é gramatical (porque estrutura essas escolhas em grupos fraseológicos). A designação funcional advém, portanto, de seu caráter social, uma vez que a língua é estudada em condições de uso.

A concepção de texto em Halliday perpassa os domínios do discurso uma vez que o texto é estruturado pelas categorias de sentido eleitas pelo usuário, que mobiliza a língua em favor da construção de significados¹⁸. Gramática e texto assumem um certo caráter simbiótico na medida em que o texto precisa da gramática para mobilizar categorias da língua (e a gramática passa a ser moldada para estruturar textos).

Menéndez (2017, p. 26) afirma que a gramática de Halliday é uma “gramática do texto”. Desse modo, muito mais do que um modelo prescritivo acerca do funcionamento da linguagem, a gramática emoldura processos comunicativos e os organiza/habilita a funcionar como textos. Nessa concepção de gramática, o texto passa a ser entendido com produto último da instanciação comunicativa pelo fato de propiciar ao usuário o encadeamento discursivo. De acordo com o próprio Halliday

¹⁸ Na GSF, sentido e significado são termos basicamente afins. São utilizados de igual modo para se referir à construção de textos.

(1976, 137), a função textual “é a que capacita o falante e o escritor a construir ‘textos’”.

Como o texto é, em linhas gerais, o produto da léxico-gramática, a GSF pode ser compreendida como uma gramática textual. Ainda de acordo com Menéndez (2017, p. 26),

lo que tenemos, finalmente, son textos a partir de la confluencia de la gramática y el registro. En última instancia, la gramática de Halliday es una gramática del texto.

Podemos decir, entonces, que la teoría sistémica da prioridad al discurso o texto no solamente como evidencia del sistema, sino que lo valoriza como elemento constitutivo de la cultura.

A GSF, além particularizar uma concepção de texto a partir das escolhas do usuário, trata, ainda, da noção de contexto. O contexto, como se verá a seguir, é um dos fatores para que a gramática seja moldada e organizada em estratos que servem, primordialmente, à produção do texto (oral ou escrito).

5.2 Contexto de cultura e contexto de situação

Para Halliday e Matthiessen (2014, p. 32), na obra seminal *Introduction to functional grammar*, “a linguagem opera em contexto¹⁹”. Desse modo, o contexto é reivindicado pela corrente sistêmico-funcional como preponderante para que os registros de linguagem sejam concretizados.

Em outras abordagens linguísticas, como na Linguística Textual, o contexto é tratado como “situação de interação” (KOCH, 2006, p. 24). Para essa vertente teórica, o contexto também é tratado como o “entorno” do processo de interpretação dos significados emergentes a partir das unidades linguísticas mapeáveis na superfície textual. A GSF, diferentemente, concebe o contexto como a própria essência semiótica da linguagem, já que esta é operada naquele.

Conforme trata Dijk (2012, p. 52), a teoria sistêmico-funcional constitui um estudo detalhado acerca da “abordagem linguística do contexto”. Muitas outras correntes teóricas tratam do contexto sem detalhar sua relevância para a configuração dos usos da língua. Na GSF, o contexto foi tratado exaustivamente por

¹⁹ “Language operates in context”. Tradução nossa.

muitos teóricos que passaram adotar as diretrizes dos estudos antropológicos e sociológicos a respeito de como a linguagem deve ser tratada a partir de suas condições de produção.

De acordo com Dijk (2012, p. 54),

em contraste com as teorias linguísticas mais formais, a Linguística Firthiana e a LSF dão um destaque explícito à natureza social da língua e à língua em uso. A língua é então encarada como parte inerente da experiência vivida dos membros de uma sociedade ou cultura; e por isso entende-se que as estruturas linguísticas também têm que ser tratadas, e possivelmente explicadas, em termos de seu entorno 'natural' e das atividades sociais que elas permitem realizar.

Inspirada nos ideais de Bronislaw Malinowski e John Firth (CABRAL; FUZER, 2014, p. 17), a proposta de Halliday, iniciada por volta de 1960, deu continuidade ao tratamento da linguagem imersa no componente contextual. Vale ressaltar que, embora existam muitos desdobramentos teóricos da teoria sistêmica (em diversos países, como Austrália, China, Argentina, Brasil etc.), todas as vertentes parecem convergir para a noção de que o contexto é um componente indispensável para um tratamento mais proveitoso dos fenômenos da linguagem

Em sua obra *A linguagem como semiótica social*, Halliday (1982, p. 10) afirma que “el lenguaje es uno de los sistemas semióticos que constituyen una cultura”. De acordo com o autor, esse sistema é de codificação (que, aliás, é a base de tantos outros sistemas semióticos) e, ao mesmo tempo, é um “sistema de significados”, uma vez que os usuários trocam mensagens por meio desse sistema simbólico que é potencialmente significativo.

Nessa perspectiva, conforme salienta Halliday (1982, p. 10), o usuário da língua não se comunica por meio de orações. O produto final do processo comunicativo é o texto e, por consequência, o próprio discurso que é portador das trocas simbólicas de significados mediados e operados por meio de contextos de uso da linguagem. O contexto, nessa abordagem, é responsável por moldar as mensagens e as escolhas lexicogramaticais dos usuários, o que diferencia essa vertente de uma concepção homogênea de linguagem, na qual as orações são as estruturas básicas do processo comunicativo de falantes ideais (este o preceito formalista por excelência).

A inserção de fatores culturais e sociais para a abordagem funcional da linguagem prevê uma série de pressões externas que esses fatores operam na

manifestação diária do uso da linguagem. Halliday (1982, p. 10) sugere que o “contexto sociocultural” contém as expressões de linguagem, e é isso que configura a linguagem como “semiótica social”:

En términos resumidos, eso es lo que se quiere decir mediante la expresión “lenguaje como semiótica social”; significa interpretar el lenguaje dentro de un contexto sociocultural, en que la propia cultura se interpreta en términos semióticos, como un sistema de información, si se prefiere esa terminología.

A GSF prevê dois tipos de contextos para a manifestação da linguagem, a saber: o contexto de situação e o contexto de cultura. Segundo Koch (2006, p. 22), “foi Malinowski (1923) quem criou os termos ‘contexto de situação’ e ‘contexto de cultura’”, no âmbito dos estudos antropológicos de início do século XX, e, só na metade do mesmo século, Halliday e outros adeptos passaram a usar esse tipo de designação para se referir aos meios pelos quais a linguagem se desenvolve.

Desse modo, autoras como Cabral e Fuzer (2014, p. 28) assumem que o contexto de cultura “refere-se não só a práticas mais amplas associadas a diferentes países e grupos étnicos, mas também a práticas institucionalizadas”, que, na visão das autoras, podem ser encontradas na escola, na igreja, na justiça e em outras instituições da sociedade.

O contexto de cultura, conforme salientam Cabral e Fuzer (2014, p. 29), é também denominado “macrocontexto”, uma vez que comporta “práticas, valores e crenças mais recorrentes”. De acordo com essa concepção, o “macrocontexto” assume certa estabilidade, pois os costumes e os valores sociais tendem a ser mais socialmente duradouros.

Desse modo, uma prática social como o casamento religioso tende a ser simbolizada de diversos modos em vários países e até mesmo de modo distinto dentro de um mesmo país. Trata-se de uma prática convencional (negociada) por membros de uma determinada cultura cujas manifestações de tais práticas são socialmente repassadas.

Pelo contexto de cultura, compreendem-se igualmente as manifestações distintas sobre como os mortos são tratados em diversas culturas. Dessa forma, há países que celebram os mortos com festa (como o México) e há os que mantêm uma tradição fúnebre (como o Brasil). Embora seja considerado mais amplo, o contexto de cultura contribui sobremaneira para que os gêneros textuais sejam moldados em condições de uso da linguagem. É um tipo de contexto que, por assim

dizer, abarca as relações sociais com a linguagem de modo a gerar condições propícias para que os textos circulem e permaneçam na sociedade com certa estabilidade.

Já o contexto de situação, segundo Cabral e Fuzer (2014, p. 27), “é o ambiente imediato no qual o texto está de fato funcionando”. As autoras, baseando-se na perspectiva hallidayana, apontam que o contexto de situação também é denominado “microcontexto” (CABRAL; FUZER, 2014, p. 29), justamente pelo fato de esse tipo de contexto emoldurar a produção dos gêneros textuais em condições reais de manifestação da linguagem.

Segundo a perspectiva hallidayana, o contexto de situação deve ser analisado por meio de três variáveis, quais sejam: *campo*, *relações* e *modo*. Assim são diferenciadas as variáveis (CABRAL; FUZER, 2014, p. 30):

O campo remete à atividade que está sendo realizada pelos participantes, à natureza da ação social que está ocorrendo, com objetivo específico.

As relações envolvem os participantes, a natureza dos papéis que desempenham, o grau de controle de um participante sobre o outro, a relação entre eles (hierárquica ou não) e a distância social ou o grau de formalidade (mínima, média ou máxima, dependendo da frequência com que interagem).

O modo refere-se à função que a linguagem exerce e ao veículo utilizado naquela situação ou, ainda, ao que os participantes esperam que a linguagem faça por eles em determinada situação. Trata do papel da linguagem (constitutivo ou auxiliar/suplementar), do compartilhamento entre os participantes (dialógico ou monológico), do canal (gráfico ou fônico) e do meio (oral com ou sem contato visual, escrito e/ou não verbal).

Assim, o contexto de situação, hierarquicamente, está mais próximo da organização semiótica dos textos pelo fato de contemplar as variáveis de situação. A título de exemplificação, pode-se tomar o gênero textual *discurso de posse* – cujas condições de produção, como se verá à frente, são variadas – para explorar as variáveis *campo*, *relações* e *modo*.

No contexto de cultura brasileiro, os discursos de posse são produzidos para cerimônias solenes (da política, da justiça etc.) com fins variados (tomar posse em cargo público, assumir cargos na vida pública, entre outros). Desse modo, os discursos de posse inscrevem-se em uma tradição retórica brasileira, na qual quem profere o discurso precisa voltar-se à sociedade com um tom de agradecimento ou de cortesia por ter conquistado determinado patamar social.

Analisados sob o prisma do contexto de situação, os discursos de posse, como um gênero textual, são organizados por meio de escolhas léxico-gramaticais

que moldam a forma do gênero. A tabela, a seguir, sinaliza as variáveis do contexto de situação, necessárias à configuração do gênero discurso de posse:

Tabela 3 - Variáveis do contexto de situação

Variáveis do contexto de situação	Gênero discurso de posse
campo	cumprimentar; agradecer; (re)afirmar compromisso; lembrar os feitos etc.
relações	aquele que discursa dirige-se a uma plateia, a um auditório ou a uma multidão, que pode interagir com palmas e outras manifestações de apreço ou de discordância.
modo	o discurso geralmente é escrito e, depois, lido. Canal: do escrito para o falado.

Fonte: O autor, 2023.

Alguns especialistas, como se verá no sétimo capítulo, defendem que, por meio do contexto de situação, é possível prever a formação dos gêneros textuais para situações de uso da linguagem. Dessa forma, o microcontexto teria o papel de conferir aos textos determinadas formas para funcionar em sociedade, o que, de fato, pode ser sustentado pela noção de que a concretude dos gêneros textuais é permeada pelas variáveis do contexto de situação.

Embora alguns teóricos, como Dijk (2012, p. 54), vejam certa redundância no uso do termo “contexto de situação” – “parece dizer a mesma coisa duas vezes” –, não se pode negar o avanço empreendido pela GSF no tratamento do texto e do contexto. Como já foi dito, essa teoria sobre a linguagem, ao que tudo indica, parece ser a primeira a conferir certa primazia à linguagem em contexto, já que outras teorias (incluindo-se aí a Linguística Textual) preocuparam-se apenas com a recursividade da língua na produção de estruturas de superfície, como as orações.

Na próxima seção, exploram-se as metafunções da linguagem. Halliday (1976) elabora a teoria das metafunções a partir das variáveis do contexto de situação. Segundo essa concepção das funções da linguagem, é possível prever uma série de escolhas lexicogramaticais responsáveis por representações, por

interações e por modos de organizar os textos de modo a conceber a linguagem como prática sociocultural.

5.3 Metafunções da linguagem

Em “Estrutura e função da linguagem”, ensaio fundante dos pressupostos teóricos de Halliday (1976, p. 136), há menção às funções básicas da linguagem:

É assaz óbvio que a linguagem é usada para servir a uma variedade de diferentes necessidades, mas até que examinemos sua gramática não há razão bastante de classificar seus usos de qualquer maneira determinada. Entretanto, quando examinamos o sentido potencial da própria linguagem, observamos que numerosas opções nela englobadas se combinam numas poucas “redes” relativamente independentes; e estas redes de opções correspondem a certas funções básicas da linguagem.

O termo “metafunção”, portanto, foi empregado pelo linguista britânico para sinalizar a centralidade das funções da linguagem no seio de uma teoria que pretende tomar a linguagem em sua total funcionalidade. Como explica Gouveia (2009, p. 15), na teoria de Halliday, “a linguagem desempenha três funções fundamentais, para além da função comunicativa” e, talvez, esteja neste “para além” a razão de ser do prefixo meta- (de origem grega) na construção elencada por Halliday para se referir às “redes” de integração da linguagem.

De acordo com Cabral e Fuzer (2014, p. 32), “metafunções são as manifestações, no sistema linguístico, dos propósitos que estão subjacentes a todos os usos da língua”. Nesse sentido, as orações de uma língua natural manifestam, em seu bojo, uma série de propósitos léxico-gramaticais cujas estruturas tendem a: a) representar, por meio da estrutura oracional, o mundo (extra)linguístico; b) constituir um modo de interação entre os usuários da língua; c) organizar mensagens a partir do repertório léxico-gramatical e habilitá-las em forma de textos concretos (como já se mencionou, os gêneros textuais).

Conforme menciona o próprio Halliday (1976, p. 137), as metafunções “estão refletidas na estrutura da oração”. Sendo assim, a oração é a unidade básica de análise da GSF, e as metafunções podem ser entendidas como manifestações do uso da linguagem em contexto mais imediato, o contexto de situação.

Halliday (1976, p. 136) assim aborda a metafunção ideacional:

A linguagem serve para a manifestação de “conteúdo”: isto é, da experiência que o falante tem do mundo real, inclusive do mundo interior de sua própria consciência. Podemos denominar este aspecto de função *ideacional*, embora ele possa ser facilmente entendido tanto em termos conceituais como em termos comportamentais (Firth, 1968: 91). Ao desempenhar tal função, a linguagem também estrutura a experiência e ajuda a determinar nossa maneira de ver as coisas, de modo que exige algum esforço intelectual vê-las de outra maneira que não aquela que nossa linguagem nos sugere.

A metafunção ideacional ou experiencial, portanto, é relacionada à variável do contexto de situação campo, na medida em que opera com o sistema de transitividade, no qual a oração assume papel central. Por meio dessa metafunção, é possível mapear, nos diversos gêneros textuais, processos oracionais subjacentes à interação.

Por exemplo, no contexto de situação de venda de um produto é comum que haja a representação oracional por intermédio de verbos como “vender”, “comprar” ou “alugar” (vende-se uma máquina; aluga-se uma máquina); em contextos de situação em que se deve gratidão, geralmente o verbo mais frequente é “agradecer” (agradeço a presença de todos). A metafunção ideacional, desse modo, é condicionada pelos processos verbais e seus recorrentes significados léxico-gramaticais.

Halliday (1976, p. 146-150) foi um dos primeiros linguistas funcionalistas a assinalar o caráter processual da transitividade oracional. Seu estudo sobre as “orações de ação” (por exemplo, em torno de verbos como “fazer”), “orações de processos mentais” (em torno de verbos como “pensar”) e “orações de relações” (em torno de verbos como “ser” e “parecer”) tornou-se referência nas investigações sobre transitividade.

Nesses estudos, orações elencadas por Halliday (1976, p. 146-150), como “ela apreciou o presente” e “o presente foi apreciado por ela”, foram cotejadas por meio de processos de proeminência, em que um item da cadeia sintagmática recebe foco de informação (no caso da passiva) pelo fato de haver uma mudança considerável na composição regencial do verbo “apreciar”, cuja transitividade foi afetada pela preposição “por”. Segundo o linguista, é possível manter o foco no participante “ela”, tanto na posição inicial da oração quanto na posição final.

Halliday (1976, p. 136-137) aborda da seguinte forma a metafunção interpessoal:

A linguagem serve para estabelecer e manter relações sociais: para a expressão de papéis sociais, que incluem os papéis comunicativos criados pela própria linguagem – por exemplo: os papéis de perguntador ou respondente, que assumimos ao fazer uma pergunta ou respondê-la; e também para conseguir que coisas sejam feitas, por via de interação entre uma pessoa e outra. Através desta função, que podemos chamar *interpessoal*, os grupos sociais são delimitados e o individual é identificado e reforçado, pois a linguagem, além de capacitá-lo a interagir com as outras pessoas, serve também para a manifestação e desenvolvimento de sua própria personalidade.

Na metafunção interpessoal a variável de contexto de situação mobilizada é a das relações, já que o falante/escritor pode participar de modo ativo ou passivo ao ato da interação verbal. Nessa metafunção, cumpre destacar, conforme salienta Halliday (1976, p. 154), que “a própria linguagem define os papéis que as pessoas podem assumir”.

Sendo assim, na metafunção interpessoal há menção aos conteúdos proposicionais (CABRAL; FUZER, 2014, p. 105) da oração, que é vista como troca de informações. A proposição, na GSF, “é algo sobre o que se pode argumentar, seja negando-a, afirmando-a, colocando-a em dúvida etc.” (CABRAL; FUZER, 2014, p. 105) e, de certo modo, a proposição molda os papéis sociais dos interlocutores na troca de informações.

Por exemplo, a interação entre um chefe e um empregado é mediada por trocas mais ou menos estáveis de perguntas e respostas. Nesse sentido, os conteúdos proposicionais moldados em forma de perguntas tendem a ser geralmente elaborados pelo participante²⁰ chefe, que direciona suas perguntas ao participante empregado, cuja papel social é responder às indagações do seu superior.

Pela proposta da metafunção interpessoal, é incomum que um empregado faça perguntas ao seu superior, já que aquele, socialmente falando, é subordinado a este. No entanto, a troca de informações proposicionais entre ambos permite que um empregado tire dúvidas (sobretudo, em relação a dúvidas que possam comprometer a correta execução de uma tarefa) com o chefe. No geral, essas

²⁰ Na GSF, a designação “participante” refere-se aos sujeitos ativos ou afetados pelo processo da transitividade verbal.

dúvidas não corresponderiam a situações sociais como o atraso do chefe ou outras insatisfações que afetam a hierarquia social nas interações diárias.

Halliday (1976, p. 137) elege o texto para a manifestação dessas relações interpessoais. Segundo ele, é por meio do texto que a linguagem é habilitada aos usos linguísticos:

Por fim, cumpre à linguagem possibilitar o estabelecimento de vínculos com ela própria e com as características da situação em que é usada. Podemos chamar a este aspecto função *textual*, pois é a que capacita o falante e o escritor a construir “textos”, ou passagens encadeadas de discurso que sejam situacionalmente apropriadas; outrossim, ela capacita o ouvinte ou o leitor a distinguir um texto de um conjunto aleatório de orações. Um aspecto da função textual é estabelecer, num discurso, relações coesivas entre uma oração e outra.

Ainda segundo Halliday (1976, p. 155), “a unidade básica da linguagem manifestada não é uma palavra ou uma oração, mas um ‘texto’”. Nesse âmbito, a metafunção textual constitui-se como função habilitadora, já que mobiliza o modo como as mensagens serão habilitadas a funcionar como texto (como gênero textual concreto).

Conforme explica o mentor da GSF, não importa para a organização da mensagem a extensão dos itens léxico-gramaticais (há orações de uma única palavra, por exemplo, que são textos). A relevância dessa teorização recai justamente sobre o fator da textualidade implicado na organização das mensagens em contextos reais de uso da linguagem.

Na metafunção textual, localiza-se, ainda, uma velha discussão acerca da “estrutura de informação” (HALLIDAY, 1976, p. 157). O linguista britânico faz uma distinção entre tema (estrutura de tópico) e rema (estrutura de comentário). O tema, dentro da unidade textual, está “associado com o ‘dado’”, e o rema, “com o novo”. De acordo com essa perspectiva, um texto é uma mensagem em que o sistema de organização – a léxico-gramática – opera com informações dadas ou velhas, ao passo que progride por meio de informações em constante atualização, as chamadas estruturas novas.

Para a GSF, o texto passa a ser visto como uma unidade em que os elementos do sistema são responsáveis pelo encadeamento de informações de tema e de rema. De modo geral, encontram-se integradas à metafunção textual as

outras metafunções, já que está no texto a maior unidade de significação para Halliday (1976), o potencial de significado da língua.

Conforme sintetizam Cabral e Fuzer (2014, p. 32),

metafunções são as manifestações, no sistema linguístico, dos propósitos que estão subjacentes a todos os usos da língua: compreender o meio (ideacional), relacionar-se com os outros (interpessoal) e organizar a informação (textual). (...)

As três metafunções da linguagem definem a oração como uma unidade gramatical plurifuncional: é organizada de acordo com os significados ideacionais, interpessoais e textuais (estrato semântico), em que a oração é vista como uma composição – oração como representação, oração como interação e oração como mensagem (...).

As metafunções são mapeáveis na segmentação textual e contribuem para a interpretação do todo linguístico. Diferentemente, de outras abordagens funcionalistas (em que um texto tende a fazer transparecer apenas uma função), na teoria sistêmica há manifestação das três metafunções, o que confere a esse modelo teórico maior capacidade genérica para lidar com os diversos textos que circulam na sociedade.

Como se verá a seguir, há uma distinção básica entre a oração (a unidade com potencial de significado analítico para a GSF²¹) e o complexo oracional (concebido pela sua organização em pares oracionais). O que não se pode perder de vista na teoria da GSF é que a oração não é tratada apenas com um modelo formal de análise; antes disso, a oração é abordada na sua constituição léxico-gramatical que afeta, por conseguinte, o todo significativo de um texto.

A oração não é estudada apenas em torno da predicação verbal. Como ela é o conjunto realizável das três metafunções, seu escopo sistemático permite que cada constituinte – no dizer de Halliday, grupo – assumam uma função no âmbito maior do texto. Neste trabalho, o estudo das orações circunscreve-se a este projeto maior: formar o complexo oracional, que é, na verdade, uma estrutura complexa em que convergem orações para a articulação do texto.

²¹ Diferentemente da perspectiva estruturalista/formalista, que enxergava ora no morfema ora no fonema as menores estruturas indivisíveis, a GSF estuda o potencial de articulação de orações para formar textos. Nesse sentido, os trabalhos de Halliday (1976; 1982; 2014) concentram seus esforços descritivos na oração.

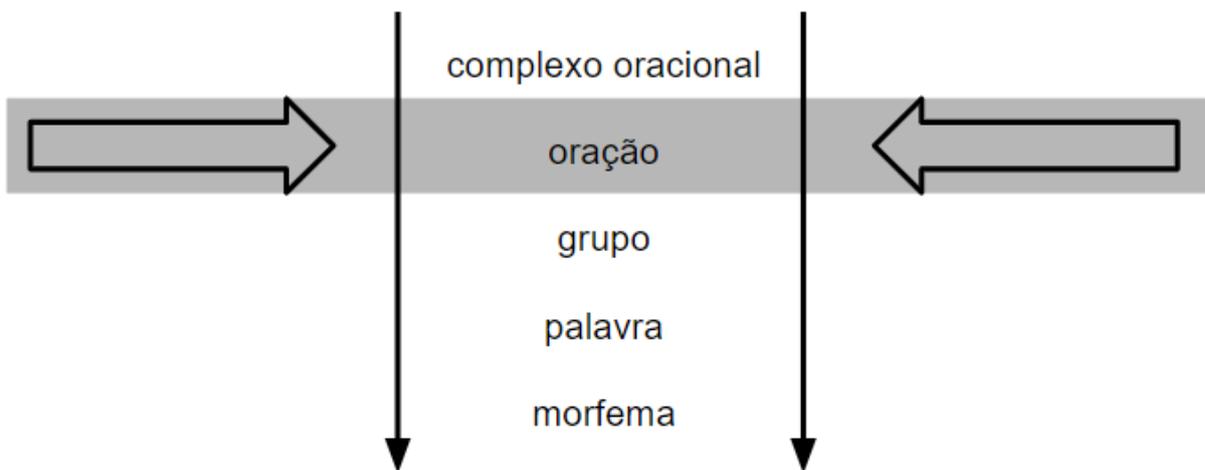
5.4 Tratamento da oração na GSF

Halliday (1982, p. 170) assim postula: “uma ‘oração’ se define como um complexo de cláusulas”²². Desde que esse postulado passou a vigorar no âmbito da Linguística, as designações “oração” e “cláusula” passaram a ser tratadas como sinônimas.

Nos estudos linguísticos, não há um certo consenso sobre a definição de “cláusula”. Dubois (2014, p. 104) aplica o termo à organização tônica dos enunciados latinos – na constituição de versos e métricas, por exemplo – e às “cláusulas substantivas, adjetivas e adverbiais”. Nesta última acepção, cláusula é equivalente a oração.

Para Halliday (1982, p. 170), a oração posiciona-se abaixo do complexo oracional (“clause complex”) e acima dos chamados grupos (“groups”):

Figura 1 - Nível hierárquico da oração



Fonte: CABRAL; FUZER, 2014, p. 35.

²² Tradução do espanhol: “una ‘oración’ se define como un complejo de cláusulas” (HALLIDAY, 1982, p. 170). É importante ressaltar que a obra de Halliday é estudada por muitos linguistas da América Latina, o que faz com que seus textos sejam traduzidos em língua espanhola. Neste trabalho, são utilizadas algumas dessas obras que foram traduzidas do inglês para o espanhol.

Na concepção da GSF, a oração passa a ser entendida como a “unidade central de análise” (CABRAL; FUZER: 2014, p. 35-36). Há, portanto, um nível “acima da oração” e há níveis “abaixo da oração”:

A unidade central de análise é a oração, identificada pela presença de um grupo verbal e, pelo menos, um grupo nominal, como em *Nas grandes cidades, muitas pessoas usam metrô*.

Duas ou mais orações reunidas formam um complexo oracional, como em *Nas grandes cidades, muitas pessoas usam metrô para irem ao trabalho*. Esse é o nível *acima da oração*.

Também podemos olhar para os constituintes da oração em si. Oorações se constituem de grupos, que por sua vez se constituem de uma ou mais palavras, e estas se constituem de morfemas. Esse é o nível *abaixo da oração*.

Embora Halliday (1982) não tenha tratado da concepção de sintagma, pode-se inferir que a noção de “grupo”, localizada no subnível abaixo da oração, está intrinsecamente atrelada à de sintagma. Em Língua Portuguesa, o exemplo de Cabral e Fuzer (2014, p. 35), “nas grandes cidades, muitas pessoas usam metrô”, pode ser analisado por meio de seus constituintes sintagmáticos.

Por esse viés, o grupo nominal “muitas pessoas” pode ser analisado como um sintagma nominal, e o grupo verbal “usam metrô”, como um sintagma verbal. Já o grupo adverbial “nas grandes cidades” poderia ser designado como um sintagma preposicionado e, mais especificamente, como um sintagma de caráter adverbial (uma vez que contém valor semântico de lugar). De acordo com a gramática do Português, pode-se mencionar, ainda, que o grupo nominal “metrô”, no exemplo, é um sintagma nominal, encaixado no predicador “usam”.

Na gramática sistêmica, os níveis são concebidos hierarquicamente, mas todos afetam o sistema seguinte. A oração, portanto, é constituída de outras unidades inferiores e passa a ser depreendida no complexo oracional quando é analisada aos pares, o que a coloca em processo de coesão textual, na medida em que o complexo oracional, para Halliday e Matthiessen (2014), habilita a formação de textos.

Cabral e Fuzer (2014, p. 42-78) foram as primeiras autoras a sistematizar a concepção de oração da GSF em Língua Portuguesa. Diferentemente da abordagem tradicional da gramática do Português, a oração é entendida na GSF por meio de processos e, por isso, podem ser desdobradas em: orações materiais, orações mentais, orações relacionais, orações verbais, orações comportamentais e

orações existenciais. Cada um desses processos oracionais é analisado a partir dos estudos de Cabral e Fuzer (2014) acerca da concepção de oração de Halliday:

O tratamento da transitividade na GSF é diferente do que se verifica na gramática tradicional. Na perspectiva tradicional, a transitividade refere-se à relação dos verbos com os seus complementos. Já na Gramática Sistêmico-Funcional, a transitividade é um sistema de descrição de *toda a oração*, a qual se compõe de processos, participantes e eventuais circunstâncias.

As orações materiais, como a que consta em “Michelangelo pintou a Divina Comédia” (CABRAL; FUZER, 2014, p. 47), têm geralmente dois participantes – “Michelangelo” e “a Divina Comédia” –, sendo que este último participante configura-se como a meta do processo verbal.

Na GSF, orações materiais são concebidas a partir do processo de “fazer e acontecer”, sinalizado pelas autoras, em que um participante oracional pode realizar um processo, que, no exemplo em tela, é realizado pelo verbo “pintar”, visto, sob esse prisma, como o centro do processo de transitividade. Nesse caso, o verbo “pintar” pode ser entendido como uma ação que resulta em um quadro (a Divina Comédia).

No processo de construção das orações mentais, há a realização da percepção do participante frente à realidade. Orações como “pensei muito hoje” e “imagine o mundo sem as cores” (CABRAL; FUZER, 2014, p. 56), ao contrário do processo material, não são constituídas de verbo de ação; são, em verdade, constituídas com verbos de percepção. Conforme sugerem as autoras, esses verbos configuram processos cognitivos, com os quais os participantes refletem a sua percepção mental, tanto com “pensei” como com “imagine” (neste último caso, a percepção é incitada no outro usuário da língua, por se configurar um comando – “imagine”).

Nas orações relacionais, há estruturação de conceitos, já que o sistema de transitividade é acionado por meio de processos atributivos. Na Língua Portuguesa, alguns verbos assumem essa peculiaridade, a saber: *x é y*, *x está y*, *x parece y*, *x continua y*, *x virou y* etc. A GSF trata essas orações como uma possível representação de entidades/seres no mundo (extra)linguístico, uma vez que sinalizam relações entre participantes e atributos em esquema de simetria na constituição da oração.

Há processos que servem, basicamente, para estabelecer uma relação entre duas entidades diferentes, constituindo uma oração relacional. Por isso, nesse tipo de oração haverá sempre dois participantes inerentes.

(...)

As orações relacionais são comumente usadas para representar seres no mundo em termos de suas características e identidades. (...) contribuem na definição de coisas, estruturando conceitos (CABRAL; FUZER, 2014, p. 65).

De acordo com Cabral e Fuzer (2014, p. 65), são orações relacionais as que constam em “Lula era sindicalista” e “Lula foi o presidente da República até 2010”, nas quais relacionam-se os participantes e os atributos. A GSF não trata especificamente dos casos relacionais do presente e do passado constantes no processo relacional, o que torna idênticas as construções “Lula era sindicalista” e “Lula é sindicalista”, pelo fato de os processos relacionais entre o participante (Lula) e o atributo (sindicalista) continuarem os mesmos.

As orações verbais (embora o nome pareça uma redundância terminológica) abarcam os “processos de dizer”, segundo Cabral e Fuzer (2014, p. 72). Verbos como “falar”, “dizer”, “contar”, “perguntar”, entre outros, estão listados na abordagem da GSF no grupo dos verbos que configuram o processo transitivo do dizer, no qual o participante tem o foco desse processo, como em “Dunga fala palavrões durante entrevista” (CABRAL; FUZER, 2014, p. 73).

Nas orações verbais, o processo transitivo resulta o que foi dito – a chamada “verbiagem”, conforme sugerem as autoras. No exemplo mencionado, o participante, portanto, é “Dunga”, “fala” constitui o processo do dizer e “palavrões” constitui a verbiagem, entendida como o resultado do processo de fala.

As orações comportamentais são, segundo Cabral e Fuzer (2014, p. 76 – 77), orações que apresentam processos fisiológicos e processos que revelam algum tipo de postura do participante. Essas orações, que podem ser organizadas com verbos como “levantar”, “sentar”, “tossir” e “respirar”, dentre outros, caracterizam-se pelo seu significado também material, no qual o participante assume determinado comportamento, cuja organização processual envolve ações no que tange à realização de determinada atitude, como em “Neymar dança em evento beneficente” (CABRAL; FUZER, 2014, p. 77).

Esse tipo de oração comportamental pode assumir significados veiculados por orações materiais. É importante salientar que a GSF não categoriza as orações como estáticas dentro do quadro da transitividade, e isso caracteriza uma assunção descritiva que é sensível aos usos linguísticos (por exemplo, orações como “Fulano

virou a massa” são materiais, ao passo que “Fulano virou médico” constitui processo relacional).

Por fim, as orações existenciais são consideradas em menor ocorrência, já que, conforme especificam Cabral e Fuzer (2014, p. 79),

o verbo típico da oração existencial é “haver” (em sentido de existir). Em português (assim como no espanhol) a oração existencial não apresenta sujeito. O participante típico da oração existencial é o *Existente*. O Existente pode representar uma pessoa, um objeto, uma instituição ou uma abstração e também uma ação ou evento.

Uma oração como “Houve uma alta de 70,7% nas vendas de notebooks” (CABRAL; FUZER, 2014, p. 79) é considerada existencial abstrata, ao passo que uma possível oração como “Houve queda de pessoas da ponte²³” pode ser considerada existencial de ação, uma vez que o processo verbal resulta existentes distintos nas duas orações (“uma alta de 70,7%...” e “queda de pessoas...”).

É importante salientar que os exemplos oracionais mencionados podem ser facilmente mapeados em porções distintas de texto (curto ou longo). Nesse sentido, a GSF não se preocupa com a extensão da unidade oracional descrita, já que, em última medida, o significado emerge em qualquer tipo de construção na qual o sistema de transitividade opera.

Desse modo, a análise de cláusulas na percepção sistêmica ultrapassa o nível do verbo e chega aos constituintes que corroboram a estrutura oracional. Diante desse fator, os processos oracionais não se centram apenas no verbo, o que indica que os grupos (nominais e adverbiais) assumem relevância na organização do todo das mensagens – o texto como um todo organizado.

A consideração de que as orações hierarquicamente são organizadas, tanto por meio dos grupos quanto das palavras e outros constituintes, é condição *sine qua non* para que se conceba a teoria sistêmica como uma teoria que sustenta o diálogo das unidades da gramática.

A seguir, é analisado o complexo oracional, a unidade acima da oração. Nesse nível, as orações são observadas em pares, já que o regime do complexo prevê uma série de articulações (coesão) para que os textos sejam organizados em mensagens (metafunção textual).

²³ O exemplo foi criado pelo autor para contrapor orações existenciais abstratas a orações existenciais de ação.

5.5 Complexo oracional

Halliday (1982, p. 170) afirma que “os complexos são estruturas univariadas (recursivas) formadas ou por combinações paratáticas ou hipotáticas²⁴”. Essa definição acerca do complexo oracional é usada pelo autor para se referir ao nível acima da oração e para se referir também ao princípio da organização sintática dos textos – um princípio, em tese, recursivo.

De acordo com Halliday e Matthiessen (2014, p. 435), o complexo oracional é organizado pela metafunção ideacional da linguagem ou, em outras palavras, pelo “modo lógico” de organização das orações. Ainda de acordo com os autores, o complexo pode ser organizado na léxico-gramática tanto na organização lógica da parataxe quanto na da hipotaxe. Sobre essa organização lógica, assim se expressam os autores (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014, p. 441):

A distinção entre parataxe e hipotaxe evoluiu nas línguas como uma poderosa estratégia gramatical para guiar o desenvolvimento retórico do texto, possibilitando à gramática atribuir diferentes status às figuras dentro de uma sequência. A escolha entre parataxe e hipotaxe caracteriza cada relação entre duas orações dentro de um complexo oracional (...)²⁵.

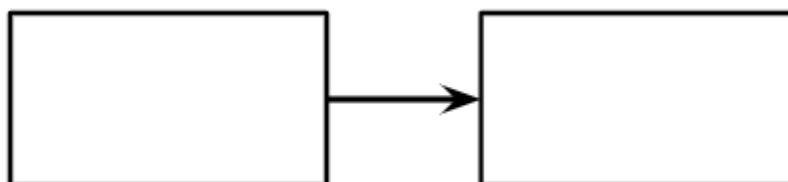
Na teoria sistêmica, o complexo oracional é concebido pela formação de orações aos pares. Sem sombra de dúvida, os pares oracionais participam de um projeto maior cuja função primordial é a mobilização do sistema oracional para funcionar como texto. Dessa forma, as orações formam o complexo oracional, e o complexo oracional habilita a organização de textos em contextos reais de situação comunicativa.

Para Halliday e Matthiessen (2014, p. 435), o eixo lógico de organização da parataxe e da hipotaxe poderia assim ser representado:

²⁴ Tradução do espanhol: “los complejos son estructuras univariadas (recursivas) formadas o por combinaciones paratáticas o hipotáticas” (HALLIDAY, 1982, p. 170).

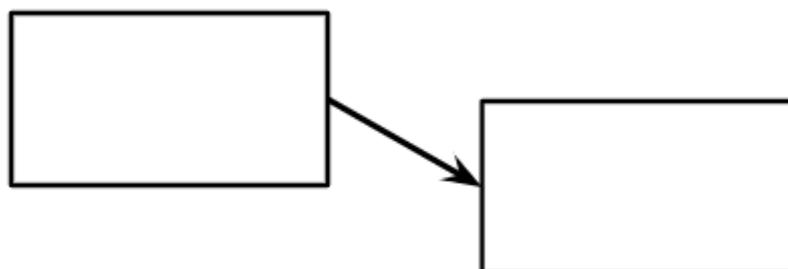
²⁵ Tradução do inglês: “The distinction between parataxis and hypotaxis has evolved in languages as a powerful grammatical strategy for guiding the rhetorical development of text, making it possible for the grammar to assign different statuses to figures within a sequence. The choice between parataxis and hypotaxis characterizes each relation between two clauses within a clause complex (...)” (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014, p. 441).

Figura 2 - Representação lógica da parataxe



Fonte: HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014, p. 435.

Figura 3 - Representação lógica da hipotaxe



Fonte: HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014, p. 435.

Na Figura 2, as orações do complexo, representadas pelos retângulos, estariam em relação de equidade ou de paralelismo, uma vez que ambas assumem o mesmo estatuto estrutural. Os autores sugerem que o paralelismo veiculado pela parataxe pode ser localizado nos grupos (de nomes, de adjetivos e de advérbios), o que significa dizer que a parataxe não é uma realidade apenas do complexo oracional, já que mantém uma relação de isonomia entre os termos colocados lado a lado na oração.

A relação que se estabelece na Figura 3, no entanto, tende a alterar o nível da organização do complexo oracional, uma vez que coloca em disparidade estruturas oracionais logicamente organizadas. Na hipotaxe, portanto, há o que os autores denominam “*status desigual*” no que tange à organização da sequência das orações (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014, p. 452). A hipotaxe também pode ser mapeada em níveis distintos, podendo ocorrer no nível dos grupos, segundo menciona a teoria sistêmica.

Conforme sugerem Halliday e Matthiessen (2014, p. 442), as orações do complexo oracional podem ser “primárias” e “secundárias”:

Tabela 4 - Organização das orações complexas

	Primária	Secundária
Parataxe	1 oração inicial	2 oração continuativa
Hipotaxe	α oração dominante	β oração dependente

Fonte: HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014, p. 442.

O complexo oracional pode ser compreendido na teoria da GSF como um conglomerado de cláusulas, cujo princípio organizacional preza, inclusive, pela manifestação simultânea de parataxe e de hipotaxe. No processo de organização de orações, o complexo precisa ser analisado em termos de uma unidade coesa em que a articulação de itens oracionais mobiliza o sistema de informação, operado pela metafunção textual.

Pode-se dizer que, na abordagem da GSF, há o nível acima do complexo oracional, a saber, o texto. Neste nível, há enfoque no processo de coesão textual (Trask [2015] afirma que os primeiros estudos sobre coesão foram empreendidos pela teoria sistêmica) e há enfoque no processo de organização da mensagem para que os textos sejam moldados em gêneros textuais.

Embora Halliday e Matthiessen (2014) não abordem o processo da correlação sintática, o princípio da organização lógica paratática e hipotática pode ser aplicado à articulação das orações em processo correlativo. Desse modo, a correlação pode ser organizada tanto no nível da parataxe quanto no da hipotaxe, já que orações iniciantes e continuativas (parataxe) e orações dominantes e dependentes (hipotaxe) articulam-se igualmente na organização da mensagem por meio da correlação.

Em Língua Portuguesa, Bechara (2019, p. 49-520) é considerado um entusiasta dos processos de organização do período por parataxe e por hipotaxe. Seu estudo sobre os princípios de organização lógica do período composto aproxima-se consideravelmente dos pressupostos da escola funcionalista sistêmico-funcional. Este trabalho, ao que tudo indica, é um dos primeiros a tratar a correlação por meio da teoria das orações complexas, já que outras abordagens funcionalistas não o fizeram.

Desse modo, a correlação sintática é tratada no último capítulo sob o viés das orações complexas, nas quais os grupos oracionais assumem força retórica para a organização de um projeto maior: a constituição ultramonitorada dos discursos de

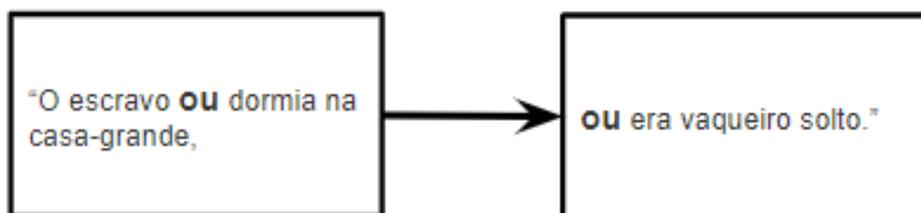
posse da Academia Brasileira de Letras. A correlação será tratada por meio de sua manifestação paratática e hipotática nesse tipo de discurso.

5.5.1 Parataxe

Halliday e Matthiessen (2014, p. 452) declaram que “a Parataxe é a ligação de elementos de mesmo *status*²⁶”. Sendo assim, o complexo oracional organizado por meio de parataxe tende a privilegiar o processo de isonomia de construções para que haja um certo equilíbrio na moldura textual.

Um exemplo de organização paratática do complexo oracional pode ser localizado no *corpus* de discurso de posse da Academia Brasileira de Letras que será explorado no Capítulo 7 e que consta na Figura 4:

Figura 4 - Exemplo de complexo oracional (parataxe)



Fonte: O autor, 2023.

Na Figura 4, a oração “O escravo ou dormia na casa-grande” é considerada inicial (oração 1), ao passo que a oração “ou era vaqueiro solto” é oração continuativa (oração 2). A ocorrência da conjunção “ou” em ambas orações conferem ao complexo oracional um certo peso textual de monitoramento discursivo, já que o complexo é organizado por orações alternativas de caráter disjuntivo em que se revelam duas opções para “o escravo” (dormir na casa-grande *versus* ser vaqueiro solto). Trata-se de orações disjuntivas por exclusão em que a escolha por um dos aspectos é latente.

²⁶ Tradução do inglês: “Parataxis is the linking of elements of equal status” (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014, p. 452).

Se a oração inicial e a oração continuativa fossem construídas por outro par de conectores correlatos (o escravo **nem** dormia na casa-grande **nem** era vaqueiro solto), o conteúdo semântico da escolha (de ou... ou...) cederia espaço à negação (constante em nem... nem...). O complexo oracional seria organizado léxico-gramaticalmente de modo distinto e, portanto, teria outro significado no contexto de situação.

O pressuposto de que, textualmente, a escolha por um par correlativo em detrimento de outro implica mudanças de significado/ção consta nos parâmetros de Halliday e Matthiessen (2014). Escolhas no nível do complexo oracional organizado por parataxe permitem emoldurar conteúdos sintático-semânticos previstos na léxico-gramática. Nesse sentido, o complexo oracional também é organizado por meio de escolhas (neste caso, a escolha implica o uso de determinado par de itens correlatos).

A parataxe, nessa perspectiva, endossa a organização de orações complexas por correlação. Nesse âmbito, a teoria sistêmica permite a abordagem de orações que se sequenciam por intermédio do recurso da cópia dos elementos conectores, o que Halliday e Matthiessen (2014) previram, mas não descreveram (por não lidar estritamente com orações de estatuto correlato).

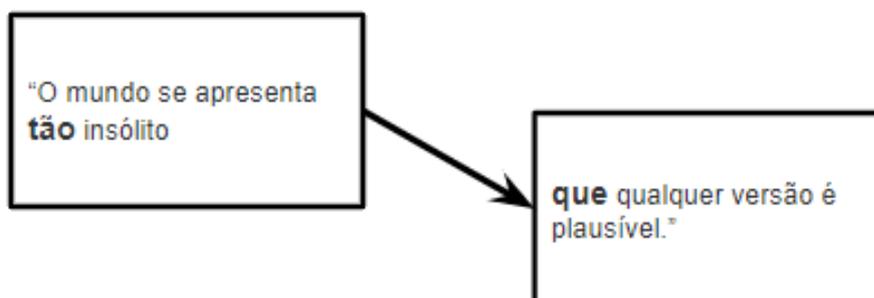
5.5.2 Hipotaxe

De acordo com Halliday e Matthiessen (2014, p. 452), “a hipotaxe é a ligação de elementos de *status* desigual²⁷”. No nível do complexo oracional, a organização hipotática confere certa tensão entre os pares oracionais, já que não há a mesma origem categorial dos itens que compõem a léxico-gramática da oração (não há a mesma função sintática entre os membros oracionais) e, sendo assim, há manifestação de significados motivados por essa tensão.

No exemplo da Figura 5 (também extraído de um discurso de posse da Academia Brasileira de Letras), há uma oração dominante (α) e uma oração dependente (β):

²⁷ Tradução do inglês: “Hypotaxis is the binding of elements of unequal status” (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014, p. 452).

Figura 5 - Exemplo de complexo oracional (hipotaxe)



Fonte: O autor, 2023.

A oração dominante (o mundo se apresenta tão insólito) funciona acima da oração dependente (que qualquer versão é plausível). No complexo oracional, ambas têm funções distintas, a saber: a dominante porta o conteúdo intensificador manifestado em “tão”, e a dependente veicula o conteúdo semântico da consequência em relação à oração dominante.

A escolha do enunciador deste complexo (um acadêmico da ABL) refletiu um tipo específico de relação lógico-semântica em que sobressaiu o conteúdo léxico-gramatical da consequência. Se, no entanto, o enunciador tivesse optado por um outro tipo de configuração do complexo oracional, com o par “mais... do que”, por exemplo, o significado veiculado pelo complexo seria outro.

Dessa forma, a relação semântica que se estabelece em “o mundo se apresenta **mais** insólito **do que** qualquer versão” é, de fato, comparativa. Nesta reorganização do complexo oracional, a escolha pelo par correlato de conectores “mais... do que...” expressa, em outra perspectiva, significado distinto da consecutividade, tal como se apresentava no primeiro exemplo. A opção por pares correlatos na hipotaxe interfere, sobremaneira, nos significados que emergem do complexo oracional.

A parataxe e a hipotaxe são tratadas neste trabalho como um meio de concepção do complexo oracional cuja estrutura não veicula apenas itens da léxico-gramática mas também veicula significados emergentes de escolhas (in)conscientes do usuário da língua. A parataxe e a hipotaxe serão tratadas, a seguir, por meio de seu propósito maior – ancorar a arquitetura do texto.

6 METODOLOGIA

A Gramática Sistêmico-Funcional oferece o aporte teórico para a análise das orações correlatas que se manifestam nos discursos de posse da Academia Brasileira de Letras (ABL) neste trabalho. A delimitação teórica é, portanto, de cunho funcionalista.

Para uma análise delimitada do *corpus*, opera-se, a seguir, com quatro eixos, a saber: configuração do *corpus*, em que se especifica a reunião dos textos selecionados; coleta dos dados, na qual se pode falar da natureza quantitativa e qualitativa da pesquisa; decomposição dos dados, cuja análise atende aos parâmetros analíticos da GSF; e, por fim, interpretação dos dados, em que se tratam especificamente as ocorrências das orações correlatas.

A natureza da pesquisa empreendida neste trabalho contempla um viés qualitativo na interpretação dos dados. O tratamento quantitativo dos dados faz-se necessário, mas não ultrapassa o domínio percentual das ocorrências das estruturas correlatas em tela.

6.1 Configuração do *corpus*

Para a configuração do *corpus*, elencam-se quinze discursos de posse da ABL. Essa coletânea atende a um propósito maior (análise da correlação sintática) e atende a um parâmetro específico – esse gênero foi escolhido por conter marcas claras de ultramonitoramento da linguagem (uso de pronomes de tratamento formais, marcação do superlativo e outros fatores subjacentes que serão tratados no capítulo 7).

Os quinze discursos de posse da ABL estão organizados de acordo com um recorte temporal que compreende vinte anos. Desse modo, os discursos selecionados estão localizados entre os anos 2000 e 2020, e esse recorte não é arbitrário, já que atende à especificidade de contemplar a pluralidade de discursos (de poetas, juristas, filólogos etc.), o que, em princípio, não era tão comum até 1999,

quando a ABL tinha, entre os seus membros, a presença maciça de juristas e representantes da política brasileira.

Nesse sentido, a escolha dos discursos de posse compreendidos nesses vinte anos atrela-se ao fato de que a ABL renovou consideravelmente o quadro de membros efetivos e, com isso, há discursos distintos na sua organização enquanto gênero e, sobretudo, no que respeita ao próprio conteúdo, já que o universo temático de assuntos é multifacetado. A tabela 5 traz a sequência dos acadêmicos e dos respectivos anos de proferimento do discurso.

Tabela 5 - Delimitação temporal do *corpus*

Acadêmico	Ano do discurso de posse (2000 – 2020)
Alberto da Costa e Silva	2000
Evanildo Bechara	2001
Paulo Coelho	2002
Ana Maria Machado	2003
Cicero Sandroni	2003
Antonio Carlos Secchin	2004
José Murilo de Carvalho	2004
Celso Lafer	2006
Cleonice Berardinelli	2010
Marco Lucchesi	2011
Rosiska Darcy de Oliveira	2013
João Almino	2017
Joaquim Falcão	2018
Carlos Diegues	2019
Ignácio de Loyola Brandão	2019

Fonte: O autor, 2023.

No tratamento dos dados, para efeitos de citação, os discursos de posse são mencionados por meio da sigla DP seguida do ano em que foi proferido. Assim, por exemplo, o discurso de Alberto da Costa e Silva é tratado como DP2000.

6.2 Coleta dos dados

Os quinze discursos são extraídos da página da ABL na internet (a consulta é pública). A instituição tem 40 membros efetivos, que são recepcionados no momento da posse, o que implica a produção de um discurso de recepção (não abordado neste trabalho) feito por um acadêmico e, obrigatoriamente, a produção de um discurso de posse (objeto deste trabalho). Nesse sentido, todos os membros efetivos da instituição proferem um discurso de posse.

Para efeito de coleta, não há seleção dos quarenta discursos que constam na página da instituição. Neste trabalho, utilizam-se apenas quinze discursos pelo fato de se localizarem no eixo temporal (2000-2020) previsto na coleta dos dados.

A coleta dos dados segue dois percursos distintos, a saber: há dados que são coletados e atendem ao parâmetro quantitativo no tratamento dos discursos de posse; e há dados cuja natureza é estritamente qualitativa. O trabalho segue estritamente a abordagem qualitativa para o tratamento das orações correlatas no gênero discurso de posse.

6.2.1 Dados de natureza quantitativa

Embora o trabalho não seja norteado pelo tratamento quantitativo dos dados, há menção ao percentual das orações correlatas manifestadas por intermédio da parataxe em relação ao quantitativo das orações correlatas cuja ocorrência perpassa o âmbito da hipotaxe.

A quantificação percentual dos dados manifesta-se tão somente na seção de interpretação dos dados. As ocorrências do *corpus* são apresentadas por meio do seu percentual em relação ao todo constitutivo dos discursos de posse, de modo a sinalizar o tipo de estrutura mais frequente de correlação sintática.

Os dados numéricos são utilizados, portanto, com o intuito de fornecer informações mais exatas a respeito das estruturas em análise. Desse modo, esses dados ancoram a análise qualitativa dos dados sem perder de vista que esse tipo de

análise pode favorecer um melhor tratamento de unidades recorrentes na estrutura da língua.

Para chegar aos dados percentuais das ocorrências, há a operação básica de consideração do todo do *corpus*, e, posteriormente, extraem-se os percentuais das ocorrências específicas (por exemplo, a correlação paratática ocorre com mais frequência nos discursos de posse da ABL, e isso é abordado em seção à parte).

6.2.2 Dados de natureza qualitativa

A coleta de dados nos quinze discursos de posse concorre para que sejam analisadas categorias elencadas no trabalho. Dessa forma, os dados provenientes das ocorrências servem para sinalizar manifestações da parataxe e da hipotaxe no âmbito das orações complexas.

Agrupam-se as orações paratáticas (iniciais e continuativas) e as orações hipotáticas (dominantes e dependentes), conforme a descrição de Halliday e Matthiessen (2014). Há dois grupos de estruturas privilegiadas – as correlatas complexas e as correlatas simples.

Contemplam-se nas correlatas complexas estruturas oracionais que portam os conectores desmembrados no par oracional e, além disso, portam as formas verbais (expressas ou elididas) em cada oração. O foco do trabalho reside nessa estrutura de correlação.

Já as correlatas simples estão entre as estruturas que não se manifestam sob a forma de oração (sem a marcação do verbo propriamente). Estão entre essas estruturas os chamados grupos (nominais, adjetivais e adverbiais), cuja ocorrência de correlação está abaixo do nível do período complexo, o que não sinaliza o enfoque neste trabalho. O mapeamento deste tipo de estrutura interessa pelo fato de comprovar a hipótese prevista: a correlação é frequente em discursos de posse, independentemente de sua manifestação no nível do complexo oracional e no nível abaixo da oração.

6.3 Decomposição dos dados

O *corpus* está distribuído, no apêndice a este trabalho, por meio de tabelas que seguem uma certa lógica organizacional, tanto no eixo horizontal quanto no eixo vertical. No eixo horizontal, encontram-se as etiquetas a respeito das estruturas oracionais, taxonomias da Nomenclatura Gramatical Brasileira e da Gramática Sistemico-Funcional e organizações das orações complexas. No eixo vertical, encontra-se a amostra do discurso de posse em que há ocorrência da oração correlata. A tabela 6 ilustra essa decomposição dos dados:

Tabela 6 - Primeira decomposição dos dados

Ocorrências	Correlatas complexas	Taxonomia da NGB	Taxonomia da Oração Complexa	Estruturação da Oração complexa
DPA _{no}

Fonte: O autor, 2023.

Para a citação da estrutura correlata complexa, utiliza-se um trecho considerável do discurso de posse (para além da exposição dos pares de conectores), de modo a sinalizar uma porção maior do texto de cada acadêmico citado. Nesse sentido, é importante salientar que a oração complexa está situada em um contexto mais amplo de abordagem.

Considerando o escopo da taxonomia da NGB, segue-se estritamente a classificação de orações coordenadas (aditivas e alternativas) e orações adverbiais (comparativas e consecutivas) para as ocorrências da correlação no *corpus*.

Já em relação à taxonomia da GSF, segue-se a classificação das orações complexas em sua organização sistêmica – parataxe e hipotaxe. Essa disposição dos dados na tabela mostra a diferença de abordagem da NGB, em contraposição à contribuição do modelo da gramática sistêmica, como teoria usada na pesquisa.

Na última etiqueta da tabela, encontra-se o modelo de estruturação da oração complexa, que pode ser representado por OI→OC (oração inicial seguida de oração continuativa) e por ODM↓ODP (oração dominante seguida de oração dependente).

Essas representações são decorrentes do processo de organização da parataxe e da hipotaxe, respectivamente.

Como há distinção entre as ocorrências das orações complexas e dos grupos (nominais, adjetivais e adverbiais) no âmbito da correlação, outra tabela é necessária para abrigar a ocorrência da correlação simples (a que ocorre no interior dos grupos sintagmáticos). A tabela 7 configura esse tipo de estrutura:

Tabela 7 - Segunda decomposição dos dados

Ocorrências	Correlatas simples	Sintagmas relacionados	Valor semântico segundo a NGB
DPA _{no}

Fonte: O autor, 2023.

A configuração das correlatas simples segue o parâmetro de articulação do nível abaixo da oração. Nesse nível, encontra-se a relação entre sintagmas que representam a articulação de estruturas correlatas não oracionais, tais como: sintagmas nominais, adjetivais, adverbiais e preposicionados.

No processo de decomposição dos dados da correlação, esse tipo de ocorrência ganha enfoque, já que sinaliza uma produtiva manifestação nos discursos de posse da ABL. Portanto, seria contraproducente não sinalizá-lo dentre os casos de efetiva correlação, já que a defesa, ao longo do trabalho, é de que coordenação, subordinação, justaposição e correlação ocorrem em níveis distintos na língua, o que ratifica a noção de que não são manifestações apenas das orações complexas.

A partir da decomposição dos dados, é possível vislumbrar as especificidades da correlação sintática operada no nível do texto. Desse modo, a decomposição torna-se relevante na medida em que sinaliza, por meio da tabulação dos dados, uma etapa necessária para se chegar à interpretação dos dados.

Os dados decompostos estão organizados no apêndice a este trabalho. Sua citação, em várias páginas, mostra-se necessária tanto para a consulta quanto para uma real dimensão da produtividade da correlação em discurso monitorado, como se apresenta nos discursos de posse da ABL.

6.4 Interpretação dos dados

A etapa da interpretação dos dados, localizada no capítulo 7, oferece um enfoque mais detido nas peculiaridades da correlação sintática mapeada ao longo dos discursos de posse da ABL. A análise empreendida busca tão somente apresentar reflexões a respeito de como a estrutura correlata apresenta-se produtiva tanto no âmbito da sintaxe quanto no do discurso.

O processo de interpretação considera as peculiaridades sintáticas da correlação sob a ótica da GSF e oferece, ainda, considerações a respeito da natureza retórica da correlação sintática. Como o enfoque do trabalho parte de uma concepção sintático-discursiva da correlação mapeada em texto, é importante salientar que o processo retórico circunscrito a esse tipo de abordagem merece enfoque.

Como a parataxe ocorre com mais frequência nas estruturas de correlação nas amostras de discurso de posse da ABL, há maior direcionamento para as peculiaridades discursivas desse tipo de estrutura. A hipotaxe é explorada no discurso de posse, no entanto sua abrangência não é tão sobressalente como se depreende na manifestação da parataxe.

Embora a teoria da GSF seja recursivamente citada ao longo da interpretação dos dados, não se pode negar a natureza movediça com que se apresentam as estruturas correlatas ao longo dos discursos de posse aqui tomados para análise. A teoria torna-se, portanto, um aparato substancial para a interpretação dos dados, mas não é superior à própria organização fluida do processo/operação de linguagem que é a articulação das orações complexas.

Não se pode desconsiderar, no processo interpretativo dos dados, que há, na ancoragem das orações complexas, o texto – o discurso de posse da ABL – como unidade maior de constituição de significados. Os discursos de posse daquela instituição, enquanto gênero textual, são proferidos em contexto de cultura e contexto de situação nitidamente engendrados por práticas sociais de linguagem de um determinado grupo, os acadêmicos que fazem parte do corpo de membros efetivos da ABL (reconhecida, inclusive, por representar o saber erudito).

Para a interpretação dos dados, é mobilizado o contexto de cultura em que estão imersos os membros da ABL. Nesse contexto específico, a teoria sistêmica torna-se relevante pelo fato de trazer uma série de implicaturas sociais e culturais para a configuração desse tipo de discurso de posse.

Em primeiro lugar, não se pode desprezar o fato de que os discursos de posse são depreendidos em ambientes formais de uso da linguagem (câmara, tribuna, parlamento etc.) e não se pode desconsiderar a noção de que, para esse tipo de discurso, o usuário da língua tende a se monitorar. Esse monitoramento, indubitavelmente, tem relação com o interlocutor – geralmente, o auditório que presencia e prestigia o discurso de posse.

Em segundo plano, considera-se a formação do público que prestigia a sessão solene de proferimento dos discursos de posse (não só o da ABL como outros). A formação intelectual dos ouvintes dos discursos de posse – a audiência da sessão solene - pode constituir a premissa de que se deve lançar mão de escolhas linguísticas e ideológicas na formação desse tipo de discurso ultramonitorado.

O contexto de situação trata especificamente, na interpretação dos dados, das variáveis *campo*, *relações* e *modo*. Na variável *campo*, sobressaem representações do sistema de transitividade em que o proferidor do discurso de posse deve/precisa agradecer, mostrar-se honrado e sinalizar o compromisso que assume diante do público que o compreende como um representante de uma instituição de renome.

Considerando a variável *relações*, quem profere o discurso de posse dirige-se aos pares (outros membros da instituição) e aos convidados mais íntimos (os familiares e os demais ouvintes da sessão). É comum que haja formas de tratamento – na maioria das vezes, mais formais – para se dirigir ao auditório. Dessa forma, o uso de orações complexas, como as veiculadas por estruturas de correlação, constitui um uso retórico da linguagem, como marcação de uma personalidade erudita.

Por fim, a variável *modo* é considerada na interpretação dos dados por também se revelar produtiva nos discursos de posse da ABL, na medida em que se configura pelo planejamento do texto antes de seu efetivo proferimento. Esse gênero caracteriza-se, de modo geral, por ser concretizado no registro escrito da língua para, em seguida, ser transposto para o registro da fala. A noção de que os

discursos de posse são improvisados não é cogitada no âmbito do contexto de situação desse gênero.

7 CORRELAÇÃO SINTÁTICA NOS DISCURSOS DE POSSE DA ABL

Neste último capítulo, analisam-se os discursos de posse da ABL sob a ótica dos contextos de cultura e de situação. No contexto de cultura, o discurso de posse, enquanto prática cultural, é caracterizado pela inserção da linguagem no âmbito do uso da retórica (ornamento discursivo) para seu proferimento. No contexto de situação, os discursos de posse podem ser delineados (assumem forma) a partir de sua Estrutura Potencial do Gênero (EPG).

Ainda neste capítulo, são mapeadas as formas mais recorrentes de estruturas correlatas – as complexas e as simples. Como a correlação sintática é um meio estrutural disponível na língua para a expressão de conteúdos retoricamente elaborados, são descritas as formas de correlação cujas manifestações acentuam a noção de ornamento discursivo.

7.1 Discurso de posse da ABL e contexto de cultura

Em seu ensaio “A formação retórica e seus efeitos”, Souza (1999, p. 83-94) trata especificamente do surgimento da disciplina “história da literatura brasileira” como uma “história literária oitocentista”, surgida no século XIX. No bojo do surgimento dessa disciplina literária, o autor dedica-se à sistematização dos manuais de retórica que começaram a ser produzidos nesse período da cultura brasileira.

À medida que os manuais de retórica surgiram, a vida pública passou a exigir, segundo o autor, os discursos públicos, que, motivados pelas belas letras ensinadas nas escolas (veja-se o papel do Colégio Pedro II e de outros colégios nessa motivação), passaram a constar na linguagem jornalística, nas antologias literárias e, sobretudo, passaram a ser o mote na fundação de instituições academicistas e de divulgação da arte e da literatura brasileiras.

Com o intuito de configurar a amplitude do uso da retórica – “a arte da oratória” (FIORIN, 2014, p. 09) –, Souza (1999, p. 86) esclarece:

Já tivemos a oportunidade de lembrar que um dos mais imediatos objetivos da educação retórica no nosso século XIX era a formação de escritores. Considerando o lugar de relevo ocupado pela disciplina no sistema de ensino de então, pode-se afirmar que todos os nossos autores oitocentistas devem ter frequentado as aulas de retórica, circunstância que de algum modo haveria de refletir-se em suas obras.

Souza (1999, p. 91) denomina esse aparato oitocentista como “educação retórica” e afirma que se trata de “um elemento que perpassa toda a produção literária oitocentista”, de modo a afetar o discurso veiculado pela educação e pela imprensa (recém-criada no Brasil do século XIX). O autor vale-se dos termos “oratória” e “eloquência” para se referir ao eixo formador desse tipo de retorno à cultura greco-latina.

Nesse sentido, tornou-se comum, nesse período, o “espetáculo de discursos públicos” (SOUZA, 1999, p. 89) nos quais havia investimento (sobretudo das escolas) para que os concursos escolares e encontros de declamação literária (tanto de poesia quanto de prosa) fossem promovidos publicamente. Souza (1999, p. 91) pontua que “diversas referências assinalam a importância da oratória como espetáculo público no Brasil oitocentista, sob a forma de sermão, de discurso parlamentar ou simplesmente de falas ocasionais e comemorativas”.

Conforme menciona o autor, a herança retórica do século XIX parece ter bases no empréstimo que houve da cultura francesa (“grandiloquente”, de acordo com a menção do autor) que supostamente passou a ser copiada por meio do investimento escolar e acadêmico, o que, de certo modo, esbarra na fundação de faculdades de Direito e na difusão do discurso jurídico produzido, na oralidade e na escrita, neste domínio.

Ainda de acordo com Souza (1999, p. 93), o “sucedâneo escrito da eloquência” ultrapassou os domínios da escrita acadêmica e alcançou o cenário da vida pública, uma vez que os artigos, os ensaios e outros gêneros, como o romance, passaram a ser veiculados nos folhetins “ornamentados”, para usar uma palavra do autor, por uma linguagem permeada de adjetivação e de figuras de sintaxe do domínio retórico.

O investimento nos estudos da retórica estaria, ainda, relacionado a uma prática cultural de apreço aos discursos públicos, conforme salienta o autor. Dessa forma, o brasileiro teria predileção por práticas discursivas prolixas como âncoras da

produção do discurso público (colocam-se aí as manifestações tanto literárias quanto não literárias).

Souza (1999, p. 93) circunscreve a predileção cultural pela retórica (entendida também como investimento na oratória e na eloquência) da seguinte forma:

Assim, o primeiro círculo compreende efeito bastante circunscrito da formação retórica, confinado ao ambiente acadêmico: as concepções de literatura formuladas pela história literária oitocentista. O segundo engloba resultados bem mais insinuantes e abrangentes daquela formação, configurando-se no que descrevemos como impregnação retórica da produção literária do século XIX. O terceiro círculo contém efeitos ainda mais difundidos, consubstanciando-se no apreço generalizado pela oratória, fosse ela sacra, parlamentar ou comemorativa, sem falar no sucedâneo escrito da eloquência, identificado no texto jornalístico argumentativo (artigos, ensaios, panfletos) e nas polêmicas. Enfim, um quarto círculo acolheria o mais vasto de todos os efeitos da formação retórica, definindo-se como o próprio caráter nacional: os brasileiros seríamos semelhantes à representação platônica dos atenienses (...), isto é, inveterados *faladores*.

Como se pode notar, a retórica assumiu condição de disciplina indispensável na estruturação de práticas sociais e na configuração de instituições brasileiras legitimadoras dos saberes educacionais, científicos e (por que não?) literários. As instituições beletristas fundaram-se adotando modelos culturais franceses, já que a passagem do século XIX ao XX herdou as fórmulas da eloquência francesa, impressa não só nas letras como também no imaginário social brasileiro oitocentista.

Seguindo essa tradição retórica oitocentista, a Academia Brasileira de Letras (ABL) foi fundada, em 20 de julho de 1897, por Machado de Assis e outros trinta e nove integrantes – como na academia francesa, que dispõe historicamente de quarenta membros. Desde então, os discursos de posse fazem parte da prática discursiva da confraria de membros que são indicados à ocupação de uma das cadeiras da instituição.

A ABL mantém, por assim dizer, a cerimônia de recepção dos membros que devem ser recepcionados por um outro membro da instituição²⁸. Os discursos de posse, promovidos desde a fundação da instituição, são proferidos em sessões solenes (apenas com convidados do membro recém-eleito e com a participação de outros acadêmicos).

²⁸ Neste trabalho, há enfoque apenas nos discursos da posse da ABL. A instituição, como se sabe, promove discursos de recepção, em que um membro, já ocupante de uma cadeira, recepciona o novo confrade. Os discursos de recepção, embora relevantes, não são contemplados neste trabalho por conta da delimitação do *corpus*.

Caracterizado o contexto de cultura de produção dos discursos de posse da ABL, é possível, a partir de agora, delinear o microcontexto (contexto de situação) em que esse gênero ocorre. Diferentemente de outros discursos de posse (político e jurídico, por exemplo), neste discurso de posse há práticas de linguagem peculiares e passíveis de sistematização.

7.2 Discurso de posse da ABL e contexto de situação

Os discursos de posse são proferidos em contextos muito específicos da vida pública. Geralmente são proferidos em sessões solenes nas posses de presidentes da república e outros participantes da vida pública, a saber: presidentes do Supremo Tribunal Federal (STF) e do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), prefeitos, líderes da câmara e do senado, para citar alguns representantes de órgãos públicos e de instituições brasileiras.

Nesse tipo de discurso, está prevista uma postura oratória por parte de quem o profere, pois é comum que haja uma audiência, um público selecionado previamente pela organização da posse. Nesta medida, os discursos de posse são preparados previamente e, apenas no momento da sessão solene, são proferidos para o público, que, geralmente, não interrompe a sessão e não faz perguntas ao orador empossado (seja na vida pública, seja na vida privada).

Bonfim (2004, p. 33 – 35) foi um dos primeiros autores a se dedicar à sistematização dos discursos de posse dos presidentes do Brasil, desde Deodoro da Fonseca a Luís Inácio Lula da Silva. O autor traçou um panorama da estrutura dos discursos de posse de presidentes da república e chegou à constatação de que, nesse tipo de discurso de posse, pode-se encontrar os seguintes temas:

Os principais temas que encontramos são: I. Cortesias, agradecimentos, elogios; II. Menção a problemas, perigos, inimigos; III. Advertências; IV. Manifestação de regozijo, apoio; V. Crenças e Valores; e VI. Proposições e conclamações (o que fará com o que se compromete).

Pela ótica do contexto de situação, os discursos de posse dos presidentes da república podem ser organizados pelas variáveis: campo, uma vez que mobilizam a transitividade voltada ao agradecimento, ao elogio, dentre outros; relações, já que se

dirigem ao público da sessão solene, aos familiares e aos amigos próximos; modo, pelo fato de utilizarem a comunicação oral para ler (na maioria das vezes) um texto planejado na escrita.

Um outro estudo foi empreendido por Silva (2011, p. 56) para lidar com os discursos de posse dos presidentes do Supremo Tribunal Federal. Na ocasião, a autora assim se posiciona acerca da consideração desse subgênero:

Considerando os discursos de posse como um gênero discursivo e os discursos de posse dos Presidentes do STF como um de seus subgêneros, estes serão enfocados como pertencentes ao modo argumentativo de organização discursiva e como tal, analisados como altamente persuasivos, pressupondo, portanto, um juízo formado por um auditório que, segundo Aristóteles (s.d.: 161), poderá comportar-se como “um verdadeiro juiz”, sem esquecer que esse mesmo auditório é capaz de conceber, antes do ato de enunciação, uma imagem do enunciador a que Maingueneau (2008, p. 15) chama de *ethos pré-discursivo*, o qual pode estar relacionado à instituição que representa como também à posição que tem ou assume à frente dela.

Dessa forma, a autora endossa uma posição assumida neste trabalho de que há subgêneros (discurso de posse de presidentes da república, discurso de posse de presidentes do STF, discurso de posse de membros da ABL, dentre outros) categorizados no gênero mais abrangente discurso de posse.

Os discursos de posse, de modo geral, são estruturados por sua marca intrínseca de forte viés oratório e, por conseguinte, argumentativo. Nesta medida, o orador (quem faz o discurso) precisa discursar para uma plateia, cujas expectativas devem ser atendidas pelo orador. Por essa razão, os discursos de posse são previamente organizados na língua escrita, uma vez que é possível, ao escrever, o monitoramento mais acentuado do dizer.

O monitoramento da linguagem nos discursos de posse relaciona-se diretamente com a funcionalidade desse gênero do discurso, já que se trata de texto que, na maioria dos casos, é lido pelo orador. O caráter monitorado da linguagem prevê que o orador discursar por um longo período (os discursos de posse podem ser longos) e prevê, ainda, a seleção de palavras e estruturas sintáticas retoricamente elaboradas (os discursos de posse podem ter citações literárias e argumentos baseados em autoridade).

Os discursos de posse da ABL, na mesma medida dos discursos de posse dos presidentes da república e dos presidentes do STF, assumem o traço de

monitoramento da linguagem pelo fato de igualmente serem planejados na escrita e posteriormente serem proferidos por meio da fala.

Como instituição secular, a ABL mantém a tradição dos discursos de posse que são proferidos em meio a esta cultura interna:

O estatuto da Academia Brasileira de Letras estabelece que para alguém candidatar-se é preciso ser brasileiro nato e ter publicado, em qualquer gênero da literatura, obras de reconhecido mérito ou, fora desses gêneros, livros de valor literário. Seguindo o modelo da Academia Francesa, a ABL é constituída por 40 membros efetivos e perpétuos. Além deste quadro, existem 20 membros correspondentes estrangeiros.

Os imortais são escolhidos mediante eleição por escrutínio secreto. Quando um Acadêmico falece, a cadeira é declarada vaga na Sessão de Saudade, e a partir de então os interessados dispõem de 2 meses para se candidatarem, através de carta enviada ao Presidente. A eleição transcorre sessenta dias após a declaração da vaga.

A posse é marcada de comum acordo entre o novo Acadêmico e o escolhido para recepcioná-lo. De praxe, o vistoso fardão é oferecido pelo Governo do Estado natal do Acadêmico (ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS, 2022).

Conforme os parâmetros do contexto de situação, os discursos de posse da ABL são proferidos com certas finalidades discursivas relacionadas à variável *campo*, cujas marcas mais comuns de estrutura léxico-gramatical envolvem agradecimentos, citações, percursos de carreira, histórias de vida (do membro e de quem ele sucede), comprometimentos e satisfações.

Na variável *relações*, o membro que profere o discurso de posse tende a se dirigir ao público que acompanha a sessão solene do discurso. Encontram-se, nessas sessões familiares, amigos próximos e figuras públicas, que não interrompem o discurso (pode haver casos de aplausos que interrompem o discurso de posse, mas não são comuns neste tipo de solenidade a interrupção).

Já em relação à variável *campo*, o discurso é proferido oralmente baseado em texto previamente escrito. O acadêmico geralmente usa microfone para ser ouvido por todos e lê o discurso na íntegra, o que pode durar um extenso período para a leitura (há relatos de alguns discursos bastante extensos, de mais de cem páginas). Não é comum que o acadêmico que profere o discurso de posse se perca na leitura, mas não é incomum a retificação de algum trecho ou até mesmo de alguma palavra que tenha sido pronunciada equivocadamente. Pode haver, inclusive, interrupções por parte do próprio acadêmico que se perde na leitura do discurso escrito.

Na tabela 8 abaixo, sintetizam-se as variáveis do contexto de situação previstas para o gênero discurso de posse da ABL:

Tabela 8 - Variáveis do contexto de situação do gênero discurso de posse da ABL

Campo	Atividade social envolvida: agradecimento pela eleição entre os membros da ABL; firmamento de compromissos em relação à cadeira ocupada; demonstração do próprio percurso de vida para habilitação de membro.
Relações	Sujeitos envolvidos: há o membro eleito que discursa e há os membros (eleitores) que prestigiam o discurso. Há uma relação de ultraformalidade entre os membros, já que o ambiente erudito exige menos intimidade. Há ainda a participação de outros convidados – familiares, amigos próximos e figuras públicas – a quem o discurso é dirigido.
Modo	Estruturação da mensagem: o discurso é escrito e, depois, é compartilhado oralmente (o membro lê o discurso); o discurso é estruturado com marcas de polidez discursiva.

Fonte: CONSTANCIO; SCHLEE, 2021, p. 154.

Como se pode notar, os discursos de posse da ABL assumem uma forma relativamente estável de configuração para serem proferidos e portam uma função comum a todos os membros que são recepcionados na academia: discursar para um público seletivo de literatos, juristas, intelectuais de toda natureza.

No próximo tópico, os discursos de posse da ABL são caracterizados por meio da Estrutura Potencial do Gênero (EPG). Por meio dessa configuração dos gêneros do discurso, é possível prever estruturas básicas de linguagem que dão forma e funcionalidade aos gêneros.

7.3 Estrutura Potencial do Gênero (EPG) discurso de posse da ABL

Uma concepção de gênero é necessária para a caracterização formal e funcional dos discursos de posse da ABL neste trabalho. Portanto, utiliza-se aqui o aporte teórico de Hasan (1989, p. 64), que se vale da teoria da Estrutura Potencial do Gênero para sinalizar a estruturação dos textos:

É possível expressar a gama total de elementos opcionais e obrigatórios e sua ordem de tal forma que esgotemos a possibilidade de estrutura de texto para cada texto (...). Em outras palavras, é possível afirmar o POTENCIAL ESTRUTURAL desse gênero, ou sua ESTRUTURA POTENCIAL DE GÊNERO²⁹.

Por meio da EPG, é possível configurar e prever atos de linguagem, os gêneros textuais, conforme sugere a autora. Nesse sentido, todo gênero é organizado por intermédio da seleção de estruturas frequentes e, por conseguinte, recorrentes na organização textual operada na e pela linguagem.

A organização de cada gênero textual depende, sobretudo, da frequência de uso de itens da léxico-gramática, o que permite aos usuários da língua a previsibilidade de estruturas com forma e função disponíveis para o arranjo de textos em contextos de situação delimitados socialmente.

Valendo-se da EPG, o usuário da língua mantém a estrutura relativamente padrão de uma infinidade de textos, a saber: as marcas léxico-gramaticais do verbo no imperativo materializam gêneros como a receita culinária, o manual de instrução, os comandos em placas de trânsito, dentre outros; o uso do discurso direto na fala de personagens, geralmente animais, seguido de moral, caracteriza a fábula, e assim por diante.

A teoria de Hasan (1989) utiliza-se das variáveis do contexto de situação – campo, relações e modo – na medida em que é uma teoria sóciosemiótica. No Brasil, uma leitura da EPG foi feita por Motta-Roth e Heberle (2005, p. 17), para quem

²⁹ Tradução do inglês: “It is possible to express the total range of optional and obligatory elements and their order in such a way that we exhaust the possibility of text structure for every text (...). In other words it is possible to state the STRUCTURE POTENTIAL of this genre, or its GENERIC STRUCTURE POTENTIAL” (HASAN, 1989, p. 64).

as variáveis de campo, relação e modo mantêm reciprocidade com os elementos textuais opcionais e obrigatórios do gênero formulados como uma EPG. Assim, enquanto o texto pode ser previsto a partir de pistas contextuais, o contexto é construído pelo conjunto de textos produzidos dentro de uma situação específica num contexto da cultura.

A previsibilidade e as pistas linguísticas e contextuais pré-moldam a concepção de gênero para o usuário na lida com os textos de diversos domínios (cultural, jornalístico, científico etc.). Nesse caso, a EPG, enquanto teorização da configuração dos gêneros textuais, permite um olhar pragmático acerca de como os gêneros se estruturam formal e funcionalmente.

Os discursos de posse da ABL configuram-se pelo uso da linguagem monitorada e pelo uso frequente de palavras eruditas e expressões de polidez. A EPG deste gênero prevê, portanto, uma série de manifestações linguísticas ligadas a um contexto de situação mais formal e, desse modo, prevê o uso do discurso como um eficaz recurso de oratória e retórica.

A EPG do subgênero *discurso de posse* da ABL está ancorada em uma matriz retórica cuja finalidade é proferir discursos que ressaltem a relevância da ABL como instituição guardiã da literatura e da cultura brasileira. O tom eloquente dos discursos de posse, por conseguinte, visa à busca de um ideal de linguagem que preza pelo uso de formas tidas como eruditas ou ultraformais (o superlativo, as formas verbais arcaicas, as citações em latim, dentre outras).

Constancio e Schlee (2021, p. 155-156) analisaram a EPG do subgênero *discurso de posse* da ABL e chegaram aos dados que constam na tabela 9. Os autores valeram-se das variáveis do contexto de situação e mapearam realizações da léxico-gramática para fazer juízos sobre o campo, as relações e o modo com que esse tipo de discurso é engendrado.

Tabela 9 - EPG do gênero discurso de posse da ABL³⁰

Configuração Contextual	Estrutura Potencial do Gênero
<p>Campo: “Acima de tudo, <u>agradeço</u> esse dia tão feliz à Academia Brasileira de Letras e a seus ilustres membros que, sem exceção, <u>admiro</u> e respeito tanto. <u>Farei</u> o que puder para estar à altura da escolha que as senhoras e os senhores <u>fizeram</u>, ao <u>me conceder</u> essa muito subida honra.” “Não <u>preciso explicar</u> portanto o que <u>significa</u> , para mim, <u>ocupar</u> a cadeira que foi de Nelson Pereira dos Santos.” “Mas cada vez que penso no pouco que sei, não posso deixar de <u>agradecer</u> ao doutor Manoel Diéguas Júnior e a seu jeito habilidoso de me fazer aprender.” “<u>Devo</u> muito do que sou ao exemplo de meus irmãos (...).” “<u>Devo</u> igualmente a meus quatro filhos (...).” “E <u>devo</u> ainda aos netos que meus filhos me deram (...).” “Acima de tudo, <u>agradeço</u> esse dia tão feliz à Academia Brasileira de Letras e a seus ilustres membros (...).” “Depois de 38 anos juntos, só <u>penso</u> em <u>dizer</u> a mesma coisa a Renata, em nossos recomeços cotidianos.”</p> <p>Relações: “Confesso que meu desejo seria o de, depois da citação, me quedar chorando alto de felicidade, e assim encerrar a cerimônia. Mas <u>não se preocupem</u>, não tenho o direito de fazer isso, não vou estragar a festa. Devo, ao contrário, permanecer firme e tentar explicar, <u>às senhoras e aos senhores</u>, o que</p>	<p>Movimento 1: apresentar o discurso Passo 1: descrever o processo de elaboração do discurso Passo 2: manifestar as emoções pela conquista Passo 3: mencionar ocupantes anteriores da cadeira a ser ocupada</p> <p>Movimento 2: descrever a própria trajetória Passo 4: elencar fatos que revelam como o novo imortal chegou à ABL Passo 5: demonstrar erudição acerca de obras e figuras relevantes na sua área de atuação.</p> <p>Movimento 3: agradecer aos presentes Passo 6: nomear amigos, familiares, profissionais de renome e instituições que contribuíram para a trajetória.</p> <p>Passo 7: identificar a contribuição de cada um na sua trajetória.</p>

³⁰ O discurso de posse analisado é do cineasta Carlos Diegues, que tomou posse na ABL em 2019. O discurso de posse está disponível em: <<https://www.academia.org.br/academicos/carlos-diegues/discurso-de-posse>>.

<p>representa para mim chegar até aqui.” “Vejo, nesta sala, <u>alguns amigos queridos, além das companheiras e dos companheiros da Academia.</u>” “Muito obrigado <u>às senhoras e aos senhores.</u>”</p> <p>Modo: “Ao longo do tempo, <u>tentei escrever sobre várias coisas para começar esse meu discurso de posse.</u> Mas, ocupando a gloriosa cadeira número 7 da egrégia Academia Brasileira de Letras, não consigo iniciá-lo sem lembrar o lugar comum da <u>citação</u> mais conhecida de nosso fundador, o grande Machado de Assis: ‘essa é a glória que fica, eleva, honra e consola’.”</p>	
--	--

Fonte: CONSTANCIO; SCHLEE, 2021, p. 155-156.

Os autores sinalizaram que há movimentos de linguagem intrínsecos a cada etapa proferida dos discursos de posse da referida instituição. As seleções léxico-gramaticais de quem proferiu o discurso (os trechos sublinhados na tabela) costumam pistas sobre a EPG desse gênero, que, inclusive, apontam para a formação intelectual do ocupante da cadeira – um respeitado cineasta brasileiro.

O uso da EPG, dessa forma, antes de esgotar as marcas formais e funcionais dos gêneros textuais, propicia uma série de ponderações sobre como determinado gênero é organizado, conforme critérios estáveis de textualidade. O subgênero *discurso de posse* da ABL é engendrado e articulado com vistas ao atendimento de um ato de linguagem, a saber: apresentar um novo ocupante a uma cadeira da instituição secular e tradicional, a Academia Brasileira de Letras.

Como um subgênero de cunho erudito, o discurso de posse mobiliza sistemicamente elementos da léxico-gramática para garantir o uso de formas polidas da língua. As orações correlatas são estruturas sistemicamente previstas nesse aparato léxico-gramatical, no qual prevalece o uso de formas oracionais complexas que favorecem o tom retórico desse tipo de discurso em solenidade pública.

7.4 Correlatas complexas no discurso de posse da ABL

O mapeamento das estruturas de correlação sintática em textos com alta previsibilidade de monitoramento, como os discursos de posse da ABL, oferece dados que corroboram a produtividade desse tipo de estrutura sistêmica com viés retórico e, conseqüentemente, argumentativo.

Nos tópicos a seguir, sistematizam-se os dados coletados de pesquisa em torno de quinze discursos de posse da ABL, proferidos entre os anos 2000 e 2020. Recortam-se, para a análise, 103 ocorrências (constantes no Apêndice A deste trabalho) de estruturas correlatas complexas.

7.4.1 Correlatas aditivas

Como “expediente retórico” (AZEREDO, 2021, p. 388), a correlação oracional pode ser expressa por variadas estruturas no português. No *corpus* constante no “Apêndice A”, estão listadas, em maioria, as ocorrências de orações correlatas aditivas, que correspondem a 57,3% desse tipo de estrutura nos discursos de posse da ABL.

Como se pode notar no exemplo 1, as correlatas aditivas mais frequentes nesse tipo de discurso são estruturadas por meio do seguinte par correlato:

1) DP2006 “Carneiro Leão foi o sucessor de Clovis e, como seu antecessor e como o patrono da cadeira 14, **não só** se formou na Faculdade de Direito do Recife **como também** se viu impregnado pela mentalidade suscitada pelo ‘bando de ideias novas’.” (Celso Lafer)

Nos discursos de posse analisados, há variação no uso dos pares correlatos aditivos. No caso de 1, o par “não só... como também” ocorre em meio a outros casos (“não... mas”, “não só... mas”, “não apenas... mas”, de acordo com os dados mais frequentes).

Em 2, manifesta-se caso de estrutura correlata com apagamento de forma verbal (elipse):

2) DP2001 “As línguas **não** são **apenas** expressão do pensamento intelectual, **mas também** \emptyset da emoção e sentimento.” (Evanildo Bechara)

Note-se que o símbolo \emptyset sinaliza o apagamento de “são expressão” no segundo membro oracional. Esse tipo de estrutura mostra-se produtiva no *corpus*, na medida em que os pares de conectores (“não apenas... mas também”) permitem a retomada de um item oracional – uma estrutura anterior – textualmente mencionado.

O *corpus* revela, ainda, estruturas aditivas cujo par de conectores apresenta variação no segundo membro:

3) DP 2017 “Contudo, parece que **não** foi o fardão que lhe serviu para as conquistas amorosas, **e sim** a velha farda de coronel da Guarda Nacional francesa.” (João Almino)

Com ocorrência incomum, o par “não... e sim” é interpretado por alguns linguistas como um caso de gramaticalização (quando uma categoria da gramática assume mais traços gramaticais). Desse modo, a ocorrência de “não... e sim” ocorre a partir do uso de “não... mas” para sinalizar o conteúdo semântico da adição, em estruturas funcionalmente equivalentes.

A ocorrência de “nem... nem”, menos produtiva no *corpus*, está expressa no exemplo 4:

4) DP 2003 “A segunda tese de Faoro, associada a esta, é que o poder político não era exercido **nem** para atender aos interesses das classes agrárias ou latifundiárias **nem** \emptyset àqueles das classes burguesas que mal se haviam constituído como tal.” (Cicero Sandroni)

O uso do par de conectores espelhados (repetidos) em 4 aponta a produtividade da estrutura aditiva no português. De acordo com a visão da GSF, seria como se a língua utilizasse formas distintas – os pares de conjunções – para expressar conteúdo léxico-gramatical e semântico – a adição – em textos com maior grau de monitoramento, como no caso dos discursos de posse da ABL.

As estruturas correlatas aditivas são altamente produtivas nos discursos de posse da ABL. Como parte do arranjo do complexo oracional, esse tipo de configuração oracional paratática (oração inicial seguida de oração continuativa) mostra-se relevante para as tensões discursivas e retóricas, previstas no proferimento dos discursos de posse.

7.4.2 Correlatas alternativas

As estruturas complexas de orações correlatas alternativas correspondem a 7,8% do *corpus* constituinte do “Apêndice A”. Em relação às estruturas aditivas, esse tipo de construção paratática ocorre com menor frequência, e, nos discursos de posse da ABL, é representado como no exemplo 5:

5) DP2004 “Em qualquer das costumeiras listas dos dez principais intérpretes do Brasil, pelo menos cinco **ou** pertenceram **ou** pertencem à Academia.” (José Murilo de Carvalho)

Como na maioria das ocorrências, o par “ou... ou...”, do exemplo 5, introduz orações equilibradas (paralelismo) e constituídas de mesma forma verbal, no caso “pertenceram” e “pertencem”, ambas distintas apenas pelo tempo verbal. Nesse tipo de correlação espelhada, há casos em que os pares de conectores são representados por formas verbais, que também são gramaticalizadas no português:

6) DP2018 “Indispensável, para ambos, era estar no e com o Estado. **Seja** para implementar o planejamento estatal, **seja** para implementar o mercado competitivo.” (Joaquim Falcão)

O uso desse tipo de oração complexa paratática assume, ainda, nos discursos de posse, outras marcas conectivas por meio de formas verbais como a de 7:

7) DP2003 “**Fosse** ouvindo seus palpites em minhas conversas com minha querida Dona Musa, **fosse** ponderando suas sugestões para as pecinhas que Patrícia, Ana Teresa, Inês e eu ensaiávamos com as crianças da família para o Natal em sua casa, **fosse** nas discussões domingueiras, comentando as notícias da semana – que muitas vezes nem chegavam a sair nos jornais censurados – à sombra do toldo em seu jardim no Alto da Boa Vista, no final dos anos 60 e início dos 70... Nessas ocasiões, ouvi de Evandro Lins e Silva conceitos que nunca mais vou esquecer, sobre a excelência do júri popular, sobre a necessidade de se humanizar o direito penal e abolir a pena de prisão, sobre o risco de o excesso de lei atrapalhar a justiça, sobre a importância crucial da bondade para um juiz – sinal de verdadeira inteligência, segundo ele.” (Ana Maria Machado)

No excerto de discurso de posse do exemplo 7, é oportuno notar que a acadêmica, Ana Maria Machado, vale-se das estruturas recursivas de parataxe e de paralelismo do início ao fim do trecho. Portanto, corresponde à estrutura paratática a enfática repetição de “fosse” (marca de conexão paratática), que possibilita a expressão do raciocínio encadeado por exemplos ao longo do período, e há, ainda, a enfática repetição de “sobre” na parte final do excerto, o que endossa a construção do raciocínio paratático (simétrico) no proferimento do discurso.

As orações correlatas alternativas conferem, nos discursos de posse da ABL, um certo grau de proteção de face por parte de quem os profere, na medida em que sugerem a enumeração de exemplos e a própria retificação das ideias sequenciadas por meio de conectores espelhados. Embora pouco frequentes no *corpus* analisado, as orações alternativas tornam-se um expediente retórico potencial para a expressão do texto ultramonitorado.

Veja-se o exemplo 8:

8) DP2011 “A Igreja, segundo Fernando, ‘**já** alertara para a exaustão dos modelos quantitativos, **já** denunciara o egoísmo dos grupos e nações, **já** fizera apelos patéticos em favor da solidariedade’.” (Marco Lucchesi)

A sucessão de “já... já... já” sinaliza o uso de complexo oracional tripartido em orações correlatas alternativas – uso, aliás, monitorado e frequente na escrita. O encadeamento oracional ancora-se lexicogramaticalmente na forma dos verbos no

pretérito mais-que-perfeito, de modo a conferir maior equilíbrio retórico ao texto proferido.

De fato, o encadeamento de orações correlatas aditivas e alternativas, construídas por intermédio da parataxe, confere ao todo textual um maior equilíbrio na sucessão de ideias de exemplos e de argumentos a serem mencionados no discurso de posse. Esse tipo de “moldura” do complexo oracional atribui maior grau de organização do pensamento retórico, uma vez que permite a sucessão de informações textuais retoricamente organizadas.

A parataxe, por conseguinte, é um meio que a língua utiliza para a organização das informações na cadeia textual. O uso específico do complexo oracional estruturado pelas correlatas alternativas aponta para a configuração textual que se pretende monitorada, tanto em termos de uso dos recursos da língua (a seleção léxico-gramatical de conectores) quanto em termos de expressão do pensamento (a organização das informações dentro do texto). Nos discursos de posse da ABL, os pares correlatos alternativos conferem tom retórico ao dizer.

7.4.3 Correlatas comparativas

As orações complexas organizadas por hipotaxe estão produtivamente representadas nos discursos de posse da ABL. Essa representatividade pode ser notada na expressão das orações correlatas comparativas, cujas ocorrências chegam a 23,3%, sendo a segunda maior ocorrência desse tipo de complexo em relação às correlatas complexas de valor aditivo.

Os complexos oracionais com valor semântico comparativo podem ser organizados, para a análise nos discursos de posse, por intermédio dos graus variados expressos em suas configurações léxico-gramaticais, a saber: comparação por superioridade, por inferioridade e por igualdade. Os exemplos 9, 10 e 11 são relevantes para se compreender o comportamento da estrutura de superioridade:

9) DP2003 “Eu pensei que Jaceguai dessa vez se apresentaria. Ele, porém, achou **mais** fácil passar Humaitá **do que** \emptyset as baterias encobertas do nosso reduto.”
(Joaquim Nabuco citado por Cicero Sandroni)

10) DP2004 “É verdade que, a rigor, alguns textos de Marcos parecem **mais** sugerir a audição **do que** ∅ a leitura, de tal modo neles transparecem as marcas de uma prazerosa oralidade (...).” (Antonio Carlos Secchin)

11) DP2006 “Via, na obra de Dante, neste sentido, algo que falava muito diretamente a ele como pensador contemporâneo que, no dizer de Jean Wahl, que endossava, se sentia **mais** um cavaleiro do Valor **do que** ∅ um servidor do Ser.” (Celso Lafer)

As marcas de gradação, em todos os exemplos, iniciam-se pelo intensificador “mais” e encerram-se no item da comparação “do que”. Repare-se que, em todas as estruturas do complexo oracional, há marcas de apagamento da forma verbal no segundo membro do par correlato, sendo este fator já mencionado anteriormente, e constitutivo de um processo de economia linguística, possivelmente retomada no contexto do que se mencionou anteriormente na superfície textual.

A comparação, como recurso retórico e argumentativo, garante aos discursos de posse um equilíbrio de pensamento em termos de realce das unidades comparadas. Se o primeiro membro do complexo oracional recebe o intensificador “mais”, depreende-se que o realce textual recai sobre esse primeiro membro, ao passo que a relevância textual (ou peso textual) do segundo membro é baixa.

Assim como o complexo organizado pelo valor semântico da superioridade, as estruturas de inferioridade são frequentes na organização retórica dos discursos de posse para comparar unidades textuais formadas pelo complexo oracional para dar conta do equilíbrio de informações:

12) DP2003 “Se os retraço agora é **menos** por registro biográfico **do que** ∅ pela evocação de um processo brasileiro comum a tantos de nós, que nos permite diferentes e insuspeitadas ascensões e mobilidades numa sociedade tão desigual.” (Ana Maria Machado)

13) DP2004 “Como anotou com razão a própria Rachel, a escravidão, além de **menos** difundida, era **menos** violenta **do que** ∅ em outras partes do nordeste.” (José Murilo de Carvalho)

Seguindo o parâmetro sintático-semântico da oração correlata comparativa de superioridade, o complexo formado pela comparativa de inferioridade igualmente tem apagamento da marca verbal no segundo membro, de modo de que sua menção depende da retomada do verbo na cadeia oracional.

Note-se, ainda, que, no exemplo 13, há dupla menção do intensificador “menos” no primeiro membro da correlação. Em muitos discursos de posse, essa dupla menção (ou até tripla, em alguns casos) confere maior tensão na prótase, uma vez que o discurso assume traços retoricamente mais monitorados. Em tese, quem profere discursos de posse utiliza essas marcas conectivas para realçar aspectos ideológicos e argumentativos para os quais deseja foco textual.

A focalização de itens das estruturas do complexo oracional torna-se, assim, fator preponderante para o realce de sequências textuais do complexo. Nesta medida, o complexo oracional construído por meio da correlação sintática assume traços de focalização – realce textual – a depender da seleção dos itens constituintes do complexo, o que, de certa maneira, atribui marcas de posicionamento acerca do que é escrito para, em seguida, ser proferido.

As orações correlatas comparativas elaboradas em torno da igualdade, diferentemente das outras estruturas léxico-gramaticais, assumem peso textual equivalente nos dois membros do complexo. Sendo assim, o recurso retórico atribuído a esse tipo de estrutura é equilibrado na construção do discurso de posse, o que atribui ao texto certa equidade do dizer.

Nos exemplos 14 e 15, os excertos de discurso de posse da ABL são elaborados por meio do recurso da igualdade estrutural entre os pares do complexo oracional:

14) DP2002 “Que seja assim com todos nós: às vezes os livros invisíveis, nascidos da generosidade para com o próximo, são **tão** importantes **quanto** \emptyset aqueles que levam escritores a ocupar uma vaga na Academia Brasileira de Letras.” (Paulo Coelho)

15) DP2006 “Esta acareação é indispensável para identificar os interesses nacionais, diferenciá-los daqueles dos demais atores que operam na vida internacional para apropriadamente traduzir necessidades internas em

possibilidades externas num contexto no qual se movem **tanto** as forças de cooperação **quanto** as de conflito.” (Celso Lafer)

7.4.4 Correlatas consecutivas

O complexo oracional elaborado por intermédio do valor semântico da consecutividade corresponde a 8,7% do *corpus*. Nesses casos de estrutura hipotática, o primeiro membro da correlação porta o intensificador (com suas possíveis variáveis, “tal”, “tão” ou “tanto”), e o segundo membro assume o valor consecutivo. Vejam-se os exemplos 16, 17 e 18:

16) DP2000 “E de **tal** forma se manteve fiel ao que tinha por legado e dever intransferíveis (sobretudo após a morte de quem com ele os partilhava, o seu irmão Evandro), **que** a história das ciências no Brasil coincide, neste século, com as biografias conjugadas dos dois Carlos Chagas, o pai e o filho.” (Alberto da Costa e Silva)

17) DP2010 “É uma revelação a presença, em lugar de honra, deste sentimento **tão** ligado ao Romantismo, **tão** ligado, **que** está presente no momento em que este movimento artístico surge em Portugal, com Almeida Garrett, na introdução do seu poema *Camões*.” (Cleonice Berardinelli)

18) DP2003 “E Barbosa, em conversa com seus companheiros da ABI, contava que sua confiança em Athayde era **tanta**, **que** assinava cheques em branco para ele.” (Cicero Sandroni)

Neste tipo de complexo oracional, hipotaticamente organizado, o princípio retórico-argumentativo pauta-se na sucessão de valores semânticos, quais sejam: no primeiro membro da correlação, infere-se que haja o valor semântico da causalidade, e, no segundo membro, encerra-se o raciocínio com o conteúdo semântico da consequência.

Causa e consequência são, geralmente, os significados emergentes do complexo oracional estruturado pelos pares “tal... que”, “tão... que” e “tanto(a)... que”, como se pode observar nos exemplos de 16,17 e 18. A causalidade, nestes

casos, também assume feições de intensidade, o que não é observado em outros conectores da língua (porque, uma vez que, dentre outros).

No exemplo 17, a acadêmica da ABL utiliza a dupla estrutura de prótase (“tão ligado... tão ligado”) para acentuar a relevância do primeiro membro oracional correlato. Assim como nas hipotáticas comparativas, a focalização de estruturas participantes do complexo elaborado por consecutividade pode se tornar um uso retoricamente enfático nos discursos de posse.

A repetição das unidades correlatas cria e possibilita, nestas ocorrências, o realce de determinados membros oracionais. Além de favorecer o paralelismo sintático das unidades sintáticas com alto fator de intensidade, a dupla menção sugere uma expectativa maior, por parte de quem ouve/lê os discursos de posse, em relação à conclusão do que se vai dizer/escrever.

Não se pode deixar de mencionar, a partir da ocorrência do exemplo 18, que o rearranjo dos pares conectivos, incomum em estruturas cristalizadas de correlação, pode não ocorrer. Como se pode notar, o par “tanta... que” está organizado por meio de aposição (colocado lado a lado) de modo a sinalizar o deslocamento de segmentos no interior do complexo oracional.

Desse modo, a escolha no arranjo do complexo oracional, por parte do acadêmico, adviria desta organização em 19:

19) DP2003 “E Barbosa, em conversa com seus companheiros da ABI, contava que era **tanta** sua confiança em Athayde **que** assinava cheques em branco para ele.”
(Cicero Sandroni)

Nesta medida, o arranjo dos conectores (a forma com que estão dispostos), no complexo oracional, implica usos retoricamente elaborados. Nesse sentido, a escolha do arranjo sintático do complexo em 18 assume feições de ultramonitoramento do discurso para a obtenção de tensões discursivas mais acentuadas que no exemplo reescrito em 19.

7.4.5 Correlatas complexas inesperadas

Embora não estejam contempladas no escopo deste trabalho, as ocorrências de 20, 21 e 22 correspondem a 2,8% do total de orações complexas mapeadas no *corpus*:

20) DP2003 “Mais uma razão para lembrar o poeta das Primaveras, enquanto Teixeira de Melo hoje é mais conhecido pela rua que leva seu nome, em Ipanema, e **só** é evocado **quando** há sucessão na Cadeira número 6.” (Cicero Sandroni)

21) DP2018 “Estes ritos, esta instituição, o patrimônio cultural de uma nação **só** nos engrandece **quando** envolto em outro patrimônio: O Estado democrático de direito.” (Joaquim Falcão)

22) DP2019 “**Só** estaremos à altura de nossa missão artística e intelectual, de nosso papel na dinâmica entre pensamento e realidade, **se** entendermos o que dizia dom Miguel de Unamuno (...).” (Carlos Diegues)

As ocorrências, embora mínimas, dos pares correlatos motivados pelos conectores “só... quando” e “só... se” acentuam a relevância das palavras denotativas (como “só” e “apenas”) na configuração do complexo oracional. A palavra “só” porta, de modo bastante discreto, o conteúdo semântico de restrição no primeiro membro, e, no segundo membro correlato, há os valores semânticos temporal e condicional, conforme se sucedem nos exemplos 20, 21 e 22.

Ainda que esse tipo de correlação mapeada no complexo oracional não tenha histórico consolidado de descrição no português e no atual estado da arte, há que se sinalizar a relevância dessa estrutura, no que concerne à expressividade retórica conferida aos excertos em que se encontram nos discursos de posse da ABL. Não se pode perder de vista a produtividade dos processos de conexão dos complexos oracionais organizados por intermédio da correlação sintática, uma vez que o seu mapeamento em textos revela dados passíveis de sistematização e, conseqüentemente, de descrição.

7.5 Correlatas simples no discurso de posse da ABL

O uso de estruturas correlatas localizadas no nível abaixo do complexo oracional, embora pouco ocorrentes, sinaliza que, na mobilização dos recursos da língua para fins retóricos, os discursos de posse da ABL são organizados de modo a contemplar a correlação sintática em diversos níveis e segmentos.

No “Apêndice B” deste trabalho, estão esquematizadas as estruturas de correlação abaixo do nível da oração, isto é, as ocorrências sintáticas dos grupos, assim chamados na perspectiva hallidayana da GSF. Os grupos, reinterpretados neste trabalho como expressões sintagmáticas menores que a oração, correspondem a um total de 48 ocorrências.

Desse total, 50% das ocorrências dizem respeito à correlação dos grupos – ou sintagmas – por adição. Em 23, 24 e 25 estão expressos usos dessa natureza:

23) DP2003 “Realmente, **nem** Sílvio Romero, **nem** José Veríssimo, **nem** Ronald de Carvalho, os grandes críticos historiadores da nossa literatura até então, se referiram a Adelino Fontoura.” (Ana Maria Machado)

24) DP2004 “Curiosamente, **nem** A Razão, **nem** A Notícia, **tampouco** o Jornal do Comércio sublinharam o fato de Guanabara ter pertencido aos quadros da Academia Brasileira de Letras, preferindo reverenciá-lo como um grande jornalista (...).” (Antonio Carlos Secchin)

25) DP2003 “Sua atuação, naqueles anos de chumbo, **não só** na OAB, **mas também** na ABI, ao lado de Barbosa Lima Sobrinho, constituiu uma das pedras de toque na reconstrução democrática.” (Cicero Sandroni)

Como se pode constatar, em 23, a correlação dos grupos nominais ocorre em nível abaixo da oração de modo a criar o processo de paralelismo na expressão do sujeito gramatical. A sucessão de “nem”, no segmento, ratifica a noção de que a correlação é produtiva no nível abaixo do complexo oracional.

Uso incomum de correlação por adição pode ser encontrado na expressão do sujeito em 24. Aqui, a sucessão “nem... nem... tampouco” sugere a quebra de paralelismo em relação aos elementos conectores. Embora “tampouco” seja reanalisado, possivelmente no contexto, como “nem mesmo”, seu uso pode ser entendido como uma escolha léxico-gramatical em que se depreende o posicionamento do acadêmico na escrita e no proferimento do discurso de posse.

A ocorrência de estrutura aditiva em 25 aponta para a produtividade da correlação em grupos distintos. A expressão “**não só** na OAB, **mas também** na ABI” mostra que o par de conectores “não só... mas também” opera estruturas paralelas da natureza de grupos preposicionados. Nesse sentido, esse tipo de conexão oracional ocorre no nível acima da oração (no complexo oracional) e, igualmente, ocorre no nível abaixo da oração (nos grupos nominal, adjetivo, adverbial e preposicionado).

A correlação alternativa, em meio aos grupos, ocorre com frequência de 22,9% nos casos do “Apêndice B”. Os excertos de discurso de posse em 26, 27, 28 e 29 endossam a manifestação desse tipo de estrutura retórica:

26) DP2001 “pelo impressionismo, velho e sovado, e, pior ainda, transformado **ou** degenerado em simples jornalismo, **ou** achismo, do gostei **ou** \emptyset não gostei (...).” (Evanildo Bechara)

27) DP2013 “Dele participa todo o acervo da criação dos que escrevem, compõem, pintam, filmam, pensam a nossa origem e destino, desdobrados em múltiplos mistérios que se escondem nos corpos e almas, os inventores e arquitetos, todos nós, criadores de arte e pensamento, construtores de mundos, fazemos parte desse vitral, exposto **ora** às luzes da liberdade, **ora** ao ensombrecer da opressão.” (Rosiska Darcy de Oliveira)

28) DP2003 “Impecável exemplo de cidadão, **seja** atuando como advogado, procurador-geral da República, ministro de Estado, **ou** ministro do Supremo Tribunal Federal, foi sempre um homem capaz de enxergar os pequenos e de oferecer sua plena capacidade profissional e intelectual ao grandioso serviço da nação.” (Ana Maria Machado)

29) DP2004 “Sua obra, cujo padrão estilístico é comparado ao de frei Luís de Sousa, não foi contemplada com reedições, e tornou-se de difícil acesso, **quer** em alfarrabistas, **quer** em bibliotecas públicas **ou** particulares.” (Antonio Carlos Secchin)

Como recurso retórico em 26, a estrutura tripla de correlação alternativa sequencia grupos nominais. O dado atípico está, nesse segmento, representado pela substantivação em “**ou** \emptyset não gostei”, em que a releitura, após retomada da preposição, seria “**ou** do não gostei”. Ao que tudo indica, esse seria o caso mais incomum de ocorrência de segmento alternativo, no qual, intencionalmente, um acadêmico modifica a classe gramatical de uma palavra (neste caso, de verbo para substantivo) para atender a princípios estilísticos e, por conseguinte, manter o paralelismo no grupo organizado por tripla correlação alternativa.

No exemplo de 27, o paralelismo é mantido pelo par “ora... ora”, que coordena grupos preposicionados, o que não se pode notar, em termos de repetição dos conectores nos exemplos 28 e 29. Como em qualquer outro gênero, por mais monitorado que seja, nos discursos de posse da ABL, há usos que destoam do padrão dos conectores espelhados, uma vez que há usos (nos exemplos 28 e 29: “seja... ou” e “quer... quer... ou”), cuja seleção dos conectores da disjunção é distinta. É importante ressaltar que esse tipo de seleção em nada altera o uso dessas estruturas com pretensões estilístico-retóricas.

A frequência da correlação comparativa, a segunda maior mapeada entre os grupos abaixo do complexo oracional, é encontrada, no Apêndice B, com um percentual de 27% em relação aos usos nos discursos de posse da ABL. Para ilustrar essa frequência, listam-se, a seguir, os casos de 30, 31 e 32:

30) DP2003 “Assim, respondo aos amigos: além do usar o fardão, e receber a espada, o colar, o diploma, e o chapéu-de-dois-bicos – **mais** emplumado **do que** o de um mestre-sala de escola de samba –, o fato de ingressar nos quadros da Academia Brasileira de Letras não mudou nada em mim (...).” (Cicero Sandroni)

31) DP2019 “Eu devia ter uns cinco anos de idade, quando fui pela primeira vez ao cinema, em Maceió, terra natal de minha família, **tanto** materna **quanto** paterna.” (Carlos Diegues)

32) DP2004 “(...) Rachel escrevia dentro da tradição ficcional brasileira que sempre vinculou literatura e nação. Em seu caso, a vinculação era entre literatura e região, mas a região era vista como componente da nação. **Tal** região, **qual** romance, talvez dissesse Flora Sussekind.” (José Murilo de Carvalho)

A comparação por superioridade (em 30) e por igualdade (em 31 e 32) notada nos exemplos dos grupos nominais confirma a premissa de que esse tipo de correlação ocorre, também, em níveis inferiores ao do complexo oracional. Nesse aspecto, a função retórica da comparação nos subgrupos assume a feição de peso textual – retórico e argumentativo – nos mesmos moldes com que se apresenta em estruturas complexas.

O mapeamento da correlação sintática – nos moldes do complexo oracional e no âmbito dos subgrupos oracionais – mostra-se, conforme suscitam os exemplos de 1 a 32, produtivo em termos da configuração retórico-argumentativa em segmentos monitorados. A análise linguística da correlação, como recurso da arquitetura da gramática, ressalta sua ampla frequência na constituição do gênero discurso de posse da ABL.

CONCLUSÃO

O exame das ocorrências estruturais da correlação sintática aplicado aos discursos de posse da Academia Brasileira de Letras aponta um relevante e oportuno percurso de análise em relação à interface sintaxe-discurso. Esse tipo de tratamento revela que as unidades da gramática, antes de serem pouco maleáveis, apresentam-se como mecanismos recursivos no que tange à organização textual.

Essa abordagem dos recursos da língua voltada para a configuração textual é mais bem agasalhada pela perspectiva funcionalista da linguagem. O funcionalismo linguístico oferece ferramentas consistentes para um tratamento da gramática com vistas à produção de significados.

Neste trabalho, o enfoque funcional adotado, por meio do aparato teórico da corrente da Gramática Sistêmico-Funcional, implementada e difundida pelos estudos hallidayanos, oferece algumas contribuições ao cenário descritivo do português, quais sejam: a possibilidade de mapeamento de unidades da língua (estruturantes da correlação oracional) nos contextos de cultura e situação; a configuração do complexo oracional pelo viés da seleção léxico-gramatical; a aproximação dos recursos linguísticos aos fatores atrelados aos recursos retórico-argumentativos.

No que diz respeito ao contexto de cultura, é importante salientar que os discursos de posse da ABL configuram-se e organizam-se em torno de um histórico ritual de proferimento de discursos (tanto os de recepção quanto os de posse). Em relação ao contexto de situação, os discursos de posse são elaborados para atender a determinadas expectativas de linguagem, a saber: agradecer, comprometer-se, lembrar feitos dos acadêmicos antecessores, contar o próprio percurso de vida e mostra-se apto ao ingresso na instituição.

De acordo com o contexto de situação – o microcontexto –, recursos linguísticos são mobilizados, da estrutura da gramática, para ancorar a produção dos discursos de posse da ABL, um gênero estritamente elaborado com viés ultramonitorado. Um tipo de estrutura descrita neste trabalho e oriunda da abordagem da GSF é o complexo oracional. O conceito de *complexo* envolve segmentos bimembres (orações), tratados como recursos paratáticos (as duas orações assumem traço comum na identidade estrutural) e como recursos hipotáticos (as duas orações não estão localizadas no mesmo patamar estrutural).

O tratamento da correlação sintática atrelado ao complexo oracional traz contribuições à descrição do português pelo fato de se constituir uma oportuna ferramenta para análise da articulação oracional, sem perder de vista a produção de significados emergentes da estrutura da língua.

Lidar com dados, como os abaixo:

33) “Para Teilhard, ‘hoje mesmo, para qualquer marciano capaz de analisar **tanto** psíquica **como** ∅ fisicamente as radiações siderais, a primeira característica de nosso planeta seria certamente o fato de este lhe aparecer **não** com o azul dos seus mares ou com o verde de suas florestas – **mas** ∅ fosforescente de Pensamento’.”
(Marco Lucchesi)

oferece desafios analíticos, já que implica deslizamentos de significado em termos da configuração dos pares conectivos. À primeira vista, a análise do primeiro par correlato (operado por “tanto... como”) sugere um caso de correlação por comparação, no entanto, a leitura de todo o excerto aponta outro uso de conexão correlativa por adição (ancorada por “não... mas”).

Dessa forma, uma possível reescrita do primeiro complexo oracional – “capaz de analisar **não só** psíquica **mas também** ∅ fisicamente as radiações siderais” – sinaliza que o segmento assume feições paratáticas por intermédio da correlação por adição.

Os dois valores semânticos – a comparação e a adição – são coerentes nos dois arranjos sintáticos. Para os funcionalistas que lidam com a Gramática Sistêmico-Funcional, a escolha por uma das estruturas implica o peso textual que ambas oferecem aos segmentos os quais ancoram.

Como o acadêmico utilizaria, portanto, o par “não... mas” no fim do trecho de discurso de posse, não seria textualmente produtivo o uso de “não só... mas também” no início do excerto. A escolha da estrutura “tanto... como”, além de evitar repetição, estilisticamente pouco adequada para um discurso monitorado, permitiu ao acadêmico manter os dois sentidos em evidência no planejamento do seu texto.

A opção por uma forma ou por outra traz, nesse sentido, valores distintos para o que se pretende proferir nos discursos de posse da ABL (e em qualquer outro gênero). A consciência acerca das opções disponíveis no sistema linguístico pode vir a ser, portanto, a chave metodológica para o entendimento de que é possível

lidar com texto e gramática, em uma mesma abordagem sobre os sentidos na linguagem.

A língua oferece, por conseguinte, formas distintas para significar conteúdos semânticos afins, pretendidos em situações de uso específicas. A arquitetura da gramática, conforme prevê a gramática sistêmica, é sensível às implicaturas (con)textuais e aos usos efetivos da língua.

Texto e gramática, pela ótica da GSF, assumem traços contíguos à medida que os significados das formas da gramática são passíveis de análise textual vinculada a contextos de uso e de situação. No funcionalismo, texto e gramática são domínios não só indissociáveis como também necessários à descrição da língua.

REFERÊNCIAS

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Membros da ABL*. Disponível em: <https://www.academia.org.br/academicos/membros>. Acesso em: 20/12/2022.

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Discurso de posse*. Disponível em: <https://www.academia.org.br/academicos/alberto-da-costa-e-silva/discurso-de-posse>. Acesso em: 09/07/21.

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Discurso de posse*. Disponível em: <https://www.academia.org.br/academicos/ana-maria-machado/discurso-de-posse>. Acesso em: 09/07/21.

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Discurso de posse*. Disponível em: <https://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm%3Fsid%3D217/discurso-de-posse>. Acesso em: 09/07/21.

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Discurso de posse*. Disponível em: <https://www.academia.org.br/academicos/carlos-diegues/discurso-de-posse>. Acesso em: 17/03/2021.

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Discurso de posse*. Disponível em: <https://www.academia.org.br/academicos/celso-lafer/discurso-de-posse>. Acesso em: 09/07/21.

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Discurso de posse*. Disponível em: <https://www.academia.org.br/academicos/cicero-sandroni/discurso-de-posse>. Acesso em: 09/07/21.

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Discurso de posse*. Disponível em: <https://www.academia.org.br/academicos/leonice-berardinelli/discurso-de-posse>. Acesso em: 09/07/21.

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Discurso de posse*. Disponível em: <https://www.academia.org.br/academicos/evanildo-bechara/discurso-de-posse>. Acesso em: 09/07/21.

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Discurso de posse*. Disponível em: <https://www.academia.org.br/academicos/ignacio-de-loyola-brandao/discurso-de-posse>. Acesso em: 09/07/21.

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Discurso de posse*. Disponível em: <https://www.academia.org.br/academicos/joao-almir/discurso-de-posse>. Acesso em: 09/07/21.

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Discurso de posse*. Disponível em: <https://www.academia.org.br/academicos/joaquim-falcao/discurso-de-posse>. Acesso em: 09/07/21.

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Discurso de posse*. Disponível em: <https://www.academia.org.br/academicos/jose-murilo-de-carvalho/discurso-de-posse>. Acesso em: 09/07/21.

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Discurso de posse*. Disponível em: <https://www.academia.org.br/academicos/marco-lucchesi/discurso-de-posse>. Acesso em: 09/07/21.

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Discurso de posse*. Disponível em: <https://www.academia.org.br/academicos/paulo-coelho/discurso-de-posse>. Acesso em: 09/07/21.

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Discurso de posse*. Disponível em: <https://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm%3Fsid%3D973/discurso-de-posse>. Acesso em: 09/07/21.

ALI, Manuel Said. *Gramática secundária da língua portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos, 1964.

ALI, Manuel Said. *Gramática histórica da língua portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos, 1965.

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. *Gramática metódica da língua portuguesa*. São Paulo: Saraiva, 1951.

AZEREDO, José Carlos de. *Gramática Houaiss da língua portuguesa*. São Paulo: Parábola, 2021.

BAGNO, Marcos. *Gramática pedagógica do português brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2011.

BECHARA, Evanildo. *Lições de português pela análise sintática*. Rio de Janeiro: Grifo, 1976.

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.

BONFIM, João Bosco Bezerra. *Palavra de presidente: discursos de posse de Deodoro a Lula*. Brasília, DF: LGE Editora, 2004.

BRAGA, Maria Luiza; PAIVA, Maria da Conceição de. Orações de tempo, causa e condição ao longo dos séculos XVIII a XXI. In: CASTILHO, Ataliba Teixeira de. *História do português brasileiro: mudança sintática das construções – perspectiva funcionalista*. São Paulo: Contexto, 2019.

BYBEE, Joan. *Língua, uso e cognição*. Tradução: Maria Angélica Furtado da Cunha. São Paulo: Cortez, 2016.

CABRAL, Sara Regina Scotta; FUZER, Cristiane. *Introdução à gramática sistêmico-funcional em língua portuguesa*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2014.

- CAMACHO, Roberto Gomes. Estruturas coordenadas aditivas. *In: NEVES, Maria Helena de Moura. Gramática do português falado – volume VII.* São Paulo: Editora da Unicamp, 1999.
- CÂMARA JUNIOR, Joaquim Mattoso. *Dispersos.* Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1972.
- CÂMARA JUNIOR, Joaquim Mattoso. *Dicionário de linguística e gramática.* 10. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1981.
- CARONE, Flávia de Barros. *Subordinação e coordenação: confrontos e contrastes.* São Paulo: Ática, 2006.
- CASTILHO, Ataliba Teixeira de. *A língua falada no ensino de português.* São Paulo: Contexto, 2002.
- CASTILHO, Ataliba Teixeira de. *Nova gramática do português brasileiro.* São Paulo: Contexto, 2012a.
- CASTILHO, Ataliba Teixeira de. Funcionalismo e gramáticas do português brasileiro. *In: CASTILHO, Ataliba Teixeira de et al. Funcionalismo linguístico: novas tendências teóricas.* São Paulo: Contexto, 2012b.
- CASTILHO, Ataliba Teixeira de. Projeto NURC e teorização linguística. *In: OLIVEIRA JR., Miguel. NURC: 50 anos (1969-2019).* São Paulo: Parábola, 2019.
- CHEDIAK, Antônio José. *Contribuição ao estudo da estrutura correlativa em Camões.* 1971. 236 f. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) - Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1971.
- CHOMSKY, Noam. *Estruturas sintáticas.* Tradução: Gabriel de Ávila Othero. Rio de Janeiro: Vozes, 2015.
- CONFORTE, André Nemi. Paralelismo não é perfumaria: aplicação didática de um princípio sintático. *In: COELHO, Fábio André et al. Ensino de língua portuguesa: teorias e práticas.* Rio de Janeiro: Gramma, 2018.
- CONSTANCIO, Felipe de Andrade; SCHLEE, Magda Bahia. O gênero discurso de posse pela ótica da Linguística Sistemico-Funcional. *Revista Philologus*, Rio de Janeiro, v. 80, p. 143-159, 2021.
- CUNHA, Celso. *Gramática da língua portuguesa.* Rio de Janeiro: FENAME, 1979.
- DIAS, Maria de Lourdes Vaz Sppezapria; RODRIGUES, Violeta Virginia. Justaposição: processo sintático distinto da coordenação e da subordinação?. *In: RODRIGUES, Violeta Virginia. Articulação de orações: pesquisa e ensino.* Rio de Janeiro: UFRJ, 2010.
- DIJK, Teun A. Van. *Discurso e contexto: uma abordagem sociocognitiva.* Tradução: Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto, 2012.

DUBOIS, Jean *et al.* *Dicionário de Linguística*. Tradução: Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 2014.

FARACO, Carlos Alberto; VIEIRA, Francisco Eduardo. *Gramática do período e da coordenação*. São Paulo: Parábola, 2020.

FIORIN, José Luiz. *Figuras de retórica*. São Paulo: Contexto, 2014.

GARCIA, Othon Moacyr. *Comunicação em prosa moderna*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2010.

GIVÓN, Talmy. *A compreensão da gramática*. Tradução: Mário Eduardo Martelotta. São Paulo: Cortez, 2012.

GÓIS, Carlos. *Método de análise léxica e lógica ou sintaxe das relações*. Belo horizonte: Edição e propriedade do autor, 1947.

GOUVEIA, Carlos. Texto e gramática: uma introdução à Linguística Sistêmico-Funcional. *Revista Matraca*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 24, p. 13-47, jan./jun. 2009.

HALLIDAY, Michael A. K. "Estrutura e função da linguagem". *In: LYONS, John (org.). Novos horizontes em linguística*. Tradução: Jesus Antônio Durigan. São Paulo: Cultrix, 1976.

HALLIDAY, Michael A. K. *El lenguaje como semiótica social: la interpretación social del lenguaje y del significado*. Tradução: Jorge Ferreiro Santana. México: FCE, 1982.

HALLIDAY, Michael A. K; HASAN, Ruqaya. *Language, context and text: aspects of language in a social-semiotic perspective*. Oxford: Oxford University Press, 1989.

HALLIDAY, Michael A. K; MATTHIESSEN, Christian. *Introduction to functional grammar*. 4. ed. London: Routledge, 2014.

HASAN, Ruqaya. "Part B". *In: HALLIDAY, Michael A. K.; HASAN, Ruqaya. Language, context and text: aspects of language in a social-semiotic perspective*. Oxford: Oxford University Press, 1989.

HENGEVELD, Kees; MACKENZIE, J. Lachlan. "Gramática discursivo-funcional". *In: CASTILHO, Ataliba Teixeira de et al. Funcionalismo linguístico: novas tendências teóricas*. São Paulo: Contexto, 2012.

HENRIQUES, Claudio Cezar. *Nomenclatura gramatical brasileira: 50 anos depois*. São Paulo: Parábola, 2009.

KENEDY, Eduardo. "Sintaxe gerativa". *In: KENEDY, Eduardo; OTHERO, Gabriel de Ávila (org.). Sintaxe, sintaxes: uma introdução*. São Paulo: Contexto, 2015.

KENEDY, Eduardo; MARTELOTTA, Mário Eduardo. "A visão funcionalista da linguagem no século XX". *In: MARTELOTTA, Mário Eduardo et al. Linguística funcional: teoria e prática*. São Paulo: Parábola, 2015.

KOCH, Ingedore. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez, 2006.

LEITE, Marli Quadros. “Tradição, invenção e inovação em gramáticas da língua portuguesa – séculos XX e XXI”. In: CASSEB-GALVÃO, Vânia Cristina; NEVES, Maria Helena de Moura (org.). *Gramáticas contemporâneas do português: com a palavra, os autores*. São Paulo: Parábola, 2014.

LIMA, Carlos Henrique da Rocha. *Teoria da análise sintática*. Rio de Janeiro: Gráfica Tupy, 1956.

LUFT, Celso Pedro. *Gramática resumida: explicação da Nomenclatura Gramatical Brasileira*. Porto Alegre: Globo, 1978.

MATEUS, Maria Helena Mira et al. *Gramática da língua portuguesa*. 5. ed. Lisboa: Caminho, 2003.

MEILLET, Antoine. *A evolução das formas gramaticais*. Tradução: Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2020.

MELO, Gladstone Chaves de. *Novo manual de análise sintática*. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1954.

MELO, Gladstone Chaves de. *Iniciação à filologia portuguesa*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1967.

MENÉNDEZ, Salvio Martín. “M.A.K. Halliday: de la opción al recurso, de la gramática al registro”. In: HALLIDAY, M.A.K. *Obras esenciales de M.A.K. Halliday*. Tradução: Federico Navarro. Santa Fe: Ediciones UNL, 2017.

MÓDOLO, Marcelo. *Gramaticalização das conjunções correlativas no português*. 2004. 154 f. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

MÓDOLO, Marcelo. “As construções correlatas”. In: NEVES, Maria Helena de Moura (org.). *A construção das orações complexas*. São Paulo: Contexto, 2016.

MONTEIRO, José Lemos. *A estilística*. São Paulo: Ática, 1991.

MORAIS, Clóvis Barleta de. “A correlação em português”. In: SALUM, Isaac Nicolau. *Estudos de filologia e linguística: em homenagem a Isaac Nicolau Salum*. São Paulo: EDUSP, 1981.

MOTTA-ROTH, Désirée; HEBERLE, V. M. “O conceito de Estrutura Potencial do Gênero de Ruqaiya Hasan”. In: MEURER, José Luiz; BONINI, Adair; MOTTA-ROTH, Désirée (org.). *Gêneros: teorias, métodos e debates*. São Paulo: Parábola, 2005.

NEVES, Maria Helena de Moura. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

NEVES, Maria Helena de Moura. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Unesp, 2011.

NEVES, Maria Helena de Moura. *Texto e gramática*. São Paulo: Contexto, 2013.

NEVES, Maria Helena de Moura. *A gramática do português revelada em textos*. São Paulo: Unesp, 2018a.

NEVES, Maria Helena de Moura. *Gramática funcional: interação, discurso e texto*. São Paulo: Contexto, 2018b.

OITICICA, José. *Manual de análise léxica e sintática*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1947.

OITICICA, José. *Teoria da correlação*. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1962.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Língua e conhecimento linguístico: para uma história das ideias no Brasil*. São Paulo: Cortez, 2013.

PAULIUKONIS, Maria Aparecida Lino. *As estruturas correlatas da comparação: análise semântico-argumentativa do discurso na Comédia Eufrosina*. 1989. 211 f. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) - Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1989.

PEREIRA, Eduardo Carlos. *Gramática expositiva: curso superior*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1938.

OITICICA, José. *Gramática expositiva: curso elementar*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1949.

PERELMAN, Chaïm; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. *Tratado da argumentação: a nova retórica*. Tradução: Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

PERELMAN, Chaïm. *Retóricas*. Tradução: Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

PEZATTI, Erotilde Goreti. "Estruturas coordenadas alternativas". In: NEVES, Maria Helena de Moura (org.). *Gramática do português falado – Volume VII*. Campinas: Editora da Unicamp, 1999.

PEZATTI, Erotilde Goreti. "O funcionalismo em linguística". In: BENTES, Anna Christina; MUSSALIM, Fernanda (org.). *Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos*. São Paulo: Cortez, 2011.

PEZATTI, Erotilde Goreti. "A gramática discursivo-funcional e o contexto". In: CASTILHO, Ataliba Teixeira de et al. *Funcionalismo linguístico: novas tendências teóricas*. São Paulo: Contexto, 2012.

PLANTIN, Christian. *A argumentação: história, teorias, perspectivas*. Tradução: Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2008.

RAPOSO, Eduardo Buzaglo Paiva et al. *Gramática do português – volume II*. Portugal: Fundação Calouste Gulbenkian, 2013.

RODRIGUES, Violeta Virginia. "Correlação". In: BRANDÃO, Silvia Figueiredo; VIEIRA, Silvia Rodrigues (org.). *Ensino de gramática: descrição e uso*. São Paulo: Contexto, 2014.

ROSÁRIO, Ivo da Costa do. *Construções correlatas aditivas em perspectiva funcional*. Niterói: Eduff, 2018.

ROSÁRIO, Ivo da Costa do. "Sintaxe funcional". In: KENEDY, Eduardo; OTHERO, Gabriel de Ávila (org.). *Sintaxe, sintaxes: uma introdução*. São Paulo: Contexto, 2015.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. Tradução: Izidoro Blikstein et al. São Paulo: Cultrix, 1995.

SILVA, Claudia Maria Gil. *Discursos de posse dos presidentes do Supremo Tribunal Federal: Brasil, capital Brasília: uma das faces do ethos do poder judiciário*. 2011. 319 f. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

SOUZA, Roberto Acízelo de. *O império da eloquência: retórica e poética no Brasil oitocentista*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999.

TRASK, R. L. *Dicionário de linguagem e linguística*. Tradução: Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto, 2015.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs; TROUSDALE, Graeme. *Construcionalização e mudanças construcionais*. Tradução: Maria Angélica Furtado da Cunha. Rio de Janeiro: Vozes, 2021.

UCHÔA, Carlos Eduardo Falcão. *Sobre o ensino da análise sintática: história e redirecionamento*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.

VALENTE, André Crim. "Um estudo sobre a correlação (em J. Oiticica e outros autores)". In: VALENTE, André Crim (org.). *Língua, linguística e literatura*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.

VIEIRA, Francisco Eduardo. *A gramática tradicional: história crítica*. São Paulo: Parábola, 2018.

VOGT, Carlos. *O intervalo semântico: contribuição para uma teoria semântica argumentativa*. 2. ed. São Paulo: Editora da Unicamp, 2009.

VOTRE, Sebastião Josué et al. "O paradigma da gramaticalização". In: VOTRE, Sebastião Josué et al. *Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

APÊNDICE A - CORPUS 1

Legenda:

DP0000 = Discurso de Posse seguido do ano em que foi proferido

OCA = Oração Coordenada Assindética

OCS = Oração Coordenada Sindética

OP = Oração Principal

OSA = Oração Subordinada Adverbial

OI→OC = Oração Inicial seguida de Oração Continuativa

ODm↓ODp = Oração Dominante seguida de Oração Dependente

∅ = Apagamento de itens lexicais

Ocorrências	Correlatas complexas	Taxonomia da NGB	Taxonomia da Oração Complexa	Estruturação da Oração complexa
DP2000	“Do filho, o itinerário dos dias foi amorosamente desenhado pela figura paterna, não para lhe repetir o trajeto, mas para lhe continuar o exemplo.” (Alberto da Costa e Silva)	OCA + OCSAditiva	Parataxe	OI→OC
DP2000	“E de tal forma se manteve fiel ao que tinha por legado e			

	dever intransferíveis (sobretudo após a morte de quem com ele os partilhava, o seu irmão Evandro), que a história das ciências no Brasil coincide, neste século, com as biografias conjugadas dos dois Carlos Chagas, o pai e o filho.” (Alberto da Costa e Silva)	OP + OSAConsecutiva	Hipotaxe	ODm↓ODp
DP2000	“(…) uma atividade que não se restringiu às nossas fronteiras, mas se estendeu pelo mundo, pois Carlos Chagas Filho foi um grande embaixador da ciência (…).” (Alberto da Costa e Silva)	OCA + OCSAditiva	Parataxe	OI→OC
DP2000	“No caso de Carlos Chagas Filho, não se trataria, porém, de um cientista que punha no papel, com elegância e justeza, o resultado de seus estudos, mas de um cientista que era um	OCA + OCSAditiva	Parataxe	OI→OC

	escritor (...).” (Alberto da Costa e Silva)			
DP2001	“(…) o Impressionismo literário, movimento estético que se não aprisionou nas letras, mas refulgiu, primeiramente na pintura, espalhando-se pela música e outras formas de expressão artística.” (Evanildo Bechara)	OCA + OCSAditiva	Parataxe	OI→OC
DP2001	“(…) a figura literária de Luís Edmundo, que se notabilizou como poeta, teatrólogo, memorialista, jornalista e bibliófilo, cuja produção intelectual não só o guindou à Academia, mas agora mereceu a confirmação de reconhecimento na recentíssima reedição de O Rio de Janeiro (...).” (Evanildo Bechara)	OCA + OCSAditiva	Parataxe	OI→OC
DP2001	“Desde cedo			

	<p>vocacionado ao estudo e à pesquisa literária, Afrânio não trouxe de sua convivência norte-americana apenas o ideal teórico do <i>new criticism</i>, mas, como disse ele num depoimento, «toda uma global doutrinação pela renovação da crítica literária (...).» (Evanildo Bechara)</p>	<p>OCA + OCSAditiva</p>	<p>Parataxe</p>	<p>OI→OC</p>
DP2001	<p>“As línguas não são apenas expressão do pensamento intelectual, mas também «da emoção e sentimento.” (Evanildo Bechara)</p>	<p>OCA + OCSAditiva</p>	<p>Parataxe</p>	<p>OI→OC</p>
DP2002	<p>“Não seremos julgados pelo mal que fizemos, mas «pelo bem que deixamos de fazer.” (Paulo Coelho)</p>	<p>OCA + OCSAditiva</p>	<p>Parataxe</p>	<p>OI→OC</p>
DP2002	<p>“Não podemos</p>			

	gostar, mas podemos amar e, através do amor, entender que por detrás de cada atitude mesquinha e destruidora está um imenso desejo de ser compreendido, aceito, apreciado.” (Paulo Coelho)	OCA + OCSAditiva	Parataxe	OI→OC
DP2002	“Então, a essência de Ágape está não apenas nos que aqui me precederam nesta Cadeira 21, mas em todos, em todas as cadeiras desta Casa, deste auditório, em todas as cadeiras do mundo.” (Paulo Coelho)	OCA + OCSAditiva	Parataxe	OI→OC
DP2002	“Com essa atitude arrogante, jamais percebemos a alegria, a imensa Alegria que está no coração de quem está lutando, porque para esses não importa nem a vitória	OCA + OCSAditiva	Parataxe	OI→OC

	<p>nem a derrota, mas apenas olhar o mundo como se fosse uma pergunta - não uma resposta - e através dessa pergunta tentam dignificar suas vidas.” (Paulo Coelho)</p>			
DP2002	<p>“Quero fazer uma pequena observação aqui: não me cabe, neste discurso de posse, julgar as afinidades partidárias dos ocupantes desta Cadeira, mas o empenho sincero que tiveram em procurar uma opção melhor para o Brasil, levando em conta suas convicções pessoais.” (Paulo Coelho)</p>	<p>OCA + OCSAditiva</p>	Parataxe	OI→OC
DP2002	<p>“Que seja assim com todos nós: às vezes os livros invisíveis, nascidos da generosidade para</p>	<p>OP + OSAComparativa</p>	Hipotaxe	ODm↓ODp

	com o próximo, são tão importantes quanto aqueles que levam escritores a ocupar uma vaga na Academia Brasileira de Letras.” (Paulo Coelho)			
DP2003	“Se os retrato agora é menos por registro biográfico do que pela evocação de um processo brasileiro comum a tantos de nós, que nos permite diferentes e insuspeitadas ascensões e mobilidades numa sociedade tão desigual.” (Ana Maria Machado)	OP + OSAComparativa	Hipotaxe	ODm↓ODp
DP2003	“ Não para buscar o carnaval, mas seguramente atrás de visões do paraíso e para fugir da fome total, meu bisavô paterno, um menino	OCA + OCSAditiva	Parataxe	OI→OC

	português com seus dez anos de idade, fez seu caminho sobre o mar e entrou sozinho no porão de um navio.” (Ana Maria Machado)			
DP2003	<p>“Fosse ouvindo seus palpites em minhas conversas com minha querida Dona Musa, fosse ponderando suas sugestões para as pecinhas que Patrícia, Ana Teresa, Inês e eu ensaiávamos com as crianças da família para o Natal em sua casa, fosse nas discussões domingueiras, comentando as notícias da semana – que muitas vezes nem chegavam a sair nos jornais censurados – à sombra do toldo em seu jardim no Alto da Boa Vista, no final dos anos 60 e início</p>	<p>OCSAlternativa + OCSAlternativa + OCSAlternativa</p>	Parataxe	OI→OC→OC

	<p>dos 70... Nessas ocasiões, ouvi de Evandro Lins e Silva conceitos que nunca mais vou esquecer, sobre a excelência do júri popular, sobre a necessidade de se humanizar o direito penal e abolir a pena de prisão, sobre o risco de o excesso de lei atrapalhar a justiça, sobre a importância crucial da bondade para um juiz – sinal de verdadeira inteligência, segundo ele.” (Ana Maria Machado)</p>			
DP2003	<p>“Curiosamente, em nosso convívio, foi só depois dessa consagração pública e de seu recolhimento posterior (tão relativo que incluiu sua eleição e presença atuante nesta Academia), que eu tive a oportunidade</p>	<p>OP + OSAConsecutiva</p>	Hipotaxe	ODm↓ODp

	de ter uma forma de relação profissional com Dr. Evandro.” (Ana Maria Machado)			
DP2003	“Trata-se de fato raro na história da Academia Brasileira de Letras: o recipiendário ter convivido com os dois últimos ocupantes da Cadeira, e de forma tão intensa com um deles, quanto foi a convivência com o presidente da ABI.” (Cicero Sandroni)	OP + OSAComparativa	Hipotaxe	ODm↓ODp
DP2003	“ Não é escritor correto, mas poeta cujos maviosos acordes sabem o caminho do coração.” (Fausto Barreto e Carlos de Laet citados por Cicero Sandroni)	OCA + OCSAditiva	Parataxe	OI→OC
DP2003	“Mais uma razão para lembrar o poeta das			

	Primaveras, enquanto Teixeira de Melo hoje é mais conhecido pela rua que leva seu nome, em Ipanema, e só é evocado quando há sucessão na Cadeira número 6.” (Cicero Sandroni)	OP + OSATemporal	Hipotaxe	ODm↓ODp
DP2003	“Eu pensei que Jaceguai dessa vez se apresentaria. Ele, porém, achou mais fácil passar Humaitá do que as baterias encobertas do nosso reduto.” (Joaquim Nabuco citado por Cicero Sandroni)	OP + OSAComparativa	Hipotaxe	ODm↓ODp
DP2003	“ Não se distinguiu como aspirante de Marinha, mas escreveu seus primeiros versos, doze sonetos, que enviou para o irmão, Eusébio, para serem publicados no Gutemberg, de	OCA + OCSAditiva	Parataxe	OI→OC

	Maceió.” (Cicero Sandroni)			
DP2003	<p>“Não seguiu a carreira de oficial da Marinha, mas, na Academia, viria a suceder a um Almirante, o Barão de Jaceguai, a quem, por sinal, conhecera na Escola Naval, em 1900.” (Cicero Sandroni)</p>	<p>OCA + OCSAditiva</p>	Parataxe	OI→OC
DP2003	<p>“As atividades profissionais não o impediam de prosseguir na produção de sua obra poética, mas poemas enviados a outro irmão, Manuel Aristeu de Andrade, também não lograram uma crítica favorável (...).” (Cicero Sandroni)</p>	<p>OCA + OCSAditiva</p>	Parataxe	OI→OC
DP2003	<p>“A obra de Goulart de Andrade não é extensa, mas nela encontramos as</p>	<p>OCA +</p>	Parataxe	OI→OC

	Poesias, primeira série, publicadas entre 1900 e 1905.” (Cicero Sandroni)	OCSAditiva		
DP2003	“E Barbosa, em conversa com seus companheiros da ABI, contava que sua confiança em Athayde era tanta , que assinava cheques em branco para ele.” (Cicero Sandroni)	OP + OSAConsecutiva	Hipotaxe	ODm↓ODp
DP2003	“A segunda tese de Faoro, associada a esta, é que o poder político não era exercido nem para atender aos interesses das classes agrárias ou latifundiárias nem àqueles das classes burguesas que mal se haviam constituído como tal.” (Cicero Sandroni)	OCSAditiva + OCSAditiva	Parataxe	OI→OC
DP2003	“Porque o poder			

	desempenhava tal importância, tal significação para o político que ele, no poder, ia fazer aquilo que fosse melhor para sua continuidade no poder.” (Cicero Sandroni)	OP + OSAConsecutiva	Hipotaxe	ODm↓ODp
DP2003	“A amizade que tanto Laura quanto eu mantivemos com eles ainda hoje enternece nossos corações e jamais nos esqueceremos deles.” (Cicero Sandroni)	OP + OSAComparativa	Hipotaxe	ODm↓ODp
DP2004	“Além de se marcarem como ritual de passagem, os discursos revelam não só os valores pelos quais um acadêmico é acolhido, mas também a reeleitura que o recém-ingresso opera do legado	OCA + OCSAditiva	Parataxe	OI→OC

	cultural de sua cadeira.” (Antonio Carlos Secchin)			
DP2004	<p>“Dom Silvério, nascido em Congonhas do Campo em 12 de janeiro de 1840, tornou-se não apenas o primeiro prelado a ingressar na Academia, mas também, em 1890, o primeiro sacerdote consagrado bispo na vigência do regime republicano.”</p> <p>(Antonio Carlos Secchin)</p>	<p>OCA + OCSAditiva</p>	Parataxe	OI→OC
DP2004	<p>“A biografia de Marcos, todavia, ultrapassa tal referência, por mais fecunda que haja sido sua extensa gestão à frente desse grêmio literário.”</p> <p>(Antonio Carlos Secchin)</p>	<p>OP + OSAComparativa</p>	Hipotaxe	ODm↓ODp

DP2004	<p>“É verdade que, a rigor, alguns textos de Marcos parecem mais sugerir a audição do que a leitura, de tal modo neles transparecem as marcas de uma prazerosa oralidade (...).” (Antonio Carlos Secchin)</p>	<p>OP + OSAComparativa</p>	Hipotaxe	ODm↓ODp
DP2004	<p>“Isso não o impedia, se necessário, de ser incisivo, mas sempre no diapasão da polidez, zeloso de que as discordâncias não derivassem para o destempero.” (Antonio Carlos Secchin)</p>	<p>OCA + OCSAditiva</p>	Parataxe	OI→OC
DP2004	<p>“Não interpreto os limites como região de plácido descompromisso entre o lá e o cá, mas como um tenso território em cujas bordas vivenciamos o risco e o fascínio do</p>	<p>OCA + OCSAditiva</p>	Parataxe	OI→OC

	duplo.” (Antonio Carlos Secchin)			
DP2004	“Em qualquer das costumeiras listas dos dez principais intérpretes do Brasil, pelo menos cinco ou pertenceram ou pertencem à Academia.” (José Murilo de Carvalho)	OCSAlternativa + OCSAlternativa	Parataxe	OI→OC
DP2004	“Ao incorporar, não a mim, mas o que possa representar, a Academia reafirma sua capacidade de absorver variados estilos de pensamento e se afirma como autêntico intelectual coletivo, para usar uma expressão de Gramsci.” (José Murilo de Carvalho)	OCA + OCSAditiva	Parataxe	OI→OC
DP2004	“Já tendo abandonado meu udenismo de juventude, de origem	OCA +	Parataxe	OI→OC

	familiar, não compartia as idéias políticas de Affonso Arinos, mas respeitava sua figura de homem público dotado de verdadeira vocação para a política, no sentido weberiano da expressão.” (José Murilo de Carvalho)	OCSAditiva		
DP2004	“Rachel escreveu sete romances, duas peças teatrais e cerca de duas mil crônicas, muitas delas reunidas em livros. Pela predominância da crônica em sua obra, definia-se antes de tudo como jornalista: ‘[...] me sinto mais jornalista do que ∅ ficcionista’, disse em entrevista aos Cadernos de Literatura Brasileira (...).” (José Murilo de Carvalho)	OP + OSAComparativa	Hipotaxe	ODm↓ODp

DP2004	<p>“Não abandonou o Ceará, mas passou a cobrir temas cariocas, nacionais e internacionais, a comentar o cotidiano, os dramas urbanos, a política nacional.” (José Murilo de Carvalho)</p>	<p>OCA + OCSAditiva</p>	Parataxe	OI→OC
DP2004	<p>“Como anotou com razão a própria Rachel, a escravidão, além de menos difundida, era menos violenta do que em outras partes do nordeste.” (José Murilo de Carvalho)</p>	<p>OP + OSAComparativa</p>	Hipotaxe	ODm↓ODp
DP2004	<p>“O escravo ou dormia na casa-grande, ou era vaqueiro solto. Era a casa-grande sem a senzala, na precisa definição da escritora (100 Crônicas escolhidas, 135).” (José Murilo de Carvalho)</p>	<p>OCSAlternativa + OCSAlternativa</p>	Parataxe	OI→OC

DP2004	“A mudança não teria sido de Rachel, mas o do país.” (José Murilo de Carvalho)	OCA + OCSAditiva	Parataxe	OI→OC
DP2004	“Muitos de seus amigos da década de 30, quando ou se era de esquerda ou o integralista, mudaram de posição política, alguns da esquerda para a direita, outros da direita para a esquerda como Dom Hélder Câmara.” (José Murilo de Carvalho)	OCSAlternativa + OCSAlternativa	Parataxe	OI→OC
DP2006	“Neste campo atuou não só na condição de doutrinador mas o igualmente de formulador da prática brasileira do Direito das Gentes (...).” (Celso Lafer)	OCA + OCSAditiva	Parataxe	OI→OC
DP2006	“Carneiro Leão foi o sucessor de Clovis e, como seu antecessor			

	e como o patrono da cadeira 14, não só se formou na Faculdade de Direito do Recife como também se viu impregnado pela mentalidade suscitada pelo 'bando de idéias novas'." (Celso Lafer)	OCA + OCSAditiva	Parataxe	OI→OC
DP2006	" Não se considerava, no entanto, um técnico da educação, mas sim um político da educação, como disse em carta de 1936 a seu fraternal amigo, Francisco Venancio - pai do nosso confrade Alberto Venancio." (Celso Lafer)	OCA + OCSAditiva	Parataxe	OI→OC
DP2006	"Via, na obra de Dante, neste sentido, algo que falava muito diretamente a ele como pensador contemporâneo que, no dizer de Jean	OP + OSAComparativa	Hipotaxe	ODm↓ODp

	<p>Wahl, que endossava, se sentia mais um cavaleiro do Valor do que \emptyset um servidor do Ser.” (Celso Lafer)</p>			
DP2006	<p>“Não é o caso de reiterar estas análises, mas cabe mencioná-las neste momento, dada a relação entre os juristas e a Academia, entre as letras jurídicas e as letras propriamente ditas que foi examinada, com tanta pertinência e acuidade pelo nosso confrade Alberto Venancio Filho (...).” (Celso Lafer)</p>	<p>OCA + OCSAditiva</p>	Parataxe	OI→OC
DP2006	<p>“É neste contexto que, com simpatia e genuíno interesse, escreveu e refletiu sem juízos depreciativos ou apologéticos, sobre</p>	<p>OP + OSAComparativa</p>	Hipotaxe	ODm↓ODp

	<p>autores brasileiros - tanto os que cuidaram especificamente de problemas de filosofia como Farias Brito, quanto os que, na condição de escritores de visada ampla, lidaram com questões filosóficas (...)." (Celso Lafer)</p>			
DP2006	<p>"Não cabe, neste momento, uma discussão deste importantíssimo diploma legal, mas cabe dizer, nesta Casa, que assim como o Código Civil de 1916 está impregnado, como apontei, da visão de Clovis Bevilacqua, o acadêmico-fundador da cadeira 14, o Novo Código carrega no seu bojo a inovadora concepção de Direito do meu antecessor." (Celso</p>	<p>OCA + OCSAditiva</p>	Parataxe	OI→OC

	Lafer)			
DP2006	<p>“É por isso que quem a elas se dedica não deve ser nem exclusivamente teórico nem \emptyset exclusivamente prático, pois são áreas do conhecimento que constitutivamente postulam o nexo pensamento e ação e se beneficiam, epistemologicamente, da experiência.” (Celso Lafer)</p>	<p>OCSAditiva + OCSAditiva</p>	Parataxe	OI→OC
DP2006	<p>“Esta acareação é indispensável para identificar os interesses nacionais, diferenciá-los daqueles dos demais atores que operam na vida internacional para apropriadamente traduzir necessidades internas em possibilidades</p>	<p>OP + OSAComparativa</p>	Hipotaxe	ODm↓ODp

	externas num contexto no qual se movem tanto as forças de cooperação quanto ∅ as de conflito.” (Celso Lafer)			
DP2010	“Referindo-se às obras mais maduras de Alberto – <i>Sonetos e Poemas</i> , considera-o inteiramente livre de todas as fraquezas e dubiedades da primeira fase, afirmando-se não só magnífico pelo brilho, pela precisão, pelo colorido, como ∅ admirável pela música e vernaculidade da expressão.” (Cleonice Berardinelli)	OCA + OCSAditiva	Parataxe	OI→OC
DP2010	“É uma revelação a presença, em lugar de honra, deste sentimento tão ligado ao Romantismo, tão	OP + OSAConsecutiva	Hipotaxe	ODm↓ODp

	<p>ligado, que está presente no momento em que este movimento artístico surge em Portugal, com Almeida Garrett, na introdução do seu poema <i>Camões</i>.”</p> <p>(Cleonice Berardinelli)</p>			
DP2010	<p>“Como Adido Cultural em Lagos, promoveu uma grande exposição de pintura sobre motivos afro-brasileiros, colaborou em revistas nigerianas e mergulhou tão fundo nos assuntos da nova África independente, que desse convívio resultaram seus três livros mais importantes, a trilogia constituída por: <i>A Casa da Água, O Rei de Keto e Trono de Vidro</i>.” (Cleonice Berardinelli)</p>	<p>OP + OSAConsecutiva</p>	Hipotaxe	ODm↓ODp

DP2010	<p>“Ela pertencia a um grupo bastante grande de meninas de classe média que, àquele tempo, aprendiam declamação e, como em casa também o gosto pela poesia era alimentado pelos pais, não só conhecia o nome do grande poeta – “o príncipe dos poetas brasileiros” – mas sabia alguns de seus poemas de cor.” (Cleonice Berardinelli)</p>	<p>OCA + OCSAditiva</p>	Parataxe	OI→OC
DP2011	<p>“Não posso esquecer do jesuíta Paolo dall’Oglio, do mosteiro de Deir Mar Musa al-Habashi, no deserto da Síria, de que guardo a imagem tremenda do Alcorão: Deus está mais próximo do que a veia jugular ∅ (...).”</p>	<p>OP + OSAComparativa</p>	Hipotaxe	ODm↓ODp

	(Marco Lucchesi)			
DP2011	<p>“Não só não se fechou para a modernidade, como decidiu arrostar as demandas sociais e filosóficas da era dos extremos, para tomar a fórmula de Hobsbawn.” (Marco Lucchesi)</p>	<p>OCA + OCSAditiva</p>	Parataxe	OI→OC
DP2011	<p>“Fernando viajou em 1945 para Roma, cidade declarada aberta, como no filme de Rossellini, e por onde passavam, entre as ruínas morais e políticas do Pós-Guerra, não apenas Anna Magnani e Aldo Fabrizi, mas, sobretudo, para o nosso homenageado, Giorgio La Pira e Giuseppe Dossetti.” (Marco Lucchesi)</p>	<p>OCA + OCSAditiva</p>	Parataxe	OI→OC
DP2011	<p>“Como homem do</p>			

	<p>diálogo, Fernando convocou a sociologia para examinar as cordas vocais do sujeito teológico. E tomou distância, tanto da perspectiva de Mannheim (do Standortsgebundenheit des Denkers), quanto \emptyset do marxismo mecânico, segundo o qual a literatura não passa de falsa consciência, e a fortiori, a teologia, não passando de uma desprezível monstruosidade.” (Marco Lucchesi)</p>	<p>OP + OSAComparativa</p>	<p>Hipotaxe</p>	<p>ODm↓ODp</p>
<p>DP2011</p>	<p>“A categoria da transparência surge como forma de articular a passagem entre esses dois reinos, à primeira vista irreduzíveis. A transparência não é um ponto cego, mas \emptyset um olhar transitivo.”</p>	<p>OCA + OCSAditiva</p>	<p>Parataxe</p>	<p>OI→OC</p>

	(Marco Lucchesi)			
DP2011	<p>“A Igreja, segundo Fernando, ‘já alertara para a exaustão dos modelos quantitativos, já denunciara o egoísmo dos grupos e nações, já fizera apelos patéticos em favor da solidariedade’.”</p> <p>(Marco Lucchesi)</p>	<p>OCSAlternativa + OCSAlternativa + OCSAlternativa</p>	Parataxe	OI→OC
DP2011	<p>“O homem não é o fim da evolução, mas a flecha ascendente de um processo que se aterra no ponto Omega, na supercentração de tudo em Deus, de acordo com a primeira epístola de São Paulo aos Coríntios (...).”</p> <p>(Marco Lucchesi)</p>	<p>OCA + OCSAditiva</p>	Parataxe	OI→OC
DP2011	<p>“Para Teilhard, ‘hoje mesmo, para</p>			

	<p>qualquer marciano capaz de analisar tanto psíquica como ∅ fisicamente as radiações siderais, a primeira característica de nosso planeta seria certamente o fato de este lhe aparecer não com o azul dos seus mares ou com o verde de suas florestas – mas ∅ fosforescente de Pensamento’.” (Marco Lucchesi)</p>	<p>OP + OSAComparativa</p> <p>OCA + OCSAditiva</p>	<p>Hipotaxe</p> <p>Parataxe</p>	<p>ODm↓ODp</p> <p>OI→OC</p>
DP2011	<p>“Hoje, o maior fantasma da física não é Deus, mas ∅ uma certa desconfiança, em níveis bem demarcados, da matemática.” (Marco Lucchesi)</p>	<p>OCA + OCSAditiva</p>	Parataxe	OI→OC
DP2013	<p>“Orígenes Lessa sabia que, ao entrar na vida, o mundo se</p>			

	apresenta tão insólito que qualquer versão é plausível, bastando crer para ver.” (Rosiska Darcy de Oliveira)	OP + OSAConsecutiva	Hipotaxe	ODm↓ODp
DP2013	“Creio que são essas presenças reais que ditam o nosso destino, convivem conosco e habitam o recôndito mais secreto de nosso eu, aquele que é mais insubmisso que o inconsciente \emptyset , o território liberado de nosso imaginário.” (Rosiska Darcy de Oliveira)	OP + OSAComparativa	Hipotaxe	ODm↓ODp
DP2013	“São as vozes que ouvimos, que nos consolam e em quem encontramos uma afinidade que as fazem tão humanas quanto nós mesmos \emptyset , que nos ensinam a viver, nos transmitem valores e estimulam	OP + OSAComparativa	Hipotaxe	ODm↓ODp

	nossos amanhã.” (Rosiska Darcy de Oliveira)			
DP2013	<p>“Outro professor ilustre da universidade de Genebra, o crítico Jean Starobinski, pensa, com razão, que, <i>‘em certas circunstâncias mais vale esquecer-se de si e se deixar surpreender. Em troca, sentir-se-á, vindo da obra, um olhar que nos é dirigido, que não é um reflexo de nossa interrogação, mas o olhar de uma consciência radicalmente outra, que vem ao nosso encontro, nos interroga e nos força a responder. O livro nos interroga’.</i>” (Jean Starobinski citado por Rosiska Darcy de Oliveira)</p>	OCA + OCSAditiva	Parataxe	OI→OC

DP2013	<p>“Humanitas Felicitas, Libertas. Essas belas palavras que o Imperador Adriano inscreveu nas moedas de seu reino, bem sabendo que não as tinha inventado, foi Marguerite Yourcenar que gravou na minha vida como uma divisa que não inventei, mas tentei honrar.” (Rosiska Darcy de Oliveira)</p>	<p>OCA + OCSAditiva</p>	Parataxe	OI→OC
DP2017	<p>“O episódio faria Machado de Assis, em versos por ocasião de sua morte, dizer que Bonifácio caíra ‘não ao peso dos anos, mas ø ao peso do... amor à ... pátria amada’.” (João Almino)</p>	<p>OCA + OCSAditiva</p>	Parataxe	OI→OC
DP2017	<p>“Contudo, parece que não foi o fardão que lhe serviu para as</p>			

	conquistas amorosas, e sim a velha farda de coronel da Guarda Nacional francesa.” (João Almino)	OCA + OCSAditiva	Parataxe	OI→OC
DP2017	“Parecia ser rápido em tudo, da cama à escrivaninha, pois foi nesse mesmo período parisiense que publicou não só muitos artigos, mas também ∅ seu livro <i>O Regime Presidencial no Brasil</i> . Lançado em 1914, foi reeditado em 1932 com o título de <i>Parlamentarismo e Presidencialismo no Brasil</i> .” (João Almino)	OCA + OCSAditiva	Parataxe	OI→OC
DP2017	“A literatura poderá dar atenção, não ao acabado, mas ∅ ao inacabado ou parcial; ∅ não ao evidente e conhecido, mas ∅ ao silenciado, escondido ou ausente.” (João	OCA + OCSAditiva OCA + OCSAditiva	Parataxe Parataxe	OI→OC OI→OC

	Almino)			
DP2017	<p>“Miguel Osório mostra, assim, que ela, a literatura, não é feita para apaziguar o espírito, mas ∅ para aguçá-lo.” (João Almino)</p>	<p>OCA + OCSAditiva</p>	Parataxe	OI→OC
DP2017	<p>“É expressão de sua sensibilidade e de sua paixão pelas letras, que, quando conheceu sua mulher, Marilu, ela o tenha surpreendido, segundo afirma, ‘não só por sua beleza’, ‘mas ∅ por seu interesse em poesia e literatura’.” (João Almino)</p>	<p>OCA + OCSAditiva</p>	Parataxe	OI→OC
DP2017	<p>“Um grão de sal do Rio Mossoró aguça o sabor dessas tradições: as histórias da resistência a Lampião, que não alimentaram minha ficção, mas</p>	<p>OCA + OCSAditiva</p>	Parataxe	OI→OC

	sacudiram minha imaginação infantil.” (João Almino)			
DP2017	“O pensamento iluminista e luminoso de Sergio Paulo Rouanet continuará tanto mais atual quanto \emptyset mais derrotado esteja pelo progresso do irracionalismo, da intolerância e dos nacionalismos estreitos.” (João Almino)	OP + OSAComparativa	Hipotaxe	ODm↓ODp
DP2018	“Estes ritos, esta instituição, o patrimônio cultural de uma nação só nos engrandece quando envolto em outro patrimônio: O Estado democrático de direito.” (Joaquim Falcão)	OP + OSATemporal	Hipotaxe	ODm↓ODp
DP2018	“Indispensável, para			

	ambos, era estar no e com o Estado. Seja para implementar o planejamento estatal, seja para implementar o mercado competitivo.” (Joaquim Falcão)	OCSAlternativa + OCSAlternativa	Parataxe	OI→OC
DP2018	“A origem deste mútuo insucesso é a permanência do patrimonialismo e corporativismo, excludentes e anticompetitivos. Tão permanente que vem de longe, dizia Faoro: ‘Não adianta trocar de capitão-mor’.” (Joaquim Falcão)	OP + OSAConsecutiva	Hipotaxe	ODm↓ODp
DP2018	“Cultura é a capacidade de cada um escolher seu melhor futuro. Matéria-prima da democracia, \emptyset tão	OP + OSAComparativa	Hipotaxe	ODm↓ODp

	importante quanto ∅ segurança, emprego, saúde, educação e justiça.” (Joaquim Falcão)			
DP2018	“Primeiro porque, quando se faz a defesa da liberdade de expressão, em geral, enfatiza-se mais o emissor - o autor - do que ∅ o receptor, o leitor.” (Joaquim Falcão)	OP + OSAComparativa	Hipotaxe	ODm↓ODp
DP2018	“Quase sempre, usam ou ideologias políticas ou ∅ motivos argumentáveis: proibir as mentiras das fake news.” (Joaquim Falcão)	OCSAlternativa + OCSAlternativa	Parataxe	OI→OC
DP2018	“Será que estes pais e autoridades não querem que seus filhos possam ser melhores que eles?”	OCSAlternativa + OCSAlternativa	Parataxe	OI→OC

	<p>Sejam limitados a ler apenas o que eles já leram? Sejam apenas iguais a eles?” (Joaquim Falcão)</p>			
DP2018	<p>“Existe, sim, riscos de curto prazo. Que, porém, não se resolvem com patrulhamentos. Mas ø pelo diálogo, explicação, orientação, respeito ao interlocutor, e por mais e mais e mais plurais leituras.” (Joaquim Falcão)</p>	<p>OCA + OCSAditiva</p>	Parataxe	OI→OC
DP2019	<p>“Aprendi tanto naquela primeira sessão alagoana de cinema, como voltei a aprender muito mais, uns dez anos depois, por volta dos quinze de idade.” (Carlos Diegues)</p>	<p>OP + OSAComparativa</p>	Hipotaxe	ODm↓ODp
DP2019	<p>“Uma poesia em que a música das palavras de cada decassílabo é tão</p>	<p>OP +</p>	Hipotaxe	ODm↓ODp

	essencial, quanto o que cada verso quer nos dizer.” (Carlos Diegues)	OSAComparativa		
DP2019	“Era preciso produzir um cinema para a nação, mas também inventar uma nação no cinema.” (Carlos Diegues)	OCA + OCSAditiva	Parataxe	OI→OC
DP2019	“É tão profunda a importância fundadora de Nelson, que mesmo o jovem cineasta brasileiro que nunca tenha visto um filme seu, é necessariamente tributário do que ele fez e criou.” (Carlos Diegues)	OP + OSAConsecutiva	Hipotaxe	ODm↓ODp
DP2019	“ Só estaremos à altura de nossa missão artística e intelectual, de nosso papel na dinâmica entre pensamento e realidade, se entendermos o que dizia dom Miguel de Unamuno (...).” (Carlos Diegues)	OP + OSACondicional	Hipotaxe	ODm↓ODp

DP2019	<p>“Trotsky se equivocou, pois a revolução permanente não vai ocorrer em trincheiras ou barricadas, mas \emptyset no dia a dia modesto das salas de aulas.” (Darcy Ribeiro citado por Ignácio de Loyola Brandão)</p>	<p>OCA + OCSAditiva</p>	Parataxe	OI→OC
DP2019	<p>“O Brasil não pode passar sem uma universidade que tenha o inteiro domínio do saber humano e que o cultive não como um ato de fruição erudita ou de vaidade acadêmica, mas \emptyset com o objetivo de, montada nesse saber, pensar o Brasil como problema.” (Darcy Ribeiro citado por Ignácio de Loyola Brandão)</p>	<p>OCA + OCSAditiva</p>	Parataxe	OI→OC
DP2019	<p>“O retrocesso na organização político-</p>			

	social não virá ao acaso, e sim ∅ como reflexo do pânico de certos grupos privilegiados em face da pressão social crescente.” (Celso Monteiro Furtado citado por Ignácio de Loyola Brandão)	OCA + OCSAditiva	Parataxe	OI→OC
DP2019	“A meta do ISEB’, segundo Hélio, era formular um projeto nacional nas condições do século 20, um projeto que incorporasse as visões do culturalismo germânico, que se afastava tanto da influência francesa da USP, quanto ∅ do grupo marxista.” (Ignácio de Loyola Brandão)	OP + OSAComparativa	Hipotaxe	ODm↓ODp
DP2019	“ Não foi o caso de reescrever a História Universal e sim ∅ de reincidir sobre as	OCA +	Parataxe	OI→OC

	civilizações, um olhar sociológico, investigando os fatores que causaram sua emergência, florescimento e crise.” (Hélio Jaguaribe citado por Ignácio de Loyola Brandão)	OCSAditiva		
DP2019	“Helio preferiu deixar nosso País por conta própria. Esclareceu: ‘Não fui exilado, mas quis afastar-me, porque aqui se criaria uma situação pouco compatível com minhas ideias.’ ” (Ignácio de Loyola Brandão)	OCA + OCSAditiva	Parataxe	OI→OC
DP2019	“Ostentam maior margem de significado público as eleições presidenciais. Essa maior representatividade pública, todavia, decorre muito mais	OP + OSAComparativa	Hipotaxe	ODm↓ODp

	dos candidatos e de suas tendências, mais de esquerda ou de direita, do que \emptyset dos partidos que os apresentam.” (Hélio Jaguaribe citado por Ignácio de Loyola Brandão)			
DP2019	“Ficamos conhecidos como “Geração de 70”, não pela idade, mas \emptyset por nossa postura.” (Ignácio de Loyola Brandão)	OCA + OCSAditiva	Parataxe	OI→OC

APÊNDICE B - CORPUS 2

Legenda:

DP0000 = Discurso de Posse seguido do ano em que foi proferido

SAdj. = Sintagma Adjetivo

SN = Sintagma Nominal

SPrep. = Sintagma Preposicionado

Ocorrências	Correlatas simples	Sintagmas relacionados	Valor semântico segundo a NGB
DP2000	“ Não só pela novidade, ao transplantar para o português os chamados metros bárbaros de Carducci, mas por uma dicção que se quis tensamente serena (...).” (Alberto da Costa e Silva)	SPrep. + SPrep.	Adição
DP2000	“ Tanto o nosso poeta quanto aquele que Fernando Pessoa desentranhou de si próprio muito devem, é bem verdade, aos Poèmes antiques (...).” (Alberto da Costa e	SN + SN	Comparação

	Silva)		
DP2000	“(…) mas, como Carlos Chagas Filho, à linhagem rara dos que somam para multiplicar, atentos não só à riqueza da diversidade, mas sobretudo à força fundadora das semelhanças.” (Alberto da Costa e Silva)	SPrep. + SPrep	Adição
DP2001	“A revolução estética e literária que dominou o fim do século XIX como onda iconoclasta aos modelos então dominantes – o Naturalismo em prosa, e o Parnasianismo em poesia – concretizou-se não só na corrente impressionista, mas também no Simbolismo.” (Evanildo Bechara)	SPrep. + SPrep.	Adição
DP2001	“A famosa antologia Le Parnasse contemporain, lançada entre 1866 e 1876, é o ponto de partida tanto do Parnasianismo quanto do Simbolismo, algumas das principais figuras	SPrep. + SPrep.	Comparação

	tendo pertencido aos dois movimentos.” (Evanildo Bechara)		
DP2001	“Alimenta-se a poesia do Sr. Luís Edmundo mais de impressões que de sensações.” (Evanildo Bechara)	SPrep. + SPrep.	Comparação
DP2001	“Não há dor nesse livro, nem o mal de la pensée, nem entusiasmo, nem alegria.” (Evanildo Bechara)	SN + SN + SN	Adição
DP2001	“Todos os que tivemos a sorte e o privilégio de acompanhar-lhe os passos e os embates pelas páginas de Correntes cruzadas ou pelas conversas informais em livrarias, ou , ainda, pelos cursos universitários iniciais sobre teoria e técnica literária na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Instituto La-Fayette, fazemos coro às palavras de outro crítico inteligente (...).” (Evanildo Bechara)	SPrep. + SPrep.	Alternativa
DP2001	“Não colocou, no centro	SN	

	delas, nem o próprio crítico, nem os sistemas filosóficos, nem os ambientes sociais, nem mesmo os textos estudados.” (Evanildo Bechara)	+ SN + SN + SN	Adição
DP2001	“pelo impressionismo, velho e sovado, e, pior ainda, transformado ou degenerado em simples jornalismo, ou achismo, do gostei ou não gostei (...).” (Evanildo Bechara)	SAdj. + SN + SN	Alternativa
DP2001	“Contribuiu para uma reconceituação não só da metodologia da crítica, mas ainda dos gêneros literários.” (Evanildo Bechara)	SPrep. + SPrep.	Adição
DP2001	“Estudos descritivos da língua falada - que ocupa boa parte da pesquisa universitária atual -, ou descrição de falares regionais mediante gramáticas ou atlas lingüísticos, investigações no domínio da etimologia, entre outras, são tarefas de organismos especializados.”	SN + SN	Alternativa

	(Evanildo Bechara)		
DP2001	<p>“Neste sentido, nosso José de Alencar, em respostas a seus críticos, teceu considerações muito mais lúcidas sobre a introdução do estrangeirismo no português (no seu tempo eram os francesismos) do que muitos gramáticos da época e alguns do nosso tempo.” (Evanildo Bechara)</p>	<p>SAdj. + SN</p>	<p>Comparação</p>
DP2002	<p>“E aí o amor é entendido como algo mais amplo do que o simples ato de gostar.” (Paulo Coelho)</p>	<p>SAdj. + SN</p>	<p>Comparação</p>
DP2002	<p>“Com essa atitude arrogante, jamais percebemos a alegria, a imensa Alegria que está no coração de quem está lutando, porque para esses não importa nem a vitória nem a derrota, mas apenas olhar o mundo como se fosse uma pergunta - não uma resposta - e através dessa pergunta</p>	<p>SN + SN</p>	<p>Adição</p>

	tentam dignificar suas vidas.” (Paulo Coelho)		
DP2002	“Aos quarenta anos, quando resolvi comprar o meu primeiro computador, vi um Brasil paralisado pela Lei da Informática, caminhando a passos largos em direção - não ao futuro, mas ao passado.” (Paulo Coelho)	SPrep. + SPrep.	Adição
DP2003	“E se nem mesmo havia veredas ou picadas, ou se no meio do caminho só havia pedras, se não havia pontes ou porteiras abertas, se nada conduzia a estradas largas e pavimentadas, hoje olho o percorrido e constato como tantos fios tão tênues vieram se entretecendo, tramando de modo diferente e me trazendo a este momento.” (Ana Maria Machado)	SN + SN + SN	Alternativa
DP2003	“Realmente, nem Sílvio Romero, nem José Veríssimo, nem Ronald de Carvalho, os grandes	SN	Adição

	críticos historiadores da nossa literatura até então, se referiram a Adelino Fontoura.” (Ana Maria Machado)	+ SN + SN	
DP2003	“Impecável exemplo de cidadão, seja atuando como advogado, procurador-geral da República, ministro de Estado, ou ministro do Supremo Tribunal Federal, foi sempre um homem capaz de enxergar os pequenos e de oferecer sua plena capacidade profissional e intelectual ao grandioso serviço da nação.” (Ana Maria Machado)	SN + SN	Alternativa
DP2003	“Mas nem a amizade de Dr. Evandro pelo Presidente Goulart, nem as afinidades com a política das reformas de base do governo impediram que Lins e Silva mantivesse íntegras a inteligência e a clareza de análise daquilo que era essencial.” (Ana Maria	SN + SN	Adição

	Machado)		
DP2003	“Personalidade ímpar na vida brasileira, figura humana impressionante de quem muitos dos que aqui estão presentes se lembram bem, aquele homem de grande altura, não só física mas também moral e intelectual (...).” (Cicero Sandroni)	SAdj. + SAdj.	Adição
DP2003	“Sua atuação, naqueles anos de chumbo, não só na OAB, mas também na ABI, ao lado de Barbosa Lima Sobrinho, constituiu uma das pedras de toque na reconstrução democrática.” (Cicero Sandroni)	SPrep. + SPrep.	Adição
DP2003	“Mas no convívio desta Academia procurarei manter bem viva a memória do meu ilustre antecessor, não só nos meus estudos, mas também na organização de conferências e seminários sobre seus trabalhos de interpretação do Brasil.”	SPrep. + SPrep.	Adição

	(Cicero Sandroni)		
DP2003	“Assim, respondo aos amigos: além do usar o fardão, e receber a espada, o colar, o diploma, e o chapéu-de-dois-bicos – mais emplumado do que o de um mestre-sala de escola de samba –, o fato de ingressar nos quadros da Academia Brasileira de Letras não mudou nada em mim (...).” (Cicero Sandroni)	SAdj. + SN	Comparação
DP2004	“ Nem patronos nem fundadores foram alvo de saudação acadêmica individualizada. Assim, uma sessão que comportasse o elogio do antigo ocupante só poderia forçosamente ocorrer quando da primeira substituição de um fundador, celebrada em 30 de novembro de 1898.” (Antonio Carlos Secchin)	SN + SN	Adição
DP2004	“Curiosamente, nem A Razão, nem A Notícia, tampouco o Jornal do Comércio sublinharam o	SN +	Adição

	fato de Guanabara ter pertencido aos quadros da Academia Brasileira de Letras, preferindo reverenciá-lo como um grande jornalista (...).” (Antonio Carlos Secchin)	SN + SN	
DP2004	“Sua obra, cujo padrão estilístico é comparado ao de frei Luís de Sousa, não foi contemplada com reedições, e tornou-se de difícil acesso, quer em alfarrabistas, quer em bibliotecas públicas ou particulares.” (Antonio Carlos Secchin)	SPrep. + SPrep. + SAdj.	Alternativa
DP2004	“Note-se que dos oito participantes do debate abolicionista aqui mencionados, todos foram, à exceção de Luís Gama, ou fundadores, ou patronos de cadeiras da Academia.” (José Murilo de Carvalho)	SN + SN	Alternativa
DP2004	“Publicou obra poética não muito vasta, mas de extraordinário apuro	SAdj.	Adição

	formal, sobretudo em sua fase parnasiana.” (José Murilo de Carvalho)	+ SPrep.	
DP2004	“Ninguém também tão diferente de Raimundo Correia quanto seu sucessor, o médico e cientista Osvaldo Cruz, um paulista de Piratininga.” (José Murilo de Carvalho)	SAdj. + SN	Comparação
DP2004	“(…) Rachel escrevia dentro da tradição ficcional brasileira que sempre vinculou literatura e nação. Em seu caso, a vinculação era entre literatura e região, mas a região era vista como componente da nação. Tal região, qual romance, talvez dissesse Flora Sussekind.” (José Murilo de Carvalho)	SN + SN	Comparação
DP2004	“O mundo sertanejo de Rachel pode ser o mundo de Graciliano Ramos, mas não é o de José Lins do Rego ou de José Américo, muito menos o de Jorge	SPrep. + SPrep.	Alternativa

	Amado ou de Gilberto Freyre, esses últimos todos centrados na economia e na cultura do açúcar.” (José Murilo de Carvalho)		
DP2006	“Assim se manifestou Hannah Arendt em 1969 ao receber a Medalha Emerson-Thoreau da Academia Americana de Artes e Ciências, discorrendo tanto sobre a distinção que lhe era conferida quanto sobre o significado da sua integração nos quadros de uma instituição cultural de reconhecida importância pela qual tinha o maior respeito.” (Celso Lafer)	SPrep. + SPrep.	Comparação
DP2006	“Alceu Amoroso Lima, uma das figuras tutelares da nossa Academia, tratando do território do pensamento, que dominava com plenitude, escreveu em 1980 que no Brasil ‘nenhuma figura até hoje conseguiu manter uma	SAdj. + SAdj. + SAdj. + SAdj.	Comparação

	linha de unidade e variedade globais tão nítida, tão coerente, tão original e tão profunda como a de Miguel Reale'." (Celso Lafer)	+ SN	
DP2006	"Ela abre espaço para a 'atitude de filosofar' e para uma preocupação não apenas com os focos irradiadores das influências recebidas, mas com o que condicionou determinada receptividade." (Celso Lafer)	SPrep. + SPrep.	Adição
DP2006	"Ao mesmo tempo ponderou o alcance da "vis directiva" dos valores na experiência jurídica e o seu papel propiciador da expansão não apenas lógica mas axiológica de um ordenamento legal." (Celso Lafer)	SAdj. + SAdj.	Adição
DP2011	"O teólogo não é um ser errático, desarraigado da realidade. Ele participa dos condicionamentos de seu tempo tanto	SAdj. + SAdj.	Adição

	materiais como espirituais.” (Marco Lucchesi)		
DP2013	“Homem do mundo, representou o Brasil em três continentes, sem renunciar à vocação literária que expandiu-se em gêneros tão diversos quanto poesia, conto, romance, ensaio e biografia.” (Rosiska Darcy de Oliveira)	SAdj. + SN	Comparação
DP2013	“Dele participa todo o acervo da criação dos que escrevem, compõem, pintam, filmam, pensam a nossa origem e destino, desdobrados em múltiplos mistérios que se escondem nos corpos e almas, os inventores e arquitetos, todos nós, criadores de arte e pensamento, construtores de mundos, fazemos parte desse vitral, exposto ora às luzes da liberdade, ora ao ensombrecer da opressão.” (Rosiska Darcy de Oliveira)	SPrep. + SPrep.	Alternativa

DP2013	<p>“Escrever é um desafio ao indevassável sentido da existência. É uma busca incansável de sentido, esse que nos escapa a cada dia e a cada geração, mas cujo desejo persistente e renovado de encontrá-lo remete à definição camusiana do mundo como absurdo, não em si mesmo, mas no nosso insopitável desejo de que ele não seja como é.” (Rosiska Darcy de Oliveira)</p>	<p>SPrep. + SPrep.</p>	<p>Adição</p>
DP2013	<p>“Nem o outro nem o mesmo do masculino, tampouco o seu avesso, emerge onde encontra brechas, imprevisível.” (Rosiska Darcy de Oliveira)</p>	<p>SN + SN + SN</p>	<p>Adição</p>
DP2017	<p>“Talvez mais pelos ataques à igreja do que pela ousadia sexual, suas memórias publicadas postumamente, <i>Quando</i></p>	<p>SPrep. +</p>	<p>Comparação</p>

	<i>eu era vivo</i> , ainda não sejam recomendáveis aos conventos de freiras, como observou.” (João Almino)	SPrep.	
DP2018	“Propôs o que chamaríamos hoje de nacional-desenvolvimentismo. Ou neodesenvolvimentismo. Ou produtivismo.” (Joaquim Falcão)	SN + SN	Alternativa
DP2018	“No fundo, nem Simonsen, nem Gudin, dispensavam a presença do estado na economia.” (Joaquim Falcão)	SN + SN	Adição
DP2018	“Sou dos que acreditam que mesmo em era visual, nunca se leu tanto no mundo. Apenas, lê-se diferentemente. Sejam grandes romances, instalações, twitter, facebook ou whatsapp.” (Joaquim Falcão)	SN + SN	Alternativa

DP2019	“Eu devia ter uns cinco anos de idade, quando fui pela primeira vez ao cinema, em Maceió, terra natal de minha família, tanto materna quanto paterna.” (Carlos Diegues)	SAdj. + SAdj.	Comparação
DP2019	“ Nem o puro, nem o impuro, têm futuro. Porque não há futuro.” (Carlos Diegues)	SN + SN	Adição
DP2019	“A academia é, e precisa ser cada vez mais, não só a guardiã da memória mais completa da cultura desse país, como também um instrumento de sua criação e divulgação.” (Carlos Diegues)	SN + SN	Adição